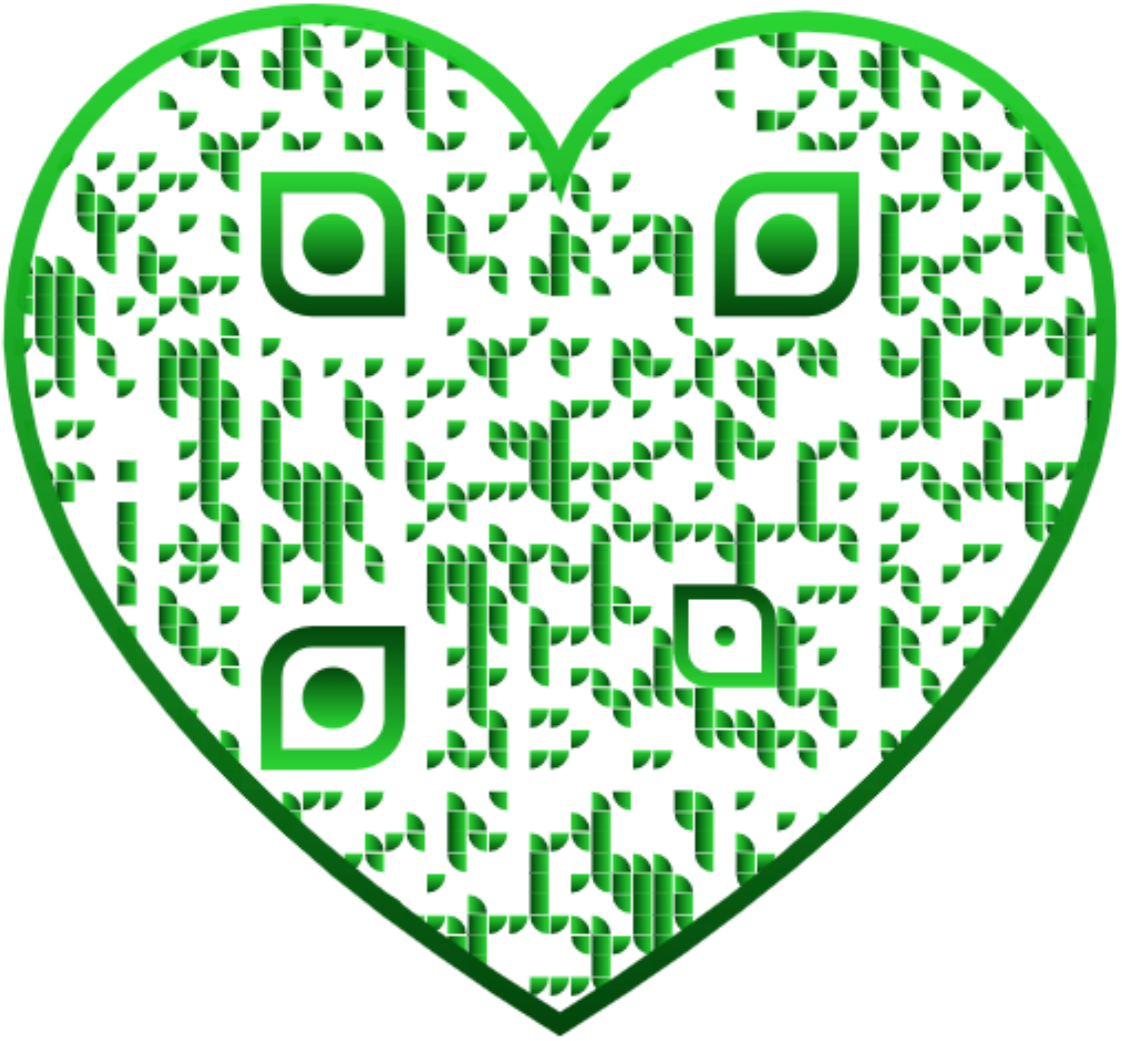
BIANCA BRIONES
Um livro da série Batidas Perdidas
O DESEJO SECRETO DO coração



O DESEJO SECRETO DO *coração*

BIANCA BRIONES

Um livro da série *Batidas Perdidas*

O DESEJO SECRETO DO *coração*

Copyright © 2020 Bianca Briones

Coordenação Editorial: Bianca Briones

Revisão: Janda Montenegro

Diagramação e capa: Lari Azevedo

ISBN: 978-65-990633-4-3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Briones, Bianca

O desejo secreto do coração / Bianca Briones. -- São Paulo : [S.n.], 2020.

214 p.

ISBN 978-65-990633-4-3

20-2112

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira B869.3

ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO.

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime

estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do

Código Penal.

Este livro é dedicado a todas as mulheres
que foram feridas e aprenderam a ter medo,
como proteção. Sempre é tempo de pedir ajuda.

Você não está sozinha.

Antes de começar a leitura, leia isso:

Se você é novo no universo Batidas Perdidas, seja bem-vindo! Saiba que, apesar deste ser um livro de uma série, cada volume é independente, então pode ler **O Desejo Secreto do Coração** sem se preocupar. Você não se sentirá perdido na leitura e, se gostar, poderá ler os outros volumes depois.

Agora, se você me acompanha desde início, você sabe que foi um longo caminho para chegarmos até aqui.

Assim como as outras, esta história foi escrita com muito carinho.

No final, há um bônus: o conto de Ano Novo, que lancei no final de 2016 na Amazon.

Espero que gostem!

Beijo,

BIANCA BRIONES

ORDEM CRONOLÓGICA DOS LIVROS E PROTAGONISTAS DA SÉRIE BATIDAS PERDIDAS:

1 - As Batidas Perdidas do Coração
Protagonistas: Rafael Ferraz e Viviane Villa

2 - A Escolha Perfeita do Coração
Rafael Ferraz e Viviane Villa

2.1 - Conto: O Primeiro Natal
Rafael Ferraz e Viviane Villa

3 - O Descompasso Infinito do Coração
Bernardo Albuquerque e Clara Bertolazzo

4 - O Desapego Rebelde do Coração
Branca Albuquerque, Lex Rocha e Rodrigo Villa

4.1 - Conto – Entre o Último e o Primeiro Dia
Rafael Ferraz e Viviane Villa

5 - O Desejo Secreto do Coração
Lucas Ferraz e Fernanda Villa

Batidas Perdidas #6 (previsão de lançamento: 2021)
Quem sobrou do triângulo do Desapego e (spoiler)

Batidas Perdidas #7 (previsão de lançamento: 2022)

Mila Vizibelli e Vicente Villa

Batidas Perdidas #8 (previsão de lançamento: 2023)
Spoiler e spoiler. haha

FAMÍLIAS E IDADES ATUAIS DOS PERSONAGENS CITADOS NESTE ROMANCE:

Os Villa

Viviane (24) e Rodrigo (23) – irmãos. Eles têm dez meses de diferença.

Vicente (30), Fernanda (24) e Thiago (22) – irmãos (e primos de Vivi e Rodrigo)

Os Albuquerque

Branca (26) e Bernardo (23) – irmãos

Clara (26) – casada com Bernardo desde O Descompasso.

Os Ferraz

Rafael (29) e Lucas (24) – primos

OUTROS PERSONAGENS PRESENTES:

Augusto (28) - marido da Fernanda

Mila (24) – amiga de infância da Viviane

IDADE ATUAL DAS CRIANÇAS JÁ CITADAS EM OUTROS LIVROS:

Os gêmeos Pedrinho e David – 7 anos – Filhos da Clara e do Maurício

Felipe – 5 anos – Filho da Fernanda e do Augusto

Priscila – 2 anos – Filha da Viviane e do Rafael

Capítulo 1

Fernanda

You tell me it gets better, it gets better in time
You say I'll pull myself together
Pull it together, you'll be fine
Tell me, what the hell do you know? What do you know?
“TIL IT HAPPENS TO YOU” – LADY GAGA[1]

Quando eu tinha dois anos, meu pai foi embora. Ele sequer olhou para trás.

Quando eu tinha dez anos, Vicente, meu irmão mais velho, foi embora. Ele olhou para trás, mas havia dor demais ali para que ele pudesse ficar.

Quando eu tinha dezoito anos, Thiago, meu irmão caçula, seguiu os passos do Vicente. Ele chorou quando se despediu de mim, mas se foi mesmo assim.

E, pouco depois, meu tio Pedro se foi. Ele teria ficado, mas a morte veio buscá-lo.

Minha mãe ainda está aqui, mas não sei se ela se lembra de que temos laços. Ela é prática. Decidida. Fria. O modo que ela encontrou para superar todas as perdas foi se fechar. Às vezes me pergunto se ela percebe que eu fiquei.

O fato era que, eventualmente, não importava o quanto eu amasse as pessoas, todas elas iam embora. Então, quando engravidei, aos 18 anos, e meu namorado quis ficar, eu me senti a garota mais sortuda deste mundo. Ele era meu príncipe encantado. Era meu cavaleiro no cavalo branco. Então, ainda aos 18, antes que alguém pudesse piscar, eu me casei com o primeiro homem que quis ficar.

Eu não era mais que uma criança, mas, se me casasse com o príncipe, eu teria o meu final feliz, não é mesmo?

Eu o quis por tanto tempo que, quando ele surgiu, tudo o que fiz foi abraçá-lo. Eu o abracei com força, mas ele me abraçou com muita força. Com tanta força que, com o tempo, foi se tornando difícil respirar.

Seria uma evidência?

Eu deveria ter percebido?

Mas não fui eu que pedi esse príncipe?

E, se eu pedi por ele, deveria aceitar tudo até o fim?

Acordo assustada quando o despertador do celular toca. Sento-me na cama e faço uma careta quando meus pés tocam o chão frio. Olho para o lado, procurando meus chinelos, e encontro-os perto da cômoda. Augusto ainda está dormindo e saio do quarto com cuidado para não o acordar. Estamos casados há seis anos e é assim que todos os dias começam: acordo antes para preparar o café enquanto ele dorme um pouco mais, mesmo aos domingos. Não é algo de que eu goste muito, mas ele ficou chateado quando falei sobre revezarmos. Como meus horários são mais flexíveis, é o mínimo que posso fazer... pelo menos foi o que ele disse, e resolvi não criar caso.

Ligo a cafeteira e me viro para pegar a toalha de mesa. São movimentos automáticos, quase robotizados. Tento evitar que os pensamentos da noite passada retornem. Talvez eu deva parar de ler romances românticos. Vida real é diferente. Não sei por que me sinto tão incomodada nos últimos meses. É melhor não pensar muito. A vida é o que é e pronto.

Capítulo 2

Lucas

Where did I go wrong, I lost a friend
Somewhere along in the bitterness
And I would have stayed up with you all night
Had I known how to save a life[2]
“HOW TO SAVE A LIFE” – THE FRAY

Dizem que só damos valor para as pessoas depois que as perdemos. Eu discordo. Meus pais me ensinaram a ser grato a cada um que entra em nossa vida e sempre dou a melhor parte de mim, mesmo quando talvez não devesse. Mas isso não vem ao caso agora, porque quando fecho meus olhos depois de olhar para o porta-retratos, tudo o que lembro é do dia em que meu mundo perdeu a cor.

Eu estava respondendo uma mensagem no celular quando vi Priscila abraçando Rafael, na porta da casa da tia Rosalia, mãe deles. Mesmo não estando perto, sabia que ela estava lhe pedindo para se comportar, e com isso queria dizer para que não se envolvesse com álcool, drogas e brigas. Mas esse era o Rafa, né? E ele era bem difícil de controlar.

— Ei, Lucas, vou dormir na sua casa hoje. — Ela andou para perto de mim, com as mãos para trás.

— Ih, Pri, eu não vou para casa agora. — Ela não disse nada, mas reconheci a decepção em seu rosto no mesmo instante. — Está tudo bem?

— Está. É que eu queria conversar. Sei lá. Passar a noite acordada. Só jogando conversa fora.

— Hum... Eu tenho que ir a esse lugar antes, mas devo estar em casa em uma hora, no máximo duas.

— Ah... — De onde vinha tanta tristeza?

— Ah, nada. Se você estiver dormindo, vou te acordar. — Acariciei seu braço, fazendo-a olhar para mim.

— Promete?

— Prometo. Combinado?

— Combinado. Eu sei que não importa o que aconteça, você vai me acordar.

Dei um beijo em seu rosto e ela sorriu, abrindo a porta traseira do carro dos meus pais.

— Ei, Lucas! — Eu me virei e ela estava encostada na janela do carro. — Você sabe, né?

— É claro que eu sei — respondi, andando em direção a casa. Tinha que avisar o Rafael que eu ia com ele.

Priscila era a pessoa mais adorável do mundo e sempre fazia questão de se despedir deixando seus sentimentos claros.

— Mais que todas elas.

— Idem, Pri. Mais que todos eles.

Nós nos olhamos por longos segundos. As coisas estavam um pouco estranhas aqueles dias. Conversar seria bom.

— Não se esqueça da sua promessa.

— Não vou esquecer. Eu vou te acordar, ou morrer tentando. — Fiz uma careta dramática.

E ela sorriu outra vez. Um sorriso genuíno. Já não estava mais chateada com o que quer que fosse. Meus pais chegaram, se juntaram a ela e colocaram meu irmão adormecido no banco de trás. Observei-a fechar a porta e me olhar, enquanto o carro sumia de vista.

Não senti nada de diferente. Nem uma previsão. Um instinto. Um aviso. Nada. Parecia uma despedida normal, mas não era.

Não consegui cumprir a minha promessa.

Não consegui acordar a Priscila.

As pessoas que eu mais amava no mundo estavam naquele carro e nunca mais vi nenhum deles com vida.

— O que está rolando, primo? — Rafael dá um leve empurrão no meu ombro me trazendo para o presente, tentando ser o mais delicado que consegue.

Eu estava em sua casa há alguns minutos. Combinamos de jantar. Ele tinha ido ao mercado, e Viviane, sua esposa, me deixara entrar. Na sala, uma foto da primeira Priscila – irmã de Rafael, que havia morrido no acidente com meus pais e irmão –, me levou ao passado. O nome dado à filha foi uma bonita homenagem, mas era inevitável sentir certa melancolia às vezes.

— Nada — respondi, por fim.

— Nada o...

— Papai! — Priscila aparece correndo, os bracinhos abertos, fingindo ser um avião. Apareceu bem a tempo de ver o pai engolir um palavrão. — Tio Lu! — ela grita ao me ver.

— Oi, meu anjo. — Eu a pego no colo, retribuindo o abraço. Ela me

dá um beijo estalado e envolve meu pescoço.

— Você vai acabar matando seu tio, pequena. — Rafael sorri, bagunçando os cabelos da filha.

— Desenho? — ela me pergunta, surpreendendo-me por não pedir para brincar com ela, o que normalmente faz.

— Claro.

— Ela está um pouco resfriada e meio amuadinha hoje. — Rafa me explica o motivo da bateria fraca dessa criança imparável.

— Ah, então hoje será uma noite bem leve. Que tal ver um desenho comigo e sua mãe, enquanto seu pai cozinha?

— Eba! Comida do papai.

Sento no sofá e a coloco ao meu lado, enquanto pego o controle-remoto, olhando para Rafael.

— Ela está viciada em Scooby Doo. Eu não aguentava mais aquela *maldita* da Galinha Pintadinha. — A ênfase que ele dá no maldita deixa claro o quanto ainda é difícil segurar os palavrões. — É só apertar o play. Vou tomar um banho e volto para cozinhar para vocês já já.

Poucos segundos depois, meus pensamentos são libertos de qualquer dor. As reações de Priscila ao desenho me mantêm aqui no presente.

Capítulo 3

Fernanda

I don't wanna be the last man standing
I don't wanna be the lonely one
Picking petals when the party's over
No, it's not any fun
Cause I'm fragile
And you know this[3]
“HOLLOW” – TORI KELLY

Abro a porta de casa para meu filho, que desce do transporte escolar. Felipe acabou de fazer cinco anos, mas carrega em si uma dose imensa de força e imaginação. Os cabelos escuros estão bagunçados. São tão fininhos, que se esparram pela testa. Os olhos negros irradiam. Eu me sinto muito abençoada por ser sua mãe.

— Mamãe, mamãe! Vamos brincar? — ele corre pela sala.

— Primeiro eu preciso preparar o jantar, lembra?

— É... eu tô com fome. — Passa a mão na barriguinha. — Acho que roncou. — Ele sorri em meio a uma careta.

— Então, primeiro o banho, depois você pode me ajudar a cozinhar.

— Posso colocar as cebolas?

— Sim. — Eu me abaixo para pegar os tênis que ele tira de um jeito espalhafatoso.

— E o alho? — Ele pega o tênis da minha mão e me olha do início da escada.

— Claro.

— Vai me esperar para decidir o que vai fazer? — Ele coloca um pezinho no primeiro degrau da escada.

— E eu não espero todos os dias? — Coloco as mãos na cintura, depois me aproximo, aconchegando meu filho nos braços.

— Eu gosto de confirmar — ele me responde, antes de dar um beijo no meu rosto e subir correndo.

— Não corra na escada! — digo, observando-o chegar ao topo como um raio.

— Desculpa. — O safado dá uma risadinha, me olhando lá de cima. — É pra colocar o pijama, né?

— Exatamente. — Eu o sigo para ajudar.

Momentos mais tarde, estou secando seus cabelos com a toalha. Ele balança os pés na beirada da cama.

— O que você fez hoje?

— Coisas da casa.

— Só isso?

— É bastante coisa.

— Eu sei, mas, e pra você?

Sorrio com a pergunta, tão séria e com um tanto de profundidade incomum para a idade.

— Hum... eu li um pouco daquele livro que estava lendo ontem.

— Aquele que a mulher ficou invisível?

Todos os dias, conto para ele um pouco sobre o livro que estou lendo. Se o assunto é impróprio para a idade, conto algo que se adeque. Dessa vez, estou lendo um romance em que a mulher foge de um relacionamento abusivo. Eu disse a ele que era um livro sobre uma mulher que desapareceu em um piscar de olhos.

— Ela não ficou invisível. Ela desapareceu. — Explico, pendurando a toalha no banheiro.

— Igual mágica?

— Um pouco diferente.

— Igual bruxaria?

— Acho que há um pouco de magia em desaparecer de uma situação ruim, certo? — Ele balança a cabeça, me ouvindo atentamente, e eu lhe estendo a mão. — Então, talvez ela tenha um poder mágico, sim.

— Sabia!

— Sabia, é? Como?

— Ouvi o tio Rô dizer ao tio Lu que as mulheres têm magia.

Contenho a risada ao descermos as escadas. Conheço bem meu primo, e imagino o que ele quis dizer com isso. Felizmente, podemos contar com a inocência das crianças.

Estou terminando de arrumar a mesa quando Augusto chega.

— O que tem para comer? — Ele tira o paletó e a gravata, pendurando-os na cadeira.

— Lasanha. Eu pedi e a mamãe fez — Felipe responde antes de mim.

— Não estava a fim de comer massa hoje. — Seu tom não esconde a reclamação.

— Eu que pedi.

O modo como Felipe responde rápido me traz uma sensação pesada ao peito. Ele está começando a se acostumar a querer desviar a atenção da bronca para si. Isso não é correto.

— Você disse na semana passada que estava com vontade de comer lasanha — intervenho.

— Não em uma segunda-feira. — Ele se senta. — Bom, já que é isso, então coloca pra mim.

Inspiro profundamente, procurando as palavras certas.

— Meu avô ligou e disse que preciso ir à agência amanhã.

“Meu avô” é quase uma expressão mágica para Augusto. Vô Fernando é dono de uma das maiores agências de publicidade de São Paulo. Ele tem muito dinheiro; odeio que Augusto o veja como sinônimo disso, mas sei que o assunto o distrairá.

— Será que ele vai te chamar para trabalhar com ele? Estava mais do que na hora. Se você tivesse se formado em Publicidade, como o seu primo, já estaria ganhando um bom dinheiro por lá. E olha que o Rodrigo não presta pra nada. Nem deve ter assistido às aulas.

— Isso não é verdade, ele...

— O que seu avô disse? — ele me corta. Tão comum quando o assunto não é o que ele quer.

— Disse que quer conversar sobre um projeto.

— Tá vendo? Estou certo. Tomara que seja bem rentável. Se não for, você nem sai daqui.

Quero rebater, mas o modo como Felipe presta atenção a todos os detalhes faz com que eu me cale. Se eu sair em defesa do meu primo ou dizer que não gosto do modo como Augusto fala da minha família, vamos discutir, e não quero que nosso filho presencie outra briga.

Eu me calo porque aprendi que a segurança está no silêncio.

Capítulo 4

Lucas

Pra começar
Cada coisa em seu lugar
E nada como um dia após o outro
Pra que apressar?
Se nem sabe onde chegar
Correr em vão se o caminho é longo
“UM DIA APÓS O OUTRO” – TIAGO IORC

— Você devia ter ido comigo ontem à noite. Cara, que festa! — Rodrigo abre as mãos para narrar mais uma das suas aventuras noturnas.

— Passei no Rafa pra ver a Pri e a Vivi. Não tenho mais idade pra essa sua vida de festa todo dia — comentei, fazendo sinal para o garçom.

— Falou o senhor de idade que acabou de completar vinte e quatro anos. — Ele ri. — Não é à toa que você é o preferido do meu avô. Ainda bem que eu não ligo pra essas merdas.

Agradeço mentalmente por Rodrigo nunca ter se importado por sua família me tratar como se eu fizesse parte dela. Na verdade, ele foi o primeiro a fazer isso, quando tínhamos dezoito anos. Nós nos tornamos irmãos pouco

após nos conhecermos na terapia de grupo. Viviane e ele tinham perdido o pai, e eu havia perdido todos da minha família, menos o Rafael. Quem diria que Rafa e Vivi se apaixonariam e conectariam a família de forma definitiva?

O avô do Rodrigo e da Viviane veio no pacote. Fernando Villa, um dos homens mais incríveis que já conheci. Trabalho diretamente com ele e aprendo todos os dias ali mais do que em qualquer faculdade. Faculdade, aliás, que ele insistiu em pagar. Esse homem me estendeu a mão quando eu estava perdido. Não nego não. Sou apaixonado por esse vô. Não há nada que eu não faça por ele.

— Se você está esperando que vá negar que sou o preferido, adianto que não vou — provoco Rodrigo, enquanto esperamos a comida.

— Tô esperando nada não, ô miserável. Pode ficar com a preferência do meu avô. Aproveita e entra na lista de prioridades das intromissões dele, pelo amor de Deus. Já já ele coloca um radar na minha bunda.

— Ele passa um pouquinho dos limites quando o assunto é controle.

— Um pouquinho? No outro dia ele brincou que pagaria uma mulher pra sair comigo e me consertar.

— Ele não pode falar essas coisas. — Balanço a cabeça, preocupado. —Expliquei para ele no outro dia que mulheres não são centro de reabilitação. Até mandei um vídeo que deixava isso claro, e ele me xingou

perguntando se ele tem cara de tio do Whatsapp. Seu avô é de outro tempo, mas vai aprender.

— Ah, tenho certeza de que isso ele vai aprender, sim, mas e quanto a me deixar livre? Você todo dia o atualiza sobre respeito, direitos e essas paradas, mas quem vai falar com ele sobre deixar o netinho aqui livre, hein?

— Oh, pobre menino rico. — Reviro os olhos, e ele ri mais ainda, recebendo olhares de umas meninas na mesa ao lado.

Sei bem que ele está apenas enchendo meu saco com esse papo de liberdade. Ele tem tudo o que quer e mais um pouco. Além do mais, todos nessa família sabem que vô Fernando é maníaco por controle, mas só tem a pose de durão. É um tremendo coração mole. Nem é difícil exercer a função de patriarca que precisa saber de tudo em uma família em que ninguém consegue guardar um segredo.

— Ei, sério agora. Fiquei com a Branca de novo ontem.

Isso me chama atenção. Rodrigo e Branca começaram a ficar há alguns meses, escondido de todo mundo. Está aí um segredo que vô Fernando não sabe. Isso porque o único que sabe disso sou eu, e eu sei ficar calado.

— Ela estava na festa?

— Estava nada. A festa não estava lá tão boa assim. Depois de um tempo, apareci na casa dela com uma garrafa de tequila. — Ele ergue uma

sobrancelha. — E aí, pronto.

O garçom traz nossos pedidos e dou logo uma garfada.

— Vocês deviam assumir e ir ao casamento da Clara e do Bernardo juntos. — Digo depois de engolir.

— Cê tá doido, parça? — Rodrigo engasga de forma cômica.

— Mas não tá bom?

— Tá ótimo.

— É só sexo?

— É... — Ele tenta responder, mas o encaro. Eu o conheço demais para que consiga mentir para mim. — Não.

— Então por que não assumir?

— Porque vai estragar. As coisas estão bem assim.

— Vocês são doidos.

— Menino Lucas, o senhor está namorando e eu não sei?

— Não, claro que não. Tô solteiro há um tempo. Um rolo aqui e ali, mas nada desenvolve. Tô de boa.

Agora é ele que me encara. Estou mentindo. Não estou lá muito de boa não. Sinto falta de ter alguém. Muita falta mesmo. Tentei algumas vezes

e parece que namorar não é para mim.

Sei que ele quer me perguntar sobre isso. Sou salvo por uma mensagem no celular do vô Fernando:

REF, às 14h.

REF é um código que Fernando Villa usa apenas comigo. Significa “Reunião de Emergência Familiar”. Normalmente é o início de alguma ideia genial e maluca que mudará a vida de alguém que ele ama.

Sorrio. Lá vai o vô Fernando aprontar outra vez.

Capítulo 5

Fernanda

Quando se viu pela primeira vez
Na tela escura de seu celular
Saiu de cena pra poder entrar
E aliviar a sua timidez
Vestiu um ego que não satisfez
Dramatizou o vil da rotina
Como se fosse dádiva divina
Queria só um pouco de atenção
Mas encontrou a própria solidão
Ela era só uma menina
“DESCONSTRUÇÃO” – TIAGO IORC

— Será algo muito bom, meu anjo — diz vó Ângela, referindo-se ao projeto do meu avô.

— Estou curiosa, mas o vô disse que não me contará nada antes da nossa reunião.

Ela pergunta sobre minha mãe. Não nos falamos há alguns meses, então não pude ser muito útil. Não gosto muito disso, mas assim é a mamãe.

“Crianças sempre atrapalham” é seu lema e, apesar de meus irmãos e eu sermos adultos, continuamos crianças para ela. Há uma desconexão entre nós. Não sei explicar.

Pensar nos rapazes me dá saudade. Vicente é o mais velho e tem trinta e dois anos. Ele é cardiologista e faz parte dos Médicos Sem Fronteiras. Nunca o vi parar por muito tempo em um lugar. Já Thiago tem vinte e dois e mora há seis anos com o irmão do vô Fernando na Espanha. Ele tem uma banda muito popular por lá.

Nós nos falamos quase todos os dias. As redes sociais ajudam com isso, mas sinto falta de tê-los por perto. Sei que o Felipe adoraria crescer com os tios aqui.

Oi, meninos!

Envio uma mensagem no grupo Villa Hermanos. Não demora muito e Thiago responde:

Fala, hermanita!

Vicente nem recebeu a mensagem ainda. Ele está no Sudão do Sul, na África. Nem sempre consegue sinal.

Fernanda:

Oi, Thi.

Você tá bem?

Thiago:

Sempre.

E você?

Fernanda:

Também.

Thiago:

O que conta de novo?

Fernanda:

O vô me chamou pra conversar na agência, mais tarde.

Ainda não sei sobre o quê.

Vicente:

Não deixa aquele velho teimoso te amarrar em algum plano que você não queira.

Aperto o celular ao ver que Vicente apareceu. Como eu queria poder viajar por esse aparelho.

Fernanda:

O vô não faria algo assim.

Vicente:

É o que ele mais faz, hermanita.

Thiago:

Se ele pudesse, estaríamos todos aí, nem que fosse na marra.

Fernanda:

Isso seria tão errado assim?

Thiago:

SIM!

Vicente:

SIM!

Fernanda:

Eu entendo que não é legal estar em um lugar quando não se quer. Entendo bem, mas somos família. Nesse ponto, sou como o vovô: se eu pudesse, todos estaríamos juntos.

Vicente:

Não é à toa que você tem o nome dele. Hehe

Sabe que te amamos, não é?

Logo estaremos juntos.

Fernanda:

Quando?

Thiago:

Não consigo nos próximos meses, mas vou tentar em breve.

Vicente:

Eu também.

Te amo, hermanita.

Dá um abraço apertado no Felipe.

Falo com vocês no fim de semana, ok?

Encerro a conversa e pego a bolsa para sair. É hora de descobrir qual o plano secreto do vô Fernando.

Capítulo 6

Lucas

Some things we don't talk about
Rather do without
And just hold the smile
Falling in and out of love
Ashamed and proud of
Together all the while[4]
THE FRAY – NEVER SAY NEVER

Chego à recepção um pouco antes das 14h e paro na cozinha, decidido a tomar mais um café antes de voltar ao trabalho. Uma recepcionista passa por mim, não sem antes trocar um olhar. Ela é nova na agência e tivemos pouco contato.

— Até eu que não me ligo nessas coisas vi isso. — Clara sorri, atrás de mim.

— Você conhece as regras, Clara. — Sorrio de volta, antes de colocar uma cápsula de cappuccino na cafeteira e ligá-la.

— Eu pensei que a regra sobre não namorar as recepcionistas fosse para o Rodrigo. — Ela coloca as mãos na cintura, analisando-me.

Clara me conhece bastante. Nós nos tornamos grandes amigos depois que ficamos no aniversário do Rodrigo. Não passou de alguns beijos, e eu teria levado adiante, se ela não fosse apaixonada pelo Bernardo, com quem, aliás, vai se casar em breve.

— Se a regra valer só para ele, aí que ele não obedecerá. — Eu a faço rir. — E não é só para as recepcionistas, é para toda a agência.

— Não que ela tenha me dito algo, mas acho que a Joana está interessada em você — menciona, referindo-se à garota que acabara de sair dali.

— Hum... Talvez.

— Você nunca arriscaria, não é?

— Não. Eu nunca o decepcionaria.

Nenhum de nós precisa falar. Clara também tem um carinho enorme por Fernando Villa. Ele lhe deu um emprego aqui assim que ela se divorciou e a tranquilizou sobre como seria com os filhos. Ele faz o que pode para que toda mãe se sinta acolhida na agência.

— Você é um bom menino, Lucas. — Seu olhar tem o mesmo brilho maternal que irradia quando ela quer cuidar de alguém. — Na hora certa, vai dar certo — repete as palavras que me disse quando terminei meu último relacionamento.

— Tem alguma coisa na minha expressão? — Termino de preparar o cappuccino e o entrego a ela. É sua bebida favorita. — Como um cachorro que caiu da mudança ou algo assim?

— Algo desolador, você quer dizer? — Ela me analisa e coloco uma cápsula de café na cafeteira.

— É? Tem algo desolador na minha cara?

— Deixa eu ver... — Ela estreita os olhos e me encara. — Nada além da sua carinha normal.

— Minha cara normal deve ser muito trágica. — Bebo meu café e pisco para ela. — Estou bem, ok? Você não precisa se preocupar comigo.

Clara assente, saboreando seu café. Eu sei que minhas palavras não serviram para nada e ela vai continuar se preocupando. Ela é assim. Observadora demais. Atenta demais. Carinhosa demais. Há nela aquele senso de cuidado que existe em quem já sofreu muito: o de estar sempre atenta aos sinais de sofrimento nos outros para que ela possa curá-los. Eu sei disso porque somos parecidos.

Pergunto sobre os preparativos para o casamento e ela me conta, bem feliz. É gostoso ver sua felicidade sabendo de tudo o que ela teve que passar para chegar até este momento. Isso me desperta um sentimento muito bom no peito, como se eu pudesse ter esperança.

Capítulo 7

Fernanda

Maybe I know, somewhere
Deep in my soul, that love never lasts
And we've got to find other ways
To make it alone or keep a straight face
And I've always lived like this
Keeping a comfortable distance
And up until now I had sworn to myself
That I'm content with loneliness
Because none of it was ever worth the risk[5]
PARAMORE – ONLY EXCEPTION

A agência do meu avô é um dos lugares mais encantadores que já vi. Cheio de computadores de última geração e com uma decoração moderna, há um pedacinho de natureza aqui e ali.

Paro na recepção para dar um oi para a Clara, mas não a vejo.

— O sr. Fernando está esperando por você.

A recepcionista me avisa e sigo para a sala do meu avô, ajeitando a pequena caixinha em minhas mãos. Estou tão ansiosa para saber o que ele vai achar dos biscoitos que fiz, que me esqueço por alguns instantes para que

vim. Dou duas batidas à porta, antes de entrar.

— *Cariño*! — Vô Fernando coloca as folhas de papel que analisava sobre a mesa e se levanta, vindo ao meu encontro.

Acomodo a caixinha na mesa antes de abraçá-lo bem forte. Eu me permito ficar nesse abraço o máximo que posso. Meu avô tem um cheiro tão bom! Tem cheiro de amor e segurança. Cheiro de casa.

— Oi, vô. Eu trouxe uma surpresa! — Entrego-lhe a caixinha e observo sua reação.

Vô Fernando a pega em suas mãos, aproxima-a do nariz e inspira o perfume dos seus biscoitos preferidos. O sorriso que brota em seus lábios é repleto de contentamento ao sentir o aroma da receita secreta dos biscoitos de família.

— Canela... — Ele abre, pega um dos biscoitos e o coloca inteiro na boca. — Não conte aos outros, mas você é minha neta preferida. Pensando bem, pode contar, sim. Eles que lutem.

— Pra quem disse que não entendia de memes, o senhor está muito bem. — Ouço uma voz atrás de nós, perto da porta. É o Lucas. — Desculpe interrompê-los. Pensei que o sr. Fernando estaria sozinho. Tínhamos uma reunião agora. Devo voltar mais tarde?

— Não. Você está no horário, como sempre. Venha cá. Coma um

biscoito. Não é sempre que tenho meus netos preferidos na mesma sala. Eu diria que é uma coincidência incrível, não é mesmo?

Lucas me cumprimenta com um aceno de cabeça. Eu o observo passar a mão nos cabelos cacheados enquanto se aproxima.

— Se o senhor marca a reunião, não é coincidência, sr. Fernando. — Ele aponta a cadeira para que eu me sente e faz o mesmo na cadeira a meu lado.

Meu avô nos olha com a maior cara de inocente, o que não nos enganaria nem se não o conhecêssemos. Com calma, ele coloca os óculos de leitura e se ajeita na cadeira de couro. É impossível saber o que ele pensa enquanto nos encara em silêncio.

— Será que aquele miserável do Rodrigo tem razão e estou ficando gagá?

— O senhor está muito bem, vovô. — Sorrio. Sei que ele fará o que quiser, então, aguardo. Acho que parte de mim até gosta desses preparativos todos. — Mas precisa me dizer logo por que me chamou. Estou curiosa.

— Podemos pular a parte em que eu não os trouxe aqui de propósito? — Ele ergue sua sobrancelha grisalha e coloca os óculos de leitura.

— Sim. Estamos prontos para ouvir e, meu Deus... não quero nem ver o que vem por aí... Mas estamos prontos para colocar em prática. Quer dizer,

eu estou. A Fernanda precisa responder por ela. E o senhor não pode forçá-la, seja lá o que tem em mente. — Lucas cruza os braços e encara o meu avô.

Olho para ele, surpresa. Ele parece conhecer meu avô muito bem e ainda se importa com a minha opinião. Nós pertencemos à mesma família desde que o primo dele se casou com a minha prima, mas nunca fomos próximos.

— É claro que não vou forçá-la a nada. Apesar de eu obviamente saber o que é melhor para todos vocês, pois, se me ouvissem, estariam todos bem e sem problemas. Mas vocês preferem tomar as próprias decisões e meter os pés pelas mãos. — Meu avô começa a falar como uma metralhadora, misturando o português com seu idioma natal, o espanhol.

— Sim, *às vezes* — Lucas frisa as palavras. — o senhor acerta. Mesmo assim, como seres individuais, nós precisamos tomar nossas próprias decisões e...

— Cometer seus próprios erros. Blá blá blá... — Vovô o corta. — Eu sei. Eu li aquele livro que me indicou e vi todas as partes marcadas, além dos post-its nos quais você marcou “presta atenção aqui, sr. Fernando”.

— Sei. — Lucas o encara bem sério, mas há um brilho divertido em seu olhar. Eu olho de um para o outro, encantada. Nunca tinha visto alguém levar tão bem a teimosia de Fernando Villa.

— Bom, se sabe, assunto encerrado, não é? Vamos aos motivos da reunião. — Meu avô remexe nas folhas que estava lendo quando entrei e se vira para mim. — Fernanda, você se lembra de quando te contei sobre meu sonho?

— Ver todos nós felizes... — digo, incerta.

— Sim, exato. Esse. Agora você se lembra de quando me contou sobre o seu sonho?

— Sobre a ONG? — Estou mais incerta ainda.

— Isso! Gosto muito quando estamos alinhados assim. Este é o projeto. Um rascunho, ainda. — Ele entrega algumas folhas para mim e outras para o Lucas.

Parece que o vovô já tem tudo muito bem esquematizado. Orçamento, logística, cada detalhe. Uma ONG que ajude mulheres em situação de risco é meu sonho desde a adolescência, por isso cursei psicologia. É um sonho tão improvável de colocar em prática, que nunca achei que poderia realizar.

— É um projeto muito bonito, mas vai levar um tempo. — Lucas analisa o conteúdo das folhas.

— Vocês vão ter ajuda, mas acredito que dão conta. Confiem no potencial de vocês. — Vovô engrossa a voz para falar, e o modo como Lucas segura um sorriso me indica que é alguma piada interna dos dois.

— Isso quer dizer que o senhor já decidiu que estaremos à frente do projeto?

— Eu posso responder como eu mesmo ou tenho que pensar como aquele livro lá?

— O livro visivelmente não o ajudou muito. Aconselho reler, mas, desta vez, com vontade. — Lucas balança a cabeça. — Responde como o senhor.

— Isso nos poupará muito tempo. — Vovô coloca a mão no peito, aliviado. — Então, já decidi. Quero vocês dois no projeto. Até coloquei aí a remuneração de vocês. É bem justa, mas podemos rever, se necessário. Podem começar agora mesmo.

Capítulo 8

Lucas

Everytime the lights go out and the city sleeps, I'm waiting for
Any little bit of something good, something worth fighting for
I don't wanna live regretting, thinking I could have been more
Cause I care[6]
FRANCES – I CARE

— E a agência? — pergunto para o senhor mais teimoso que já conheci em toda a minha vida.

— Como assim e a agência? Eu não cuido dela há mais de cinquenta anos? — Sr. Fernando ergue o queixo, austero.

— Ah, sim, mas eu faço umas coisinhas por aqui também, não é mesmo? —questiono-o.

— O Rodrigo vai assumir suas funções na agência para que você possa focar nesse projeto.

— O Rodrigo sabe disso?

— Não. Vai saber amanhã. A Clara vai ajudar.

— A Clara sabia dessa reunião?

— Alguém tinha que saber, não é, Lucas? — O tom dele não me escapa. Cada detalhe foi muito bem planejado.

Não acho que as coisas vão correr tão facilmente quanto o sr. Fernando espera, mas trabalhar nesse projeto pode ser exatamente o que preciso agora. Não posso me esquecer de quem fui e ainda sou.

— Você está de acordo? — pergunto para Fernanda.

— Vai ser algo bem intenso, e estou preocupada com o Felipe.

— Sua avó disse que ficará com ele no período em que não estiver na escola. Ela mesma sugeriu isso e disse que está ansiosa. Nesse ponto asseguro que não forcei nadinha. Vocês sabem que não tenho vergonha de falar que o que sua vó quiser, estará ótimo para mim. Eu até disse que Felipe poderia ficar aqui na agência no espaço de recreação com as outras crianças, mas ela quer mais tempo com o pequeno. — Vovô se apressa em dizer. — Quem não iria querer, não é?

— Se não for dar trabalho para a vovó, é realmente o projeto dos meus sonhos...

Fernanda se cala por alguns segundos enquanto relê as informações

do projeto. Dá para ver que está com medo, afinal, é algo grande. Quando ela volta a olhar para o avô e depois para mim, ela sorri, e fico impactado. Desde que a conheço, nunca a vi sorrir assim. É o sorriso de alguém que não acreditava mais que realizar sonhos fosse possível.

— Se você topar, eu topo. — Estendo a mão para ela, que a aperta, ao som das palmas do avô.

Ele se levanta e nos abraça. Está feliz da vida – o que por si só já me deixaria feliz. Contudo, não posso negar que estou um pouco preocupado. A questão é que o vô Fernando sempre me chama para explicar qual é o plano maluco que tem para a sua família. Ele me conta e debatemos juntos qual a melhor forma de colocar em prática e quais os limites que ele não deve ultrapassar. Mas desta vez ele não me chamou com antecedência, chamou a Clara. E se Fernanda e eu fomos os últimos a saber, isso quer dizer que sou parte do plano tanto quanto ela.

Capítulo 9

Fernanda

Was I stupid to love you?
Was I reckless to help?
Was it obvious to everybody else?
That I'd fallen for a lie
You were never on my side[7]
BILLIE EILISH – NO TIME TO DIE

— Mamãe, depois do jantar você brinca comigo de princesa? — Felipe me pergunta baixinho, enquanto lavo a louça.

— É claro, meu amor — respondo com um sorriso.

— Do que vocês estão falando? — Augusto pergunta, entrando na cozinha e abrindo a geladeira.

— Nada — Felipe responde rápido demais, chamando a atenção do pai, que se vira bem sério.

— Do que vocês estavam falando?

— Sobre o Fê ficar com a minha vó no tempo em que não estiver na escola e eu ainda estiver trabalhando. — Odeio esses momentos. Odeio ter

que mentir, ainda mais na frente do meu filho, para que o pai não descarregue nele uma série de preconceitos.

— E por que eu não podia ouvir? — Augusto insiste.

— É claro que você podia ouvir. Você viu as coisas do projeto? Deixei na mesa do escritório. — O modo como ele sorri me diz que meu objetivo de distraí-lo foi atingido.

— Vi. Um ótimo salário. Bom para começar.

— Estou feliz pela chance de ajudar tantas pessoas.

— Ah, é... Isso. — Ele revira os olhos. — Desde que seu avô continue te pagando bem, você pode ir.

Termino de enxugar a louça e não digo mais nada. Felipe sobe para o quarto para me esperar para brincar e Augusto se aproxima, apertando minha bunda.

— Hoje tem, viu?

Assinto, calada. Seguro a vontade de chorar que me atinge ao ouvir essas palavras. Não sei bem quando nossas relações foram resumidas a essa frase. Não há preliminar. Não há carinho. Não há nada. Apenas a satisfação do desejo no vazio que aumenta a cada dia em meu peito.

Capítulo 10

Lucas

Pra sentar e conversar, falar besteira
Ter alguém pra confiar a vida inteira
Nessa paz, eu vou
TIAGO IORC – NESSA PAZ EU VOU

Quando termino de responder o último e-mail eu me espreguiço na cadeira e alongo o pescoço. Deixo tudo o mais organizado possível para Rodrigo e Clara. A partir de amanhã a maior parte do meu foco irá para o novo projeto do sr. Fernando.

Fecho os olhos por um momento, deixando o peso do corpo se ajustar à cadeira. Cansaço mistura-se à sensação de dever cumprido. Finalizar um dia tranquilo é raridade nesse mercado.

— Vai dormir em casa, menino. — diz o sr. Fernando, encostado no batente da porta.

— É o que pretendo fazer agora. Deixei tudo... — Começo a falar, mas ele me interrompe.

— Rodrigo e Clara vão dar conta. Relaxa. — Ele imita o Rafa.

— O senhor sabe que sempre há uma chance de dar merda quando o Rafa diz isso, não sabe?

— Se der merda, resolveremos. Não é o que fazemos toda vez?

— Sim. — Sou vago, pensando em quantos problemas já tivemos que resolver ao longo dos anos.

— Você é ótimo e imprescindível aqui. Sabe disso, não sabe? — É a vez dele de perguntar, ao que assinto. — Bom. Não quero que pense que seu lugar será tomado por meu outro neto só porque por um acaso ele tem meu sangue. Você será meu sucessor.

— Eu não me importo, se for o Rodrigo. — Sou sincero. Sou muito grato pelo que tenho. — É uma empresa familiar.

— Mas eu me importo e você é família.

Eu o respeito muito. É minha figura paterna, e ouvir isso me deixa sem palavras. Eu me levanto e seguimos juntos rumo ao elevador. Quero perguntar a ele sobre o que está tramando com esse novo projeto, mas o conheço bem o bastante para saber que ele não me contará. Então, nem perco meu tempo.

Já na garagem, ele segue para o seu carro e eu para o meu, mas, antes

que eu me afaste muito, ele diz:

— Sabe que eu te amo, e que sua felicidade é tão importante para mim quanto a dos outros, não é, menino?

— Eu sei. Também te amo, vô.

Capítulo 11

Fernanda

O que te faz feliz?
O que te faz
Feliz, feliz?
OUTROEU – O QUE TE FAZ FELIZ?

São apenas sete da manhã, mas Felipe está a todo vapor em sua cadeirinha, no banco de trás do carro. É uma manhã fria, por isso ele está vestindo um moletom bem quentinho. Na mochila, coloquei algumas mudas de roupa, tanto para frio quanto para calor, afinal, São Paulo não é conhecida por ter todas as estações do ano em um só dia à toa.

— Vou poder brincar na bisa todos os dias? — ele me pergunta.

— Sim, todos os dias. Menos nos fins de semana, quando a mamãe vai ficar com você. — Paro na guarita na entrada do condomínio em que meus avós moram.

— Posso ir na piscina?

— Se fizer calor, pode. A bisa é quem decide.

— Posso brincar na casa da árvore?

— Claro. O biso a construiu pra isso, não foi?

A casa da árvore, na verdade, é uma casinha no chão mesmo. Quando éramos pequenos, meu avô queria construir uma em cima da árvore, mas a vovó ficou com medo de que um de nós acabasse caindo de lá, como de fato aconteceu algumas vezes, mesmo com a casinha no chão. Éramos crianças muito livres e bem arteiras.

Quando eles se mudaram para cá, o vovô quis construir uma nova casinha, agora para os bisnetos, mas acho que ele não imaginou que eles chegariam tão rápido.

— Posso visitar o seu trabalho? — Observo-o desenhar no vidro embaçado com o dedo indicador.

— Quando estiver tudo pronto, pode. — O segurança do condomínio me libera com um aceno de cabeça.

Dirijo devagar pelas ruas, observando as construções imensas e muito bonitas, com jardins bem-cuidados e calçadas milimetricamente perfeitas. A segurança é altíssima, e se mostrou extremamente necessária depois que meu avô sofreu uma tentativa de sequestro há alguns anos. Depois disso, ele parou de dirigir e contratou um motorista. Ele não nos conta detalhes do que sentiu, mas todos acompanhamos o ataque de pânico que aconteceu quando ele

tentou dirigir.

— Posso ter uma mesa igual do biso?

Dou uma gargalhada, estacionando em frente à casa dos meus avós. Envio uma mensagem avisando que chegamos.

— Eita! Está fazendo o que aqui a essa hora? — Branca me pergunta, saindo da casa ao lado, onde moram seus pais.

— Vou cuidar de um projeto para o meu avô e vim deixar o Fê. — Abro a porta de trás e ajudo Felipe a sair da cadeirinha.

— Que projeto? — Branca checa o celular e me olha, depois de dar um beijo no meu filho. — Por que não estou sabendo?

— Porque nós descobrimos ontem — respondo, calma.

— Nós quem?

— O Lucas e eu.

Branca joga os longos cabelos loiros para trás. Está prestes a fazer mais uma pergunta quando meu avô abre a porta e Felipe corre para o seu colo. Minha amiga se despede, dizendo que conversaremos mais tarde. Sei bem que ela não vai sossegar até saber de todos os detalhes.

— Acredito que o local seja perfeito para o projeto que queremos criar, mas quero que você vá até lá hoje e decida. — Meu avô me mostra mais algumas fotos do projeto enquanto seu motorista nos guia pelas ruas de São Paulo. — É importante que o lugar fale com você.

— Pode deixar. — Assinto, um pouco apreensiva. Ainda não tive tempo de administrar tudo. Até ontem, minha vida se resumia a cuidar do Felipe e a sonhar... — Vô, eu sei que minha formação ajuda e vou me dedicar completamente, mas o senhor não acha que...

— Você está pronta, *cariño*. — Vô Fernando segura minha mão. — Você não estará sozinha. Vamos começar essa organização com todo o cuidado e a dedicação que ela merece, ok?

— Eu não quero tirar o trabalho de ninguém. — O comentário que Augusto fez no café da manhã está me perseguindo. E se eu tivesse sido escolhida apenas por ser sua neta?

— Você não tirou. Esse projeto é algo com o qual você sempre sonhou e é algo que eu posso fazer, então, por que não fazer?

— Falando desse jeito parece tão fácil!

— Mas não é fácil. E nem foi, porém não foi tão difícil quanto seria para outras pessoas, então, o mínimo que podemos fazer é reajustar a balança

e dar oportunidades a quem a vida não deu nenhuma.

— Por mais qualificações que eu tenha, não posso dizer que trabalhei de fato, vô.

— Isso é verdade, mas você já me ajudou muito na agência com todos esses cursos e livros que lê. Foi você quem me disse para contratar a Clara, mesmo que ela não tivesse formação nenhuma e nem sequer havia começado uma faculdade. Você se lembra o que me disse?

— Que uma mulher não conseguirá escapar de um relacionamento ruim se ela não tiver independência financeira.

— Exato. Isso me fez pensar. Me fez pensar muito. Foi quando eu pedi ajuda a sua avó e nós começamos a desenhar esse projeto. O seu projeto.

— Certo. — Roo a ponta da unha e ele puxa minha mão devagar.

— Saiba disso: é o meu dinheiro que dará o início que esse projeto precisa e todo o suporte depois, mas foi a sua ideia, foi o seu olhar atento sobre as mazelas desse mundo que me fez enxergar que isso era necessário. A sua avó tem os projetos dela, que são muito bonitos; mas foi você quem me mostrou a importância de igualar a balança. Não basta ajudar, temos que lutar para diminuir os abismos sociais que estão entre nós.

— É o que eu quero, vô.

Não posso dizer que estou superconfiante. O que eu sei do mundo? Tenho vinte e quatro anos e sequer precisei trabalhar, porque minha família tem o suficiente para várias vidas. O tio Pedro sempre dizia que devíamos ser mais do que nossa herança, que não era justo que vivêssemos tão bem e tivéssemos tanto, enquanto o mundo sofria. Ele era um homem muito bom. Tão bom, que penso que o mundo nem o merecia. Foi meu exemplo de pai, e me inspirava a ser alguém melhor. Contudo, ao engravidar e me casar com Augusto, meu mundo tornou-se mais limitado. Augusto é um homem diferente dos que eu tinha como exemplo. Ele não foi embora como meu pai e meus irmãos, mas o preço por sua presença às vezes é caro demais.

— Vocês têm uma boa equipe em mãos. Vai dar tudo certo. Você vai gostar daquele menino. Ele é um dos bons, sabe? — Apesar da palavra menino, sei que ele está falando do Lucas. É bonito ver o espaço que ele ocupa no coração do meu avô. — Quando seu tio morreu, eu fiquei arrasado. — Eu aperto sua mão. É curioso que ambos estivéssemos pensando no tio Pedro. — Perdido... Essa é a palavra certa. Eu não podia demonstrar. Não podia arriscar que vocês não se sentissem seguros. E aí, um dia, o Rodrigo chega com esse garoto. Um menino que mal havia completado 18 anos e já não tinha nem pai nem mãe. E quando o Rafael me pediu para cuidar dele, durante sua internação, eu nem imaginava que Lucas ocuparia um lugar tão importante em nossas vidas. Sabe o que eu acho? Que o buraco que eu tinha

no peito tinha a forma dele, bem direitinho. Não quer dizer que ele tenha substituído seu tio. Ninguém poderia. Mas há uma luz bonita nele, você vai ver. Ele faz tudo se conectar.

— Isso é muito especial.

— Há fatos sobre a vida que nunca chegaremos a entender. Eu perdi meu filho e daria qualquer coisa para tê-lo de volta, mas sou muito grato por esse menino. Ele é um presente. Um homem bom.

Há lágrimas por trás dos óculos do meu avô. Ele pega um lenço e as enxuga, sem tentar disfarçar. Eu o abraço, feliz por ter em minha vida um grande homem, que nunca se importou em nos mostrar a importância dos sentimentos.

Capítulo 12

Lucas

Quando vi, já veio sim
Tomou parte de mim
Levou embora o meu pesar
Teu ver me encanta
Enfim, canta perto de mim
Tua voz amansa o teu olhar
OUTROEU E ANAVITÓRIA – OUTRÓRIA

Estou no estacionamento do prédio em que fica a agência, esperando que o sr. Fernando chegue. Ele me avisou que Fernanda viria com ele e nós dois seguiríamos até o local em que será a sede do projeto. Encostado ao carro, mexo no celular quando chega uma mensagem da Branca.

Branca Albuquerque:
E aí, Lucas?

Lucas Ferraz:
Eu não sei.

Pronto. A rádio Família VillAlbuquerque vai começar a tocar.

Branca Albuquerque:
Nossa, que grosseria é essa, moleque?

Lucas Ferraz:
Moleque é o outro.
Telefone errado.

Branca Albuquerque:
Ah, mas tá ousado. É isso?
Você nem sabe o que eu ia perguntar!

É claro que eu sei. Conheço-a muito bem. Branca não aguenta não saber de tudo o que está acontecendo na face da Terra. Parece mais neta do sr. Fernando do que seus netos de sangue.

Mesmo assim, eu me rendo.

Lucas Ferraz:
O que ia perguntar?

Branca Albuquerque:
Qual é o plano do vô Fernando?

Lucas Ferraz:
Eu respondi aí em cima.

Branca Albuquerque:
Onde?

Lucas Ferraz:
Eu não sei.

Ela continua me enviando mensagens e eu coloco o celular no bolso ao ver o carro do sr. Fernando estacionar. Depois lido com a curiosidade dessa família.

Quando Fernanda e eu ficamos a sós na garagem, um silêncio constrangedor cai entre nós. Ela é a mais quietinha de todos os Villa e não posso dizer que somos íntimos, apesar de nos conhecermos há mais de seis anos.

— Bom, o jeito é começarmos. — Abro a porta do passageiro e aponto para que ela entre.

— Obrigada.

Dou a volta e me sento no lugar do motorista, mexendo no som antes de ligar o carro.

— Quer escolher? — Abro o Spotify, ao que ela balança a cabeça negativamente.

— Você escolhe.

— Então na próxima será você. — A voz de John Legend preenche o ambiente com a música *Hang On In There*. — Gosta?

— É boa.

— É, sim.

Espio Fernanda pelo canto do olho, enquanto saio com o carro da garagem. Ela aperta o celular no colo. Nossos olhares se conectam e ela dá um sorriso, sem jeito.

— Você sabe chegar ao lugar que o vô Fernando escolheu? — Ela balança o celular. — Precisa que eu coloque o endereço no app?

— Não precisa.

— Meu avô disse que fica entre bairros opostos: uma comunidade carente e área nobre.

— Bem, a violência não escolhe classe social. É melhor que

estejamos em um local mais abrangente. Vantagens da disparidade social de São Paulo. Basta atravessar uma rua e você entra em uma realidade completamente diferente da sua.

— Como você conhece o lugar? Meu avô já havia te falado sobre ele?

— Ele não tinha me contado, mas ele sabe a importância daquela comunidade para mim. Acho que a escolha não foi casual.

O farol fecha e olho para ela. Posso ver que está curiosa, mas parece receosa de me perguntar algo que passe algum limite. Tão diferente dos outros Villa... Qualquer um deles já teria feito um interrogatório.

— O vô Fernando tem um jeitinho nada discreto de se envolver onde nem sempre é chamado.

— Ah, se meter onde não é chamado devia estar no currículo dele. — Nós nos olhamos e rimos. — Mas acredito nesse projeto. Quando temos muito, o mínimo que podemos fazer é ajudar. Não no sentido de caridade, que nos alivie a consciência, mas focando em justiça social.

— Buscar igualdade entre as classes por meio de oportunidades iguais — ela completa e sorrio.

— Exato.

— Não é à toa que meu avô gosta tanto de você. — As palavras saem

tão naturais que me arrancam uma gargalhada.

— O fato de eu fazer tudo o que ele quer ajuda um pouco.

Agora é ela quem ri. É um bom começo.

Capítulo 13

Fernanda

Amongst the crashing sounds I can hear you breathing
Debris is on the ground like arrows pointing to you
I'll crawl through the wreck and save you before myself
Beautiful tragedy
Was it meant to be, we'd meet like this
Beautiful tragedy
I just can't believe this is how you were sent to me[8]
MIKE DIGNAM – BEAUTIFUL TRAGEDY

Desço do carro e ergo a cabeça para olhar a fachada do local. Não faço ideia do que me aguarda e isso é novo. Nos últimos anos, minha rotina tem sido bem previsível e tranquila: cuidar da casa e do Felipe. Fazer cursos e me especializar à distância. Visitar a família sempre que Augusto estiver de acordo.

A princípio, nem achei que meu marido fosse gostar da ideia de me ver trabalhando fora, já que sempre foi contra. É estranho que ele tenha concordado tão rápido, mesmo o salário proposto pelo vovô sendo tão sedutor.

— Parece grande. — Lucas se posiciona ao meu lado, colocando as mãos nos bolsos da calça social.

— Precisa ser.

Lucas tira a chave de um dos bolsos e procura a que abrirá o cadeado do portão de ferro.

— Vamos ter que trocar isso. — Ele aponta e assinto.

— Sim, parecem barras de uma cela. — Toco o metal frio. — Quero que seja colorido. Que seja uma porta para a liberdade.

Ele me olha ao segurar a grade para abrir o portão. É como se quisesse saber mais de mim apenas me olhando. Eu sei que ele analisa as pessoas. Já o peguei olhando assim para os meus primos. Ele cuida deles. É uma forma de amor. Mas não tem que se preocupar comigo. Eu estou bem. Eu vou ajudar outras mulheres para que elas possam ser livres.

O rangido do portão desconecta nosso olhar. Entro antes dele. Quero ver tudo. Meu coração dispara ao observar o quintal largo. Há entulho e mato por boa parte do espaço, mas o potencial é enorme. Aqui pode ser um lar. Pode ser seguro como a casa dos meus avós.

— Eu conheço um cara que transformaria aquilo ali — Lucas aponta para uma área enorme repleta de mato e erva-daninhas. — em um jardim encantado.

— Vamos marcar com ele para fazer parte do projeto — concordo, caminhando com cuidado pelas pedras soltas até a porta que leva para dentro do prédio.

— Vai fechar assim sem nem o conhecer? — Ele sorri, tirando o paletó e dobrando as mangas.

A camisa branca tem os dois primeiros botões desabotoados, o que dá a Lucas um aspecto ainda mais jovial.

— Se você confia, eu confio. Vovô não o escolheria para trabalhar comigo se eu não pudesse confiar em você. Ele sabe o quanto tudo isso é importante.

Lucas sorri. Ele sorri bastante. É bonito ver. Como se qualquer gesto fosse o suficiente para alegrá-lo. Coisas simples. É bonito, realmente.

Ele pendura o paletó em um gancho, que devia ser de uma rede, e abre a porta principal. O lugar é ainda maior do que imaginei pelo lado de fora. São três andares muito amplos, com inúmeras salas e possibilidades.

— Tudo parece novo, apesar da sujeira. Por que será que lá fora está tão abandonado?

— Não faço ideia, mas talvez seu avô saiba.

— Se não souber...

— Ele descobre. — Lucas completa minha frase.

Subo as escadas para o último andar mais uma vez, e inspiro profundamente ao chegar no topo. Fecho os olhos e reúno todos os melhores sentimentos em meu peito. Abro-os e vou em direção a uma das janelas. O lugar fala comigo, vô Fernando escolheu bem.

— Olha. — Aponto pela janela. — Você vê? O jardim encantado.

— Sim. — Ele se aproxima.

— Consegue enxergar mesmo em meio àquele caos? — pergunto, outra vez.

— Sim.

— Se pudermos enxergar beleza mesmo em meio ao caos, encontraremos a luz que pode nos guiar para fora de qualquer prisão.

— Dependendo da escuridão, às vezes apenas uma faísca é necessária; às vezes, nem um imenso farol dá conta. Questão de perspectiva, eu acho. Cada história é particular.

— Não dá pra saber sem passar pela situação, certo?

— Isso aí.

— Mas podemos ter esperança, não podemos?

— Sempre.

Meus pensamentos estão todos aqui, neste momento. Nos sonhos que eu tinha quando menina e que se perderam com o tempo. É quase como se o vovô soubesse. É... Talvez ele saiba.

Estamos iniciando algo muito importante e sinto que tudo o que eu conhecia está prestes a mudar. Continuo admirando o caos lá fora e enumerando cada possibilidade de liberdade que ele trará. Lucas segue quieto ao meu lado. Ele está bem perto, porém quietinho. Gosto do modo como ele respeita até o meu silêncio.

Capítulo 14

Lucas

Oh, half of my heart's got a grip on the situation
Half of my heart takes time[9]
JOHN MAYER (PART. TAYLOR SWIFT) – HALF OF MY HEART

Não é um sábado normal se o grupo de mensagens da família não estiver em chamas. Acordei há uns dez minutos com o meu celular, que não para de vibrar. Espreguiço-me na cama e jogo o lençol para o lado. O buzz do aparelho não para. Estendo a mão e o pego, antes que ele caia da mesa de cabeceira.

Rafael:
Churras aqui hoje.

Rodrigo:
Posso levar alguém?

Um coro de “não” ecoou pela conversa. O único “sim” veio da

Branca. Não sei até quando esses dois vão fingir que não se amam. Como os outros não percebem que eles estão juntos, isso é um mistério. Deve ser porque sempre tem algo acontecendo nessa família. É difícil acompanhar. Eles falam todos ao mesmo tempo e eu duvido que consigam ler todas as mensagens.

Fernanda:
Não vou conseguir ir hoje.

Bernardo:
Vamos chegar para o segundo turno.

Branca:
Já sei que vão transar o dia inteiro.
Puta falta de respeito com quem não fará o mesmo.

Viviane:
Saudade.

Rafael:
Oxi... e eu te acordei como, Vivi?
Tô indo aí na sala agora.

Viviane:
Minha mensagem era pra Fernanda, Rafa. hahaha

Mas se quiser vir, aproveita que a Pri tá dormindo.

Rodrigo:
É um grupo de sexo agora?
Cadê o respeito?

Branca:
Falou o cara mais transarino daqui.

Rodrigo:
Não vem não que eu não transo há algumas...
.
.
.
.
.
.
horas.

Branca:
Idiota.

Rafael:
Ih, chamou de idiota é porque quer pegar.

Deixo o celular de lado e vou para o banho. Sei que quando voltar,

eles ainda estarão se amando ou se xingando. Não há meio-termo nessa família.

— Pergunta pro Lucas. — Ouço Rodrigo falar para Rafael, que vira um pedaço bem grande de bife.

— Ô Lucas — Rafael não espera nem um segundo. —, é verdade que o moleque está trabalhando direitinho?

Bebo um gole da minha cerveja e dou de ombros, fazendo com que Rafael provoque ainda mais o Rodrigo.

— Pelo que eu soube, ele tem se esforçado — Eu me aproximo da churrasqueira. —, mas é a Clara que tem dado show.

— Isso é mesmo. — Rodrigo nem nega. — Eu sou o estagiário.

— Pelo menos é sincero. — Rafa balança a cabeça, abanando a churrasqueira.

— Ela é foda. Aprende na velocidade da luz. Não me lembro de ensinarem na faculdade as coisas que ela fala, não.

— Pra você se lembrar, teria que ter frequentado as aulas. — Agora é

Branca quem provoca.

Rodrigo dá uma risada alta, agitando os braços para chamar a atenção da Priscila, que corre para ele. Os cabelos escuros da menina estão presos em dois rabinhos, um em cada lado da cabeça, e ela está vestida como a Boo, do “Monstros S.A”.

— Princesinha, quem você ama?

— Tio Bô! — Ela grita e o abraça, deixando-o com a expressão ainda mais feliz.

— Quem é o mais inteligente aqui?

— Tio Bô!

— E o mais bonito?

— Tio Bô! — Ele faz cócegas na barriga dela, preenchendo o ar se encher com o som da sua gargalhada.

— Viu? — Rodrigo acena para o resto de nós. — A opinião dela é a única que importa.

Todos estão brincando e se divertindo. Os filhos de Clara pulam na piscina pequena e Priscila demonstra que quer ir também, o que significa que, em questão de segundos, Rodrigo estará aprontando com as crianças.

— Faz tempo que ela não vem — Viviane diz para Clara.

Elas estão um pouco afastadas e o tom da conversa parece mais sóbrio. Percebo que estão falando sobre Fernanda. Vivi não mentiu. Há bastante tempo que não a vemos nos encontros de família. A menos que seja um pedido expresso do vô Fernando, ela não aparece. Ainda não sei se há um motivo específico.

Tudo bem por aí?

Não sei bem o que me fez enviar essa mensagem para a Fernanda, mas ela responde bem rápido.

Sim. O Fê acabou de dormir enquanto assistia “Frozen”, pela milésima vez.

E aí?

Lucas:

Naquela loucura boa de família.

Você faz falta aqui.

As crianças estão na piscina.

Fernanda:

O Fê tá meio gripadinho.

Achei melhor ficar.

Lucas:
Precisa de algo?

Fernanda:
Não.
Obrigada.

Lucas:
Tô aqui, se precisar.

Fernanda:
Também.

Guardo o celular no bolso bem a tempo de tirá-lo do alvo do Rodrigo. Fernanda e eu estamos trabalhando juntos há três semanas. É fácil e tranquilo, mesmo envolvendo uma obra tão grande. Ela é educada, doce e muito inteligente. Todos os dias participa de forma ativa na reforma da Villa Encantada, nome que ela escolheu para representar a ONG.

Vô Fernando não esconde o quanto está orgulhoso. Ainda estamos período de reforma, mas o que estamos criando começa a chamar atenção na vizinhança. As crianças se sentem atraídas pelas cores, e Fernanda faz

questão de que tudo seja o mais colorido possível.

Fernanda percebe tudo o que se passa à sua volta. Ela se preocupa com cada mínimo detalhe que vá fazer com que as pessoas que vamos receber se sintam acolhidas. Mas há algo nela que ainda não decifrei. Ela está sempre alerta, como se a qualquer momento tudo pudesse desmoronar. Ainda não sei o que a assusta, mas quero descobrir. Ela é boa demais para viver com medo.

Capítulo 15

Fernanda

Tu é trevo de quatro folhas
É manhã de domingo à toa
Conversa rara e boa
Pedaço de sonho que faz meu querer acordar pra vida
ANAVITÓRIA (PART. TIAGO IORC) – TREVO (TU)

— Posso pintar essa parede? — Felipe me pergunta, erguendo os pincéis em sua mão.

— Deixa eu pensar... — Franzo a testa e forço uma expressão pensativa, e ele começa a rir. — Claro que pode. Eu te trouxe para me ajudar, lembra?

— Claro. Tenho cinco anos. Sou bem grandinho, e posso ser como o biso: ter mil negócios.

— Vamos começar com um só, por enquanto. — Aponto para a parede branca. — Esse vai ser um quarto de brincar. Os pintores profissionais vão pintar as outras três, mas essa aqui é nossa.

— Pode ser rosa?

— Pode ser da cor que você quiser.

— Mesmo que o papai diga que é cor de menina? — Seu rosto fica triste e sei que ele se lembra do tapa que levou do pai, quando escolheu um carrinho cor-de-rosa.

— Isso de cor não existe. — Eu me abaixo e lhe dou um beijo. — É que o papai se confunde, às vezes.

— Acho que você tem razão. A Elsa e a Anna gostam de azul.

Essa parte da criação de Felipe é muito difícil. Minha família nos criou livre de preconceitos. Eu me lembro de que o vô Fernando ainda falava coisas erradas quando éramos crianças, mas o tio Pedro explicava tudo com muita calma.

“Uma pessoa é o que ela tem aqui dentro” — tio Pedro apontava para o nosso coração. — “Não procure diferenças. Procure semelhanças”. Era fácil entender isso quando se é criança, porque a verdade é que viemos ao mundo livres de qualquer preconceito. É a família que os molda em nós.

Por vários motivos é triste que o tio Pedro não esteja mais aqui, e se eu contar para alguém sobre o gênio difícil do Augusto, tudo vai se complicar ainda mais. Estou tentando do meu jeito, com calma, mas ele não me escuta muito.

— Então, posso contar a ele que escolhi a cor rosa porque é minha cor preferida? — Felipe insiste.

Aperto os lábios sem saber o que dizer. É claro que ele deveria contar para o pai, mas se o fizer, Augusto ficará irritadíssimo, e não quero que ele o machuque. Tivemos uma briga terrível da última vez. Preciso protegê-lo.

— Temos um pintor novo hoje? — Lucas pergunta ao colocar duas latas de tinta no chão. Não sei se ele ouviu ou não nossa conversa.

— A mamãe disse que eu posso pintar essa parede da cor que eu quiser. — Felipe ergue o queixo, desconfiado.

— Ela está certa. Será que posso ser seu ajudante?

Meu filho olha de um para o outro e assinto, tirando-lhe um sorriso instantâneo. Lucas veste uma calça jeans bem desgastada e uma camiseta branca manchada. Ele começa a preparar a tinta e Felipe lhe faz mil perguntas. Ele responde a cada uma com muita paciência, como já o vi ter com cada criança da família.

Não demora muito e ele ensina Felipe a como mergulhar o rolo na tinta e depois passá-lo na parede.

— Onde conseguiu esse rolo? Ele tem o tamanho certinho para o Fê — pergunto, encantada por ver meu menino tão feliz.

— Eu ouvi quando você disse aos pintores que essa parede seria sua e do seu filho. Achei que ele gostaria de ter algo do tamanho dele — Lucas explica, me estendendo um dos outros dois rolos que segura.

Seguro o cabo bem próximo dos dedos dele, mas não consigo fazer nada além de sorrir.

Capítulo 16

Lucas

Não olha assim pra mim não
Se não vou me apaixonar
Se não vai me adivinhar
Tá fácil ler na cara que eu
Não canso de te procurar
Carinho faz arrepiar
Sozinha tu não vai ficar
Será que cabe eu aí
OUTROEU – NÃO OLHA ASSIM PRA MIM

— Preparada? — pergunto para Fernanda, que está no terceiro andar, olhando pela janela.

Desde que iniciamos esse projeto, há quase dois meses, constantemente a encontrei nessa mesma posição, e me acostumei com isso. Percebi que ela gosta de ficar em silêncio, e, para falar a verdade, gosto de apreciar o tempo assim ao seu lado.

— Vem ver. — Ela faz sinal com a mão, sem se virar.

Caminho até ela e observo o que vê. Lá embaixo, belo, repleto do verde das folhas e do colorido das flores está o incrível jardim que André,

meu amigo paisagista, projetou e colocou em prática.

— Seu jardim encantado.

— Nosso jardim. — Ela coloca a mão no vidro, como se de alguma forma pudesse tocar a natureza que brilha lá embaixo. — Já pensou em quantas vidas ele vai salvar?

— Infinitas, eu espero.

— Faz sentido, se for assim. — Fernanda é enigmática. Acontece mais vezes do que eu gostaria. — Villa Encantada.

— Todos adoram o nome.

— Tem que fazer sentido.

— Vai fazer.

Ela sorri ao me olhar. E me encara em silêncio, sem dizer nada.

— Obrigada — diz, por fim.

— Por quê?

— Por acreditar. Por deixar o seu trabalho para me ajudar com tudo isso.

— Eu sou muito grato por estar aqui, Fernanda. — Coloco a mão em seu ombro. — É importante. É pessoal.

Fernanda está usando um vestido azul. Toco seu ombro com a mão. Ela é tão branca, que o contraste fica evidente. Ela estremece, e me dou conta de que já nos tocamos outras vezes, mas nunca estando sozinhos.

— Por que meu avô escolheu esse lugar? Por que ele escolheu você para me ajudar? — ela pergunta, do nada. Sei que isso a deixou curiosa desde o primeiro dia. Para uma Villa, até que ela segurou a curiosidade por muito tempo.

— A Villa Encantada fica entre um bairro nobre e uma comunidade. É preciso saber dialogar com ambos os grupos. Eu sei. Ocupo a posição que ocupo hoje, mas é da comunidade que eu vim. Seu avô sabe que ajudar aquelas pessoas é importante e pessoal pra mim.

— É importante e pessoal para nós dois, então.

Fernanda volta a admirar o jardim. Um pouco mais adiante, meu olhar recaí sobre a comunidade. O lugar de onde vim. Filho de pai branco e mãe negra. Uma mistura que nos trouxe até aqui e que já fez Rafael sair no soco muitas vezes por ouvir que não éramos primos por termos cores diferentes. Até eu que era mais calmo, brigava por isso. Minha mãe, que era retinta, ria, fingia que não se importava. Falava que faltou café no meu leite e que, por isso, eu era seu pingado. Apenas recentemente comecei a entender o quanto isso era errado.

Minha mãe era de outro tempo. Um tempo em que os negros tinham que brincar com a própria raça para que fossem aceitos. Eu me sinto mal por isso. Espero que de alguma forma ela saiba o quanto tenho orgulho de ser quem sou.

Não sei o que o sr. Fernando pretendia ao me conectar com sua neta nesse trabalho, mas sei que agradeço pela oportunidade que tenho de honrar o lugar de onde vim e a minha história.

Capítulo 17

Fernanda

Que eu prometo ser pra sempre o seu
Porto seguro
Eu prometo dar-te eternamente o meu amor
Promete aproveitar cada segundo
Desse tempo que já passa tão veloz
Me lembro quando você chegou nesse mundo
Sorrindo aos poucos quando ouvia a minha voz
ANA VILELA – PROMETE

Abro a gaveta do guarda-roupa do Felipe e pego uma camiseta estampada com o escudo do Capitão América. Meu filho está deitando na cama, vestindo a bermuda jeans, quando me viro.

— Posso ir de chinelo?

— Melhor ir de tênis. As outras crianças estarão lá e vocês vão brincar bastante. — Estendo-lhe a camiseta e o ajudo a terminar de se vestir.

Estamos nos preparando para a inauguração da Villa Encantada. Meu avô queria fazer uma enorme festa beneficente para ajudar a arrecadar fundos, mas Lucas e eu o convencemos de fazer algo menor. Sei que precisamos do dinheiro da classe mais alta para darmos prosseguimento ao

projeto, mas a intenção é que a comunidade local se interesse e venha nos conhecer. A vovó salvou a pátria quando disse a ele que nada os impedia de ter um baile de gala mais para frente, e, agora, fazer o Churras da Villa. O nome foi ideia do Rodrigo. Ele disse, e concordo, que está para nascer família que ame mais um churrasco que a nossa.

Sendo justa, o Rô teve uma porção de ideias boas para estreitar as relações com a comunidade mais pobre. Estamos colocando tudo em prática aos poucos. Vô Fernando ficou todo orgulhoso do neto. Eu fiquei feliz, mas não me surpreendi. Meu primo é uma pessoa incrível e, quando ele quer, é um publicitário nato.

— Você está ansiosa? — Felipe me pergunta, e percebo que estou roendo unha. No outro dia, expliquei a ele que esse meu hábito tinha a ver com ansiedade.

— Um pouquinho. — Eu me levanto para ir me vestir no meu quarto.

— Já escolheu sua roupa?

— Quase. Estou em dúvida entre dois vestidos, mas acho que vou ficar com o vermelho.

Entro no quarto com Felipe ainda tagarelando atrás de mim. Estou muito feliz e bastante ansiosa por colocar a mão na massa na Villa Encantada. É um dia especial, e meu coração está acelerado. Mas paro abruptamente ao

ver Augusto sentado na cama, ainda sem se vestir.

— Cadê o vestido vermelho que estava na cama?

— O cinza é melhor, bem mais discreto.

Tento não mostrar nenhum descontentamento porque meu filho está com os olhos fixados em mim. Ele sabe que algo está errado.

— É que a Vivi me deu o vermelho no Natal e ainda não usei. Estava pensando em usar hoje.

— Melhor não. — Ele pega o controle remoto e muda de canal.

— Por quê? — Felipe pergunta, tentando entender.

Instintivamente, dou um passo na direção do meu filho. Augusto se levanta da cama. Ele está irritado.

— Você tem razão, o cinza é melhor.

— É claro que é. — Meu marido ainda encara o meu filho.

Desde que Felipe chegou à fase das perguntas a situação em casa ficou mais difícil. A culpa não é do meu pequeno. O pai é que é intransigente demais. Nem sempre sei como reagir, mas deixá-lo nervoso não é uma opção.

— Eu vou tomar banho. — Pego o vestido e passo por Augusto, que segura meu braço.

— Sabe que estou sendo muito compreensivo, não sabe?

— Sim, eu sei. — Minha resposta é imediata.

— Espero que você ter um trabalho não a deixe com a ilusão de que vou aceitar que se comporte como uma mulher sem respeito. — Seu tom é baixo, mas sei que Felipe pode ouvir.

Meu coração quase sai pela boca, com medo de que meu filho responda. Nossos olhares se encontram e posso ler a confusão no semblante de Felipe.

— Nada vai mudar — respondo, de cabeça baixa. — Posso ir tomar banho? — Não há um pingo de ironia no meu pedido. Eu preciso que ele me solte e preciso que tudo fique bem ao menos nesse dia.

Ele me solta sem dizer nada. Caminho até o banheiro, com meu filho a tiracolo.

Felipe entra e eu tranco a porta, colocando uma cestinha com brinquedos no meio do tapete. Não preciso dizer nada. Meu filho se senta e começa a brincar. Tem sido comum que eu o traga para o banheiro quando Augusto está em casa. O pai não é muito paciente, e prefiro não arriscar. As coisas se intensificaram depois que Felipe aprendeu a questionar.

Abro o box de vidro e um segundo antes de ligar o chuveiro, ouço a voz do meu filho:

— Você vai ficar linda com qualquer vestido.

Meu peito aperta e meus olhos começam a arder. Abro o chuveiro o mais rápido que posso. Preciso enfiar a cabeça embaixo da água para que as lágrimas se misturem a elas sem que meu filho perceba.

Uma hora e vinte minutos mais tarde, Felipe e eu estamos prontos para sair. Não vi mais o Augusto depois que saí do banho. Pelo som que vem lá de baixo, ele está assistindo televisão.

Dou uma última conferida em meu reflexo. O vestido é bonito. Cinza chumbo, gola careca e comprimento um palmo abaixo do joelho. Ele tem mangas soltinhas que chegam até os cotovelos e uma fita para amarrar na cintura. Era uma das minhas opções desde o início justamente por saber que Augusto gostaria dele, mas queria muito usar o vermelho.

Resignada, ajeito meu cabelo, que cai em ondas até o meio das costas, e desço as escadas.

— Você está linda. — Augusto sorri e se aproxima de mim, dando-me um beijo nos lábios.

— Muito linda! — Felipe ergue os braços, exagerado.

— Viu como eu tinha razão? — Augusto bagunça o cabelo do nosso filho. — Felipe é esperto como o papai.

— Você também está bonito — digo a verdade.

Augusto está usando uma calça jeans e camiseta polo e, mesmo com sua escolha simples, sua beleza é inegável. O mesmo sorriso do nosso filho. Olho de um para o outro e os observo brincar por causa do escudo do Capitão América na camiseta de Felipe e meu coração se enternece.

Eu sei o que foi crescer sem um pai. Não farei isso com meu filho.

Capítulo 18

Lucas

Ao teu lado não me sinto um ser comum
Depois de você, nunca mais fui igual
Quando acontece um sentimento verdadeiro
É assim tão natural
JORGE & MATEUS – A HORA, O DIA E O LUGAR

Assino a fatura do pessoal que fez parte da decoração para a inauguração. Montamos um pequeno palco no pátio no qual o Rafael vai tocar algumas músicas, e, depois, Rodrigo vai assumir como DJ. Sim, é o pacote mais eclético que já se viu na história da música, mas o Rafa disse que pode sobreviver ao pagode e ao sertanejo por uma boa causa.

As barracas de comida estão coloridas e com um aroma convidativo. Vô Fernando não poupou gastos. O pessoal da comunidade começa a chegar devagar e Fernanda os recepciona, enquanto libero as últimas pessoas que trabalharam na organização do evento.

O sr. Fernando está ao lado da neta todo sorridente, usando uma bermuda e camisa social, bem presa com o cinto. Ele completou o visual com uma boina na cabeça. Não que faça de propósito, mas ele definitivamente não

passa despercebido em nenhum lugar.

Fernanda, por outro lado, é o oposto. Apesar de estar recepcionando a todos com um sorriso carinhoso, quando não está conversando com alguém ela faz um esforço imenso para não ser vista. É tão discreta, que sua família não percebe que algo está errado. Logo eles, que se envolvem tanto na vida uns dos outros, não conseguem perceber que a prima não está bem.

O sr. Fernando me olha de longe e ergue a boina, cumprimentando-me, depois olha para a neta e volta para mim, feliz. É, ele sabe. Esse vô sabe de tudo e o que não sabe, ele descobre. Não à toa, este é o seu lema.

Mais cedo, quando Fernanda e eu nos vimos, seu sorriso tremeu quando me observou usando uma camiseta rosa. Não é a primeira vez que ela me vê usando uma, mas isso confirma que naquele dia ouvi a conversa particular dela com Felipe. Fiz questão de usar. O menino me deu um abraço apertado e ainda cochichou que eu estava lindo, tomando o devido cuidado para o pai não escutar.

Esses pequenos detalhes confirmaram minhas suspeitas: ela esconde algo do resto de nós. Em uma família imensa em que todos são extremamente barulhentos com suas causas e bandeiras, Fernanda faz o que pode para continuar passando despercebida.

Do outro lado do pátio, Felipe corre para lá e para cá com seus

primos. Está feliz, como toda criança deve ser. Às vezes, ele chama pelo pai, fazendo questão que o veja. O pai sorri e Felipe retribui, ainda mais feliz.

Percebo que Fernanda também os olha, de vez em quando, e então sorri. Uma família comum e feliz, certo? É isso que todos vemos há anos. É isso que todos devemos ver. Mas o quanto disso é real?

Capítulo 19

Fernanda

O que dizer de você
Sempre é tão certo
Não tem ego não
Só tem você
O que fazer quando te ver
Isso é tão certo
Que nem se errasse podia perder
O que dizer de você sempre estar aqui?
Mesmo quando fecho você vem abrir, meu sorriso
OUTROEU – O QUE DIZER DE VOCÊ?

Ainda é cedo para saber o quanto este evento refletirá no dia a dia da Villa Encantada, mas a inauguração foi um sucesso. Enquanto Augusto coloca o sonolento Felipe no carro, vou até minha sala para pegar minha bolsa.

— Foi uma festa e tanto, hein? — Lucas pergunta, parado na porta da sala.

— Foi incrível! Amanhã abriremos oficialmente. O Paulo, aquele assistente social que te apresentei, vai trazer alguns casos para começarmos a

trabalhar. — Coloco o celular na bolsa e caminho devagar até a porta. — Obrigada por tudo, Lucas.

— Não precisa me agradecer. Foi um prazer, já disse. Amanhã volto para a agência, e não nos veremos mais com tanta frequência. É você quem vai tocar o barco. É seu projeto, e é assim que tem que ser.

— Ainda sinto medo, sabia?

— Sentir medo de algo novo é normal. Confio em você. Vai dar tudo certo.

Estamos de frente um para o outro. Foi muito bom trabalhar com ele e conhecê-lo melhor.

— Sentirei sua falta — confesso. Ele é uma excelente companhia.

— Não precisa sentir. Estou ao alcance de uma mensagem ou ligação. — Ele abre espaço para que eu passe. — Ainda vou trabalhar na Villa Encantada nos bastidores e nos veremos bastante. Eu pedi isso ao seu avô.

— Pediu?

— Sim.

— Que bom.

Nós seguimos juntos até a entrada, apagando as luzes que deixamos para trás. Eu me despeço dele beijando seu rosto, como faço com todos da

família. Um movimento natural, quase automático.

— Não importa para o que seja — Ele toca meu braço devagar, antes que eu me vire para partir. — É só chamar e eu virei.

Assinto em silêncio e me afasto.

A frase tem tanto significado, que eu não consigo responder nada.

Capítulo 20

Lucas

I know you've been hurt, I know that you've been broken
Had to walk alone no hand to hold
But those lonely days are gone cause I am right beside you
Down every long and darkened road[10]
JAMESTOWN STORY – BAREFOOT AND BRUISED

Três semanas se passam desde a inauguração e nos reunimos de novo, dessa vez para celebrar o casamento de Clara e Bernardo. Ainda nem saímos da igreja, mas a família já está agitada. Lex voltou do Rio e não veio sozinho, se levarmos o bebê que ele tem no colo em consideração.

Fernanda também está presente com o marido e o filho. Nós apenas nos cumprimentamos de longe. A última vez em que conversamos foi no dia da inauguração da Villa Encantada. Achei melhor esperar que ela entrasse em contato e, como não entrou, permaneci calado. O sr. Fernando me lembrou de que preciso ir a ONG com mais frequência, e eu sei disso, mas Fernanda é perfeitamente capaz de administrar tudo com a ajuda que tem por lá. Não é necessário que eu me envolva, a não ser que ela precise.

— Pode beijar a noiva — anuncia o padre, encerrando a cerimônia.

Bernardo e Clara se beijam e todos comemoramos.

— O Rodrigo bateu o carro. — Rafael me avisa, bem sério. — Estamos indo para o hospital.

Eu o sigo até o carro sem fazer perguntas. É madrugada, e a festa do casamento está quase no fim. Viviane está chorando e Rafael está com a respiração acelerada. Qualquer acidente de carro nos remete a uma memória terrível, em que perdemos pessoas amadas.

— Eu dirijo — informo, ao chegarmos ao carro. — Vai atrás com a Vivi.

Nenhum deles discorda. Posso ver Rafael tentando controlar uma crise de ansiedade e Vivi está apavorada. Continuo sem fazer perguntas. Não posso sequer pensar na possibilidade de perdermos mais um de nós.

No hospital, esperamos que Mila, nossa amiga, nos traga informações. Ninguém diz nada. Sabemos que Rodrigo saiu da festa após uma discussão com a Branca e bateu o carro. Eu o vi bebendo no casamento, mas ele nunca dirige após beber, então não me preocupei.

Eu me sinto culpado por ter ido ao banheiro na hora e não tê-lo visto sair. Jamais o deixaria dirigir alcoolizado. Foi assim que meus pais, irmão e prima morreram; por um cara achar que poderia beber e dirigir.

Eu devia saber que algo assim aconteceria depois de toda a cena da igreja. No fim, o bebê que o Lex carregava nem era dele. Na sacola que a mãe deixou, havia uma carta para o Rodrigo, em que dizia que ele era o pai. Droga, por que não fiquei por perto o tempo todo?

Está difícil respirar. Não aguento mais esperar e deixo o saguão do hospital. O ar frio do fim da madrugada se choca contra meu corpo. Caminho um pouco até encostar em uma coluna. Não há ninguém por perto.

Fecho os olhos por alguns instantes e assim permaneço até sentir um perfume conhecido na brisa fria. Abro os olhos e Fernanda está à minha frente, bem próxima.

— Eu não quis te atrapalhar — ela fala, baixinho, abraçando o próprio corpo.

Tiro meu paletó e coloco sobre seus ombros. Ela tenta argumentar,

mas a impeço.

— Você nunca atrapalha. É só que... — Quero falar sobre o que estou sentindo e o pavor que aperta meu peito quando penso no que perdi e no que podemos perder agora, mas não consigo.

Não posso mais conter as lágrimas.

— Vem cá. — Ela me puxa devagar e me abraça. — Não precisa falar nada, mas deixa sair. Pode chorar. Estou aqui.

É quase instantâneo, como se parte de mim precisasse ouvir o pedido para então chorar. Não seguro nada. Eu a abraço com o máximo de força que posso sem machucá-la. Meus sentimentos estão confusos. A dor da perda da minha família se mistura à perspectiva de perder Rodrigo, que é como um irmão. É assustador. Não é fácil perder a quem amamos e Deus sabe que já perdi demais.

A voz da minha mãe vem aos meus pensamentos: “Você é especial. Há um versículo na Bíblia que diz ‘porque para Deus nada é impossível’. Ele fica no primeiro capítulo do livro de Lucas. É por isso que lhe dei esse nome e é isso que você carregará com você: a certeza de que para Deus nada é impossível”. Minha relação com Deus nem sempre é fácil. Ele permitiu que eu os perdesse. Não o culpo, mas não sei lidar com o que sinto. Peço agora que Ele permita que Rodrigo fique. “Por favor, Deus”.

Aos poucos, vou me acalmando e me trazendo de volta ao presente, a esse momento em que Fernanda está comigo. Ela se encaixa com muita facilidade ao meu corpo. Seu calor se mistura ao meu e, pela primeira vez em muito tempo, não me sinto sozinho.

Capítulo 21

Fernanda

Não adianta pôr graveto
Numa fogueira que não pega mais
Não pega mais, não pega mais
MARÍLIA MENDONÇA – GRAVETO

Meu primo sobreviveu sem sequelas, apesar do susto que nos deu. Saiu o teste de DNA da bebê Anna e, sim, temos uma nova Villa entre nós. Não sei se foi culpa pelo acidente ou por encarar mesmo suas próprias responsabilidades, mas Rodrigo assumiu a paternidade e criará a pequena Anna. É claro que ele terá a ajuda de todos, mas o vô Fernando foi bem específico: podemos ajudar, mas nem tanto assim. Anna Villa é responsabilidade de Rodrigo Villa.

— Ainda bem que nem perdi tempo indo ao hospital. — Augusto diz, ao subirmos no elevador do prédio do Rodrigo para visitá-los.

Não respondo, apesar de agradecer por ele não ter ido. Foi um

momento difícil para todos enquanto não sabíamos o que estava acontecendo. Augusto não tem paciência para essas coisas. Nem para muitas outras.

— Oi, Rô. — Dou um beijo no meu primo quando ele abre a porta e lhe entrego uma travessa de lasanha.

— O que seria de mim sem você e o Lucas? — Rodrigo pergunta e franzo o cenho. — Ele passou o dia inteiro cozinhando e você me trouxe isso — Aponta para a travessa. — Sou um cara de sorte. Sem vocês, estaria lascado.

— Você ainda poderia pedir comida com seu cartão com limite infinito — Lucas explica, vindo da cozinha, com um pano de prato na mão. — Deixei tudo organizado para você se concentrar apenas na Anninha, ok? Amanhã passo aqui depois que sair da agência.

A despedida de Lucas é rápida. Felipe acena com a mão e corre para o quarto de Anna, e Augusto balança a cabeça, sem fazer muita questão. Rodrigo percebe e revira os olhos para mim, o que felizmente meu marido não viu.

Na saída, assim que entramos no elevador, Augusto diz:

— Será que o Lucas acha que seu primo vai desistir de um rabo de saia pra ficar com ele?

— Como assim?

— Esse cara é gay, Fernanda — Augusto fala como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — Ele finge que pega mulher, mas gosta mesmo é de homem. Igual aquele ex-marido da Clara.

— Quê? — Estou boquiaberta.

— Ai, Fernanda, como você é tonta. Tá na cara que ele é gay. O guarda-roupa dele deve ser todo em tons de rosa e ele passa o dia cozinhando para o Rodrigo. Sei. Você é muito cega mesmo. Não percebeu que ele é todo educadinho?

— E ser educado é sinônimo de ser gay?

— No nível dele, com toda certeza.

Fecho a boca e aperto os lábios, chocada. Meu marido não podia estar mais errado. Penso em corrigi-lo e dizer que seus preconceitos estão lhe fazendo ver coisas que não existem, mas desisto. Não seria um problema se Lucas fosse gay, assim como Maurício, ex-marido da Clara, de fato é. Contudo, não é o caso.

Felipe me olha, esperando uma reação, mas estou confusa. Então é por isso que Augusto nunca implicou por eu trabalhar tão perto do Lucas?

Tomo duas decisões: é melhor que Augusto continue a pensar assim sobre Lucas e precisarei conversar com meu filho quando chegar em casa.

Capítulo 22

Lucas

A vida é curta demais pra ficar pensando
Se eu quero e você quer, por que perder mais tempo?
E se tem sentimento, por que cê tá complicando?
Esse é nosso momento, por que perder mais tempo?
VITÃO (FEAT ANITTA) – COMPLICADO

Estou arrumando algumas roupas no guarda-roupa quando vejo o paletó que usei no casamento da Clara e do Bernardo. Pego a peça de roupa e, mesmo antes de aproximá-la ao nariz, posso sentir o perfume de Fernanda. Antes que eu perceba, estou inspirando a peça de roupa.

— Conheço essa cara — Mila diz, ao entrar no quarto com uma pilha de toalhas e lençóis. — Você deixou suas roupas em cima da secadora. O que está acontecendo?

— Não está acontecendo nada. — Coloco o paletó de volta ao cabide e guardo-o no guarda-roupa.

— Lucas, você é todo organizadinho. O que é ótimo, porque eu odiaria morar com um bagunceiro.

— Como o Rodrigo, né? — provoco, para tentar mudar de assunto.

Mila e eu dividimos o apartamento há alguns meses. Ela faz residência em medicina e nem sempre nossos horários batem, mas gosto da sensação de ter alguém por perto. Rodrigo e ela namoraram por anos, então, somos bem próximos. E, não, nunca rolou nada além de amizade entre nós.

— Nem vem citar o Rodrigo. Você não vai escapar dessa conversa. — Ela aponta o dedo e deita na minha cama, derrubando a pilha de roupas. — Deita aqui. — Bate no colchão e obedeço, depois de colocar as toalhas sobre a cômoda. — Agora conta.

— Não tenho nada para contar. — Olho para o teto.

— Você está mentindo. — Ela acompanha o meu olhar. Já encontramos muitas respostas nesse teto branco.

— Talvez eu esteja.

— Viu, só? O bom menino não consegue mentir.

— É que não sei se estou pronto para falar.

— Isso eu posso aceitar. Me conta quando estiver pronto?

— Isso eu posso fazer — imito seu tom.

Mila levanta da cama e me puxa pela mão.

— Vem. Vamos maratonar séries. Até te deixo escolher dessa vez.

— Mentirosa.

Ela dá uma gargalhada, balançando os cabelos escuros e me arrancando da cama. Quem sabe se eu maratonar uma série, consigo colocar em ordem esses sentimentos que com certeza vão me meter em confusão?

Capítulo 23

Fernanda

I shot for the sky
I'm stuck on the ground
So why do I try?
I know I'm gonna fall down
I thought I could fly
So why did I drown?
I'll never know why
It’s coming down, down, down[11]
JASON WALKER - DOWN

Meu coração está acelerado. Não consigo respirar direito. Meu peito está apertado. Eu me mexo devagar, tentando me libertar. Tentando entender o que está acontecendo.

Tentando.

Tentando.

Tentando.

Abro os olhos.

Ufa.

Era um pesadelo?

Não.

Eu não acordei?

Por que está tão difícil respirar?

No escuro da noite, aos poucos, vou recuperando a consciência e entendendo o peso sobre mim. Augusto está sobre meu corpo, arremetendo contra mim, enquanto eu dormia. Sem parar. Sem parar. Até me acordar.

As lágrimas escorrem enquanto o líquido quente se esparrama dentro de mim.

Apenas alguns minutos.

Apenas.

Alguns.

Minutos.

Minutos em que fiquei em silêncio e não me debati, porque se o fizesse, seria pior, seria muito pior. É seu dever, ele diria. Sou seu dono, ele diria.

Não me movo. Mesmo quando ele se deita ao meu lado na cama e logo começa a roncar. Não me movo. Não quero arriscar acordá-lo. Quero voltar a dormir e esquecer.

Queria poder acordar.

Capítulo 24

Lucas

E agora eu te pergunto
Onde está o amor (onde está o amor)
De que tanto falam? (De que tanto falam?)
Eu fico impaciente
PLABO ALBORAN (FEAT TIÊ) - DÓNDE ESTÁ EL AMOR

— Tô te dizendo: essa menina é uma máquina de cagar. — Rodrigo aponta para a fralda suja que acabou de trocar.

— Passa o dragãozinho pra que eu o alimente enquanto você vai tomar um banho. — Pego Anna no colo e me sento no sofá. — Seu estado é lastimável, Rodrigo.

— Ah, pronto. Agora vou ser julgado por não conseguir tomar nem banho cuidando dessa senhorita aí.

— Começou a choradeira do seu pai — falo para a bebê de seis meses que abocanha a mamadeira no meu colo, enquanto Rodrigo me manda à merda.

Ouço o chuveiro sendo ligado e me concentro na pequena Anna e seu tufo de cabelos avermelhados. Ela mama relaxada em meus braços, confiando que será cuidada.

— Você revirou a vida do seu pai do avesso e vai ter que ter paciência, mas ele é um bom homem. O quê? Ah, não acredite nesse papo de que só eu sou um bom homem. Seu pai também é. Se ele for para você um tiquinho de como é um grande amigo, você está feita. E pode contar comigo, é claro. Sempre. — A mamadeira acaba e a coloco sobre a mesa, ajeitando Anna para que possa arrotar. Cantarolo uma música e depois a aninho de novo, de forma que nossos olhos se encontrem. — Sabe o que estou percebendo? Você parece a prima do seu pai. — Ela pisca e ri quando eu falo. — Não, não. Eu perceber a semelhança não quer dizer nada. Se eu perguntasse para o seu pai, ele confirmaria. — Ela ri de novo, como se me desafiasse. — É claro que não vou perguntar para o seu pai. Você é nova e não conhece bem sua família ainda, mas eles falam demais. Quando um sabe, todos têm que saber, e eu não estou pronto para assumir nem para mim, quanto mais para todos eles. — Seus olhinhos vão se fechando devagar, conforme ela adormece. — É, você tem toda razão: eu estou muito ferrado.

Capítulo 25

Fernanda

Oh, I hope some day I'll make it out of here
Even if it takes all night or a hundred years
Need a place to hide, but I can't find one near
Wanna feel alive, outside I can't fight my fear[12]
BILLIE EILISH (PART. KHALID) – LOVELY

O primeiro mês na Villa Encantada chega ao fim com dez mulheres e dezesseis crianças. Nossa equipe é composta por dez pessoas, entre elas Paulo e Ana Maria, os assistentes sociais. Apenas uma mulher nos encontrou por conta própria. As outras foram encaminhadas por eles.

Antes de abrir, meu avô, Lucas e eu nos sentamos para definir como seriam o tratamento, acompanhamento, encaminhamento e reintegração dessas mulheres. Para isso, vô Fernando concordou que elas precisariam de uma profissão ou de um emprego. A partir daí, elas poderiam ter o próprio lugar para morar e nós as acompanharíamos de perto, caso precisassem de algo, até que pudessem seguir em frente sozinhas. A maior parte delas não tem formação, e isso é usado pelos maridos para controlá-las. Se não tem

como ganhar dinheiro, não tem como fugir.

Esse é um segundo ponto que me tocou muito. Recebemos uma moça chamada Carolina, que conseguiu escapar do ex-namorado violento e se mudou do Rio para São Paulo, mas, ao chegar aqui, procurou emprego por muito tempo e, quando conseguiu, foi assediada pelo gerente. Com medo de ser demitida, ela aceitou ficar com ele. Agora Carolina está grávida e sem emprego.

Também temos a Glória, uma mulher transexual que não conseguiu emprego algum, então, vivia como prostituta. Ela soube da Villa Encantada porque passou aqui na porta e se encantou com o portão nas cores do arco-íris. Ainda me lembro do sorriso que deu quando a convidei para entrar e almoçar conosco.

Paulo e Ana Maria me orientaram a não receber alguém assim, sem checar antes, porque é perigoso. Eu sei que é, mas não consegui esperar pela checagem deles. Agora já está tudo certo e prometi ser mais cuidadosa.

O projeto completo da Villa Encantada não é barato, mas meu avô sabe muito bem como conquistar os colaboradores, e ele mesmo investe bastante por aqui. Tio Túlio também nos ajuda muito através da equipe de seu escritório de advocacia. Muitas mulheres precisam de ajuda legal, então, é um alívio tê-lo conosco.

Termino de responder um e-mail do meu avô, que dizia que ele havia contratado a primeira mulher transexual da agência e que a achou muito educada e inteligente. Ideia do Lucas, é claro. Lucas está sempre atento a todas as vozes. Para ele, cada pessoa deve se sentir bem-vinda e representada. Ele também disse que foi perigoso o que fiz pela Glória, mas que o teria feito também.

Meu avô é um homem de outro tempo, mas ele procura se atualizar. Outro ponto positivo de conviver tão perto do Lucas, que não deixa passar nada. Por mais que vovô ainda derrape em um ou outro preconceito, ele se corrige e tenta entender e recomeçar.

Eu me ajeito na cadeira do escritório e abaixo a tela do notebook. Está quase na hora do almoço e gosto de fazer minha refeição com as outras mulheres e crianças. Aos pouquinhos, elas estão aprendendo a confiar mais e a aceitar o cuidado. Acho que quando somos muito machucadas, confiar torna-se perigoso demais. Qualquer ato falho pode significar um risco para a vida.

— Olá — A voz de Lucas faz com que eu olhe para a porta.

— Oi... Não sabia que você vinha. — Eu me levanto, e nos encontramos no meio da sala.

Dou um beijo em seu rosto, enquanto ele segura meus ombros

devagar. O toque não dura mais do que dois segundos, mas permanece mesmo depois que ele se afasta.

— Hoje é um dia especial. Não podia deixar de vir. — Ele levanta uma sacolinha de presente.

— O que é isso?

— Um mês de Villa Encantada. — Ele me entrega a sacolinha e dentro há um pacote. — Você está salvando vidas. O mínimo que posso fazer é honrar isso.

Curiosa, abro logo o pacote. Há um livro de capa dura: "*Mulheres que correm com os lobos*", de Clarissa Pinkola Estés.

— Você não precisava.

— Eu não fiz porque precisava. Fiz porque quis. — Ele pisca, tocando a capa. — É uma edição nova. A Clara estava lendo outro dia no horário do almoço e ela me disse que é muito bom. Ainda não li. Trata do arquétipo da mulher selvagem e de como a sociedade a subjuga.

Folheio o livro enquanto ele me conta dos elogios que a Clara fez. A edição é muito bonita. Lucas é gentil, como sempre. É apenas um presente para fechar uma parceria. É só isso, não há motivo para eu querer abraçá-lo para agradecer. Uma palavra será suficiente.

— Obrigada. — Abraço o livro antes de colocá-lo sobre a mesa. — Quer participar do almoço?

Em casa, durante o jantar, Felipe conta empolgado a história de um desenho, e Augusto parece interessado. Algo sobre uma batalha, mas estou distraída com meus pensamentos. Lucas almoçou conosco na Villa Encantada. Contei a todos que ele foi meu parceiro no projeto e ele rapidamente se enturmou. Nem todas as mulheres são abertas a conversas, principalmente com homens, mas as crianças são mais curiosas, e Lucas as entreteve muito bem.

— Posso ir brincar? — Felipe pergunta ao terminar de comer.

— Vai lá, garotão. — Augusto responde. É raro o ver tão animado com as histórias de Felipe, mas sei o quanto isso deixa meu menino feliz. — Tudo tranquilo na ONG?

— Sim. Completamos um mês hoje.

— Ótimo. Sinal de que o primeiro salário vai cair. — Ele começa a mexer no celular — Seu avô aumentou o valor, não é? Lembra que você

precisa transferir 90% para a nossa conta conjunta. Não sei por que seu avô inventou essa moda de você ter uma conta só sua. Aqui sou eu que cuido do dinheiro.

Assinto e me levanto para lavar a louça. Não sei por que esperava uma reação diferente dele, e menos ainda por que doeu tanto saber que ele não se importa com o que faço, desde que renda dinheiro.

Eu me concentro na louça e ignoro quando ele passa a mão na minha bunda e me avisa que à noite terá sexo. É tão comum quanto perguntar o que há para o jantar.

As horas se passam mais rápido do que eu queria. Felipe dormiu no meio do capítulo da história nova sobre um pirata. Ajeito sua coberta e vou para o meu quarto. Por mais que eu enrole no banheiro, sei que não posso ficar a noite toda.

Abro a porta devagar e ouço o ronco do Augusto. Um arrepio de alívio percorre meu corpo. Apago a luz bem rápido e me guio pela fraca iluminação do celular. Pé ante pé caminho até a cama, quase como se a minha vida dependesse do silêncio.

Eu me deito na pontinha da cama. Distante o suficiente para que o calor do meu corpo não o desperte e me cubro. Solto a respiração aos poucos. Nem percebi que estava segurando.

Meu coração ainda está acelerado.

Quando eu era mais nova, lia muitos livros sobre um homem lindo cuja esposa ou parceira não o amava. Às vezes era um casamento arranjado ou uma relação na qual o amor havia acabado. Outras vezes havia até um sequestro. Em todas, apesar do homem fazer mal a mulher, dominá-la contra a vontade e até bater nela, ela se apaixonava por ele. Não estou falando do que duas pessoas podem fazer na cama, se ambas estiverem dispostas. Estou falando do que pode acontecer, quando apenas uma delas está disposta.

Há sempre um jogo de sedução por parte de quem escreve a história, tornando sexy e romântico aquilo que nunca devia ser admitido. Como se ser forçada a fazer sexo fosse milagrosamente menos doloroso pelo fato de o homem ser bonito.

Não é.

Dói. E me parte mais a cada dia.

Meu marido é um homem muito lindo. Quem o vê o julga educado, gentil, amoroso. Ele era assim antes de nos casarmos. Não sei explicar quando as coisas mudaram e ele deixou de ser aquele por quem me apaixonei. Não há como sentir prazer ao ser tocada por um homem que controla cada passo seu. Um homem que te ameaça. Um homem que, quando você teve coragem de pedir o divórcio, disse que você jamais seria de outro.

Há algo tão sinistro nessa frase que faz com que você tenha certeza de que ele não está brincando. Se você tentar, ele será capaz de te matar.

Estou quase adormecendo, quando sinto a mão de Augusto puxando a minha camisola. Estremeço enquanto ele se ergue e afasta minha calcinha para o lado, sem nem perder tempo para tirá-la.

Em instantes, ele está dentro de mim, e tudo o que faço é implorar para Deus que faça tudo acabar rápido.

A cada investida me parto mais um pouco. Sou milhares de pedaços agora.

Capítulo 26

Lucas

Não precisa mais
Fingir que está bem
Eu sei reconhecer o seu olhar
Três segundos antes
Da lágrima cair
Eu sei o que se passa com você
PEDRO SALOMÃO (PART. TIÊ) - PADARIA

— Você deu o livro pra ela? — Clara pergunta, quando entro na sala do café.

A curiosidade de Clara sobre minha vida pessoal é divertida. Tendo em vista que o sr. Fernando não me perguntou nada sobre isso nos últimos meses, sei que os dois trocam figurinhas.

— Sim, passei lá ontem. — Preparo seu cappuccino, um hábito que desenvolvemos.

— E aí?

— E aí, o quê?

— Como ela reagiu? — Ela se senta à mesinha, curiosa.

— Surpresa e feliz.

O aroma do cappuccino passeia pelo ambiente enquanto Clara digita algo no celular, pensativa.

— Isso é bom.

— Sim, é bom fazer as pessoas felizes. — Entrego sua bebida e começo a preparar a minha.

Estamos em silêncio, mas sinto o olhar da Clara sob as minhas costas. Por que eu tinha que ser amigo da única pessoa, além de mim e Fernanda, que adora analisar os outros em silêncio? O sr. Fernando e o Rafa nos analisam também, mas eles são barulhentos como um estouro de boiada.

— Hoje você vai ter que ir lá de novo. O sr. Fernando me entregou uns papéis da fiscalização e eu me esqueci de te dar ontem. Com tanta coisa acontecendo aqui na agência, me distraí. Imperdoável. — Ela vai jogando frases sem parar.

Coloco minha bebida em frente à dela e me sento, observando-a. Não demora e suas bochechas coram.

— O que você e o sr. Fernando estão aprontando?

— Nada! — Sua voz sai esganiçada.

Aperto os lábios segurando a risada. Ela está tão vermelha quanto um tomate. Branca do jeito que é, logo seu rosto estará em chamas.

— Clara.

— Lucas.

— O que você e o sr. Fernando estão aprontando?

— Não estamos aprontando nada — responde, frisando cada palavra.

— Então por que eu preciso ir até a Villa Encantada de novo hoje?

— Porque se você não for e baixar a fiscalização lá, teremos problemas. — Ela ergue o queixo, me encarando.

— Se eu souber que faço parte de algum plano doido daquele velhote, vocês dois vão se ver comigo.

Não sou tonto. Discrição e Fernando Villa não combinam. O que eu não sei é qual é minha parte nisso. Não sabia quando começamos e, meses depois, essa ainda é a minha dúvida.

— Tá bom. — Ela pisca os olhos bem rápido, sorrindo. — O velhote e eu vamos nos ver com você, caso estejamos aprontando alguma coisa. O que não é o caso, porque não estamos. — Ela completa, ainda com as bochechas pegando fogo. — Você vai até lá?

— Eu tenho escolha?

— Todos nós temos escolhas, Lucas. Isso é algo que tenho conversado bastante com o sr. Fernando. É preciso respeitar a escolha alheia.

— Então você admite que existe um plano?

— Não existe um plano. Você é livre para não ir. Você é livre para fazer o que quiser. A questão aqui é exatamente a liberdade. As pessoas devem ser livres para escolher seu destino, não acha? Me surpreende que você, sendo meu amigo e conhecendo a minha história, não saiba que eu nunca participaria de algo que retirasse a liberdade e a escolha de cada um.

Sei que a repetição de palavras é proposital e sei que há um plano, por mais que ela negue, mas entendi a questão da liberdade. Há algo acontecendo com a Fernanda e, seja lá o que for, o sr. Fernando deve ter percebido.

Para Clara estar tão dedicada a isso, ela também sabe. Durante anos, ela viveu um casamento com quem não amava com um cara que a engravidou novinha. Como a Fernanda.

— Posso pedir para o motoboy enviar agora mesmo. — Clara se levanta, coloca a xícara na pia e se volta para mim. — Devo fazer isso?

Aqui estou eu, parado em frente do portão com as cores do arco-íris. Quem olha de fora não enxerga o interior. É mais uma medida de segurança, além das câmeras no alto do muro. Essas mulheres e crianças já passaram por muitas dores. O mínimo que podemos fazer agora é protegê-las.

Toco o interfone e logo Fernanda aparece. Seu olhar surpreso me faz sorrir, ao que ela retribui. Quer dizer, seus lábios retribuem. Os olhos evitam os meus.

— Visitas em dias seguidos. Está tudo bem? — pergunta, deixando-me entrar e fechando a porta atrás de si. — Eu estava no pátio. É hora de contação de história para as crianças; como o dia estava bonito, fizemos aqui fora.

— Eu atrapalho? Vim deixar os papéis da fiscalização. — Entrego o envelope.

— Não atrapalha, não. Elas estão com a monitora. Vou guardar na minha sala. — Ela pega o envelope e vira as costas.

Ela não me fez um convite, mas a sigo. Já sei que Fernanda carrega uma melancolia em seu peito, mas nunca a vi tão triste.

Assim que estamos os dois na sala, fecho a porta devagar. Ela caminha até a mesa e deposita o envelope, sem se virar. Eu me aproximo aos poucos, ao mesmo tempo em que ela segura a borda da mesa com força.

— Fê, está tudo bem? — Raramente a chamo pelo apelido, mas algo me diz que o momento pede isso.

Fernanda dá um soluço. Eu dou um passo em sua direção.

Ela se vira, as lágrimas quase caindo. Eu chego mais perto e levanto a mão, tocando seu braço devagar. Ela vem. Em instantes, preenche o meu abraço e segura minha camisa com força.

— Estou aqui, Fê. Estou aqui.

Capítulo 27

Fernanda

Just stop your crying
Have the time of your life
Breaking through the atmosphere
Things are pretty good from here
Remember everything will be alright
We can meet again somewhere
Somewhere far away from here[13]
HARRY STILES – SIGN OF THE TIMES

— Estou aqui, Fê. Estou aqui.

As palavras de Lucas reverberam em meus ouvidos. Suas mãos percorrem minhas costas com carinho, oferecendo aconchego, cuidado, proteção. Meu coração se aperta ainda mais, como se soubesse que estou trapaceando. Roubando esse momento para mim, quando eu não poderia. Não mereço isso. Não posso sentir o que venho sentindo.

Meus pensamentos confusos me levam à primeira vez que nos vimos, em frente ao hospital em que minha tia estava internada após a tentativa de suicídio. Lucas chegou com Rafael, que chamou o nome da Viviane,

fazendo-a correr para seus braços. O corpo dos dois parecia um só, como se eles realmente pertencessem um ao outro. Não como Augusto faz comigo, com o pertencimento por obrigação, como prisão. É um pertencimento quase predestinado, algo feito para ser. Eles são livres e escolheram estar juntos.

Naquele dia, Lucas e eu, tão novinhos, com apenas dezoito anos, olhávamos para os dois e de um para o outro, sem compreender o poder de um amor como aquele. Eu era só uma menina, e já estava grávida de Augusto. Eu achava que seria feliz para sempre. E o Lucas? Nunca conversamos sobre isso, mas, ao nos conhecermos tão bem como agora, eu diria que ele se questionava se um dia abraçaria alguém daquele jeito.

O abraço dos dois tem a mesma energia que esse meu momento nos braços de Lucas. Finalmente entendo o que Vivi quis dizer ao falar daquilo como abraço-casa. É isso. Mas o que sinto é errado. Essa é uma casa que não pode ser habitada por mim.

A forma como Lucas está perto e não me solta enquanto despejo minha dor em seu peito é muito significativa. Ele consegue ver por toda a minha armadura. Ele enxerga através do meu disfarce de mulher feliz que todos à minha volta acreditam.

Lucas acolhe meu choro sem fazer perguntas. Sua mão acaricia meu pescoço. Gosto de como ele não diz que tudo vai ficar bem. Talvez porque

ele saiba que nem tudo fica. Nem tudo pode ser consertado. Às vezes, temos dor e nada mais.

Aos poucos, vou recobrando o controle e as lágrimas param de cair. Sem me soltar, ele pega um lenço de papel da minha mesa e se afasta o suficiente para que possamos nos olhar. Ele enxuga meu rosto delicadamente, como se cada lágrima merecesse seu carinho e atenção. Ao terminar, suas mãos voltam ao meu rosto. Agora vazias.

Não, vazias não.

Suas mãos retornam repletas de todas as preciosidades que há dentro dele. Lucas é amor. Amor por cada um dessa família cheia de problemas que o acolheu. Ele perdeu pai, mãe, prima, irmão, tios. Perdeu quase todos que amava e, ainda assim, tem amor o bastante para cuidar de cada um de nós.

Eu permito me esconder dentro de seus olhos escuros, permito fingir que esse momento é mais do que um momento e me deixo levar pela forma como ele passeia o polegar pelo meu rosto até tocar meu lábio inferior.

E tampouco o impeço, quando ele toca meus lábios com os seus.

Capítulo 28

Lucas

Just a kiss on your lips in the moonlight
Just a touch of the fire burning so bright
No, I don't wanna mess this thing up
I don't want push too far
Just a shot in the dark that you just might
Be the one I've been waiting for my whole life[14]
LADY ANTEBELLUM – JUST A KISS

Meu coração acelera quando toco os lábios de Fernanda com os meus. Ela volta a se agarrar em minha camisa, mas dessa vez não há tristeza. Não há nada além de desejo e entrega. Por incontáveis vezes me imaginei beijando-a, mas nunca ousaria ultrapassar nenhum sinal ou fazer algo que não tivesse a certeza de que ela também queria.

Eu intensifico o beijo, aprofundando o contato com a língua e Fernanda a suga, oferecendo cada vez mais. Sua mão desce pelas minhas costas e se acomoda em minha cintura. Um arrepio percorre minha espinha, e tudo o que quero é ter mais tempo com ela.

Acaricio seu rosto e a toco no pescoço. Sinto-a também se arrepiar ao

meu toque. Meu coração bate mais forte a cada segundo, como um alarme de perigo. Ele sabe o que sinto e sabe o que está em jogo, mas ela me puxa mais e eu vou. Eu me entrego a cada pensamento que tive nas últimas semanas. Que sentimento é esse, meu Deus?

Lutei contra isso. Tentei me afastar e, por fim, decidi amá-la à distância, de onde não causaria problemas. Contudo, não posso vê-la tão ferida e não oferecer carinho. Era apenas isso. Não imaginei que terminaria o conforto assim. Aconteceu. Foi inevitável.

Há amores tão fortes que se atraem um para o outro, aos quais você não sabe se pode ou se deve se entregar. Então, você guarda esse desejo o máximo que consegue até que se torne o desejo secreto do coração. A partir daí, não importa o quanto você lute ou resista, seu coração sempre o guiará a quem o espera. Acredito que é possível se manter distante, se a outra pessoa levantar barreiras, mas, se o sentimento for recíproco, ninguém será capaz de separá-los.

Não sei quanto tempo se passa. Não há palavras. Não há distância. Não há nada além de dois corações que se reconhecem.

Capítulo 29

Fernanda

É, a gente se conhece já faz um bom tempo
É, conheço os seus medos e você sabe dos meus defeitos
E se a gente deixasse de lado a amizade?
E se a gente assumir que quando tem saudade
Não é só de conversar, é saudade de se tocar?
FELIPE ARAÚJO – MINHA VONTADE

— Lucas... — murmuro entre os beijos. — Espera.

Lucas para e se afasta no mesmo segundo. Ele não me força, ele não insiste. Ele para e me olha, esperando para ouvir o que direi. Seus olhos estão nebulosos com o desejo e sinto o volume em sua calça, ainda em contato comigo. Mesmo assim, mesmo com a vontade evidente, ele não me força.

Entreabro os lábios, surpresa, e o beijo outra vez. Meu plano era me afastar, mas não consegui. Augusto nunca me deixou falar não. Se eu falo, ele me machuca mais. Com Lucas, foi o oposto: eu falei, ele me olhou e esperou.

Agora me entrego ao beijo outra vez e me delicio com as sensações que Lucas me faz sentir. Ele desce a mão até a minha cintura e intensifica o

contato. Toco seu abdômen, incerta, parando a mão sobre seu cinto. Meus dedos hesitam, inseguros.

Lucas acaricia da cintura até minha bunda e abre espaço sobre a mesa, onde me acomoda. Por um instante, o arrepio que sinto é de medo, mas, outra vez, ele para, procurando meu olhar ao tocar minha coxa devagar, em uma pergunta muda. Assinto. Dou a ele a permissão que me pede em silêncio.

Eu devia parar, mas não consigo. Estou encantada.

Lucas volta a me beijar e me surpreendo ao puxá-lo com minhas pernas. Ele vem, continuadamente intercalando carinho com intensidade. Os beijos continuam. Boca. Pescoço. Colo.

Nunca fui beijada dessa forma. Ele faz com que eu queira me entregar aqui mesmo, bem em cima da mesa. Sem conseguir evitar, toco sua ereção através do tecido da calça. Esse simples gesto a torna maior. Com o incentivo, Lucas coloca a mão por baixo do meu vestido e dedilha até tocar o tecido da calcinha. Gelo e prendo o ar, de forma automática. Ele capta cada detalhe das minhas reações.

— Está tudo bem, Fê. — Lucas se afasta, com cuidado. — Está tudo bem.

— Me desculpa. — Evito encará-lo, envergonhada.

— Pelo quê? — Ele volta a se aproximar, mas dessa vez toca apenas

meu rosto.

— Por não continuar. Eu provoquei e agora você vai ter que lidar com isso... — Aponto para a calça.

A reação de Lucas não podia ser mais inesperada: ele dá uma risada.

— Você não tem obrigação nenhuma de me satisfazer. E eu não teria a primeira vez com você em cima de uma mesa. — Franze o cenho, preocupado com meus sentimentos.

— Não?

— Não. Depois da segunda ou terceira, talvez. — Ele brinca, aliviando o ambiente. — Quando isso acontecer de fato — Aponta para nós dois —, será em uma cama, com direito a todo carinho e romance que você merece.

Após tocar meus lábios mais uma vez com os seus, ele se afasta de novo. Inspirando e expirando profundamente.

— Eu não sei o que está acontecendo. — Sou sincera.

A partir do momento que nos separamos, todas as inseguranças do mundo retornam ao meu coração.

— Nós não precisamos descobrir agora. — Pela forma como ele balança a cabeça, reconheço sua confusão.

— Não? — De novo a minha dúvida. Lucas é tão diferente!

— Claro que não. Há muita coisa envolvida.

Não sei se consigo esconder a tristeza que sinto ao me lembrar de tudo o que nos afasta. Talvez ele esteja dizendo que sabe tanto quanto eu que é impossível.

— É uma situação delicada e temos que ser cuidadosos — Ele se aproxima outra vez, fazendo com que nossos olhares se encontrem. —, mas há algo que você precisa saber: quero ficar com você. De verdade, do jeito certo. Não vou te forçar a nada e nem ser um problema na sua vida. Você terá o seu tempo e estarei com você nisso tudo, se quiser.

Boquiaberta, retribuo seu olhar.

— Não é simples, Lucas. Não quero que se machuque.

— Você não vai me machucar.

Aperto meus lábios, sem querer dizer que não é comigo que ele tem que se preocupar. Por mais que eu tenha sentimentos por ele, há muito jogo, inclusive nossas vidas.

Capítulo 30

Lucas

Por isso todo mundo passa
E quem nunca passou, vai passar
Já tô dizendo aos meus amigos
Calma que eu não vou pirar
Já pirei!
Me apaixonei, perdidamente
LUAN SANTANA – CHUVA DE ARROZ

Você já tá em casa?

Daqui a duas horas saio do plantão

Perdi um paciente hoje.

Leio a mensagem da Mila assim que estaciono o carro em frente à balada do Rafa. Ela acrescenta um coração partido e balanço a cabeça, triste. Não posso demorar muito. Mila é pediatra, o que significa que suas perdas têm um significado ainda maior. Meu irmão tinha dez anos quando partiu, e não se passa um dia sem que eu pense em como ele estaria agora, vivendo, sendo feliz.

O segurança me cumprimenta e me deixa entrar na balada. O lugar está cheio e barulhento. Rafael está no bar. É sempre assim. Ou está no palco ou trabalhando no bar.

As pessoas costumam ficar curiosas sobre como alguém que passou pela reabilitação para tratar seu vício em drogas pode trabalhar tão tranquilamente em um bar. A verdade é que o álcool nunca foi um problema para ele, mas evitá-lo diminuiu o risco de abrir portas para coisas piores. Ele está limpo há alguns anos e todos nós nos orgulhamos muito disso.

— Fala, garoto. — Ele acena quando me vê. — Já comeu?

— Ainda não, pai. — Provoco.

— Te dou um tapa, hein? — Ele ri antes de me abraçar. — Vou pedir pra preparem algo pra você.

— Pede pra viagem, então. Pra dois.

— Vai comer com alguém? — investiga.

— Com a Mila.

— Humm...

— Humm... nada. Não tem nada rolando com ela.

— Melhor, né? Porque ela é ex-namorada do Rodrigo e ex-rolo do Lex. Essa família não precisa de mais confusão.

— Verdade. — Nem sei por que falo isso, afinal, trouxe uma confusão bem grande. — A gente pode conversar no escritório?

Meu primo estreita os olhos, sério. Basta uma chamada para conversa e já é suficiente para ele saber que estou com problemas. Ele avisa os outros dois caras que cuidam do bar e ergue a mão, apontando para os fundos do salão, onde fica seu escritório.

Passamos pela música alta e pelas pessoas se divertindo. Eu as observo pensando se estão felizes com suas vidas, se estão bem, se estão aqui para deixar alguma dor de lado ou apenas se divertir.

Rafael destranca a porta do escritório e eu entro. Ele me segue e fecha a porta.

— Desembucha. — Ele cruza os braços tatuados, franzindo a testa.

Não tem como florear isso, então sou direto e reto:

— Eu beijei a Fernanda.

— Puta que pariu! — Rafa leva às mãos à cabeça e começa a andar de um lado para o outro. Ele é dramático. Escorpiano com ascendente em câncer. Preciso esperar que ele se recupere do impacto. — Seria mais fácil se tivesse beijado a Mila.

— Mas beijei a Fernanda. Nós nos beijamos, na verdade. Foi... —

Penso um pouco. — Intenso.

— Vocês transaram?

— Não. Beijo não é transa, Rafa. Achei que você saberia disso a essa altura da vida.

— Acho que é um murro o que você merece hoje.

Ele não está falando sério. É um pouco exagerado, além de dramático.

— Nós só nos beijamos. Um pouco forte, mas não passou disso.

— Beleza. Uma pegação intensa. Tranquilo. — Ele dá dois tapinhas nas minhas costas. — É só não fazer mais e a gente consegue segurar uma explosão na família. — Continua andando de um lado para o outro.

— Relaxa, Rafa.

— Puta merda, você vai transar com ela! — Cruza os braços de novo para segurar a ansiedade, certamente pensando em um modo de me salvar de qualquer encrenca.

Fernanda e eu somos um tema complexo. Ela é casada e sou o braço direito do avô dela, além de fazer parte da família. Deus sabe que eu nunca magoaria nenhum deles. Deus sabe que eu jamais a teria beijado se ambos não quiséssemos muito isso. Sou franco:

— Entenda: se eu puder, caso com ela.

— Porra, tá apaixonado mesmo. — Ele passa as mãos no rosto, pensativo. — Bom, analisando a minha situação passada com a Vivi, até que a sua não é tão complicada assim. A Fê é casada, mas divórcios acontecem todos os dias. Se vocês dois se entenderem, ela pode se divorciar e vocês ficarem juntos. Foi assim com a Clara e com o Bernardo, mas duvido que o Augusto seja gente boa como o Maurício.

— Ele não é.

— Então você vai ter que se cuidar, porque se eu notar um fio de cabelo faltando nessa sua cabeça ou na da Fernanda, eu vou matar aquele filho da puta.

Prefiro não contar a ele sobre minhas suspeitas. Augusto é abusivo. Não tenho dúvida quanto a isso. Ele se encaixa direitinho no comportamento do último namorado da Mila, que, aliás foi um dos motivos que me fez ir morar com ela. A diferença é que a Mila não deixa que nenhum cara a domine ou abuse da relação, mas a Fernanda é mais quieta, não tem nada reativo.

Depois de alguns minutos, Rafa vai se acalmando. Ele olha em volta e sorri.

— Foi bem aqui que Vivi e eu reatamos. Transamos nessa mesa. Que transa do caralho. — Ele dá um tapa na madeira, sorridente. — Você já disse

que a ama?

— Ainda não. — Nem o questiono sobre o fato de ele saber que eu a amo sem eu nunca ter dito, porque Rafael é muito ligado a mim.

— Bom, se quiser usar o “te amo, porra”, pode.

— Ah, você me autoriza?

— Se usar sem a minha autorização, posso te processar. Tenho os direitos autorais e tudo. Ele tem um efeito muito bom, sabe? Forte. Dramático na medida certa. — ele junta as mãos em um coração e cai na risada.

Conversamos mais um pouco até a comida ficar pronta. Quando nos despedimos, Rafael me abraça e me diz:

— Se cuida, tá? Aquilo que eu falei é sério. É bom o Augusto dar o divórcio numa boa, ou não respondo por mim.

O apartamento está em silêncio quando chego, exceto pelo barulho do chuveiro. Ajeito a comida sobre a mesa e coloco o sorvete de flocos no freezer. Em seguida, me sento no sofá e espero a Mila sair do banho.

Encosto a cabeça para trás e meus pensamentos me levam aos beijos

que troquei com a Fernanda. Fecho os olhos e saboreio a lembrança.

Em minha vida, já me apaixonei por muitas mulheres. Desde novinho procuro o amor, e isso se intensificou depois que perdi minha família. É quase uma busca insana. Eu me machuquei uma infinidade de vezes, afinal, o amor não está em qualquer esquina. Quer dizer, às vezes até está, mas não o encontrei fácil assim. Parecia que quanto mais eu o procurava, mais ele corria de mim. É bem triste, se parar para pensar. Todo mundo que me conhece sabe que tenho amor de sobra. Não é triste que um cara com tanto amor não consiga viver um?

O vapor que escapa pela porta do banheiro aberta e o perfume da Mila me tiram do meu devaneio. Ela está usando um pijama felpudo lilás e tem a toalha enrolada na cabeça. Seus olhos vermelhos e rosto inchado falam por ela.

— Vem cá. — Bato a mão no sofá.

Mila me obedece em silêncio e se senta ao meu lado, caindo em cheio no meu abraço. Não demora e ela está soluçando. É assim toda vez que ela perde um paciente. Hoje foi um menino de cinco anos, de quem ela cuidava há alguns meses. Ela costuma dividir cada paciente comigo, e comemoramos por cada um que se cura, mas hoje é dia de chorar. E, se ela não está bem, eu não tenho como ficar.

Uma hora depois, o choro vai diminuindo.

— Quer comer? O Rafa mandou comida. Eu trouxe sorvete de flocos, mas só vai comer se jantar antes.

Depois de me dar um beijo na minha bochecha, ela se levanta e estende a mão.

— Vamos jantar, mas antes quero que me conte algo.

— O quê?

— Que perfume é esse na sua roupa?

Capítulo 31

Fernanda

Eu sei o que se passa com você
Já não sei se é amor
O que eu sinto no meu coração
Eu só sei que esse amor
Me envolve e eu não sei dizer não...
ADAIR CARDOSO (PART. CLAUDIA LEITTE) – ENAMORADO

Afundo meus dedos na terra fofa, o máximo que a mão vai. Abro espaço para colocar a semente e imito os movimentos que André, o paisagista, me ensinou. As crianças me acompanham enquanto plantamos tomates. Elas se divertem com coisas simples, e vê-las encantadas com a horta me deixa feliz.

Quando terminamos o trabalho, elas me ajudam a guardar as ferramentas e depois as libero para o lanche. Fico sozinha na área verde, meu jardim encantado. Caminho pelas plantas e flores e me sento em um dos bancos, apreciando a calmaria.

Desde ontem foram poucos os momentos que não pensei em Lucas.

Mais cedo ele me mandou uma mensagem. Era simples, desejando um bom dia, mas só esse cuidado me fez abraçar o celular.

Por sorte, ontem Augusto dormiu sem me tocar. Não sei como lidaria com seu toque forçado.

Fui muito cuidadosa quando cheguei e segui direto para o banho. O perfume de Lucas estava em minha pele e, infelizmente, ele precisava ir embora. Não aconteceu o mesmo com o meu coração. Não há sabão que arranque as sementes que Lucas vem plantando em mim ao longo dos últimos meses.

— Olá — Lucas se senta ao meu lado, dando-me um beijo discreto no rosto.

— Nem ouvi o interfone tocar.

— Não tocou. André estava saindo e me deixou entrar.

— O que faz aqui? Algum documento? — Sorrio, ao vê-lo de mãos vazias.

— Não. Hoje eu vim só pra te ver. — diz baixo, e segura minha mão discretamente. — Você está bem?

— Sim. E você?

— Melhor agora.

Passamos vinte minutos conversando sobre a Villa Encantada e os progressos que estamos fazendo. O barulho das crianças, que acabaram de lanchar, está próximo, mas Lucas ainda segura a minha mão.

— Eu preciso... — dizemos juntos, o que nos faz rir.

Insisto para que ele prossiga. Eu nem sei mesmo o que ia dizer.

— Eu preciso dar uma olhada em um documento na sua sala, se não for um problema pra você.

Nós nos fitamos por longos segundos, enquanto ele espera. Sei que não há nenhum documento a ser visto e que se entrarmos, repetiremos o que fizemos ontem. É tão bonito o quanto ele espera minha autorização! E é exatamente por isso que respondo sim.

Capítulo 32

Lucas

Meus pés estavam pulando calçadas
Pulando as divisões das calçadas
Dois pés sozinhos e uma estrada
Dois pés chutando latas
Aí eles tropeçaram em você
Eles tropeçaram em você
Você me beijou e eu voltei do espaço
Com poeira da lua nos sapatos
MARCOS & BELUTTI – POEIRA DA LUA

Coloco um Lego gigante sobre uma peça e entrego o avião para Priscila.

— Carrinho! — Ela faz o próximo pedido e pegamos as outras peças para montar.

É sexta-feira à noite e vim jantar na casa do Rafa e da Vivi. Os dois foram buscar sei lá o que no quarto (na verdade, eu sei, né?) e sumiram há uma hora. Não me importo. Adoro brincar com a pequena, e, assim, eles têm um pouco de tempo sozinhos.

— Te amo, Lulu — Priscila solta do nada e me dá um abraço quando lhe entrego o carrinho.

Eu a abraço de volta e bagunço seus cabelos. Ela ri e se joga no meu colo, sabendo que vai receber cócegas. É corajosa como os pais. Ela gargalha até quase faltar o ar. Aí paro e espero que tome fôlego, apenas para que ela volte a brincar em seguida.

— Alguém vai acabar fazendo xixi de tanto rir. — Viviane vem lá de dentro com os cabelos molhados.

— Se ela se mijar, o Lucas vai limpar a po... — Rafa começa e Vivi o encara — a porcaria do xixi. — Ele se corrige a tempo. — Vem cá, pequena. É hora de ir para a cama.

Viviane vai para a cozinha e eu a sigo, enquanto Rafael pega a pequena no colo e diz que vai me matar se ela der trabalho para dormir por eu tê-la deixado agitada.

— O que acha de panqueca? — Vivi prende os cabelos castanhos em um rabo, deixando à mostra sua tatuagem com as mãos segurando o coração e a coroa em cima, símbolo do amor dos dois.

— Acho ótimo. Posso fazer a massa. — Abro a geladeira, procurando os ingredientes.

— Agora sou eu que acho ótimo.

Começamos os preparos, falando de Anninha e Rodrigo, que tem sido um pai excelente e agora tem que lidar com o retorno da mãe da bebê, o que complica ainda mais seu relacionamento com a Branca.

— Então, você beijou a Fernanda? — Ela pergunta, de repente, enquanto pica as cebolas. Isso me faz parar de colocar leite no liquidificador.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, Rafa aparece na cozinha.

— O que eu sei, ela sabe. Essas são as regras.

Nem posso reclamar, porque não esperava nada diferente deles. Até concordo. É uma cumplicidade muito grande, e eles acabariam brigando se o Rafa escondesse algo assim sobre a prima dela.

— Então... — Ela repete, colocando a cebola picada na panela com óleo quente.

— Não precisa imitar o tom do sr. Fernando. Você já sabe que sim.

O aroma do refogado preenche o ar, e Vivi acrescenta o alho picado e continua:

— Meu avô sabe?

— Ainda não, mas assim que a Fernanda se sentir confortável, vou contar.

— Eu não esperava menos de você. — Ela mexe o refogado. — Ele

vai dar pulos de alegria, já que colocou vocês pra trabalhar juntos.

— Eu sabia que ele tinha um plano nos fazendo trabalhar juntos, mas acabar com o casamento da neta? Tem certeza?

— Que casamento? A Fê não é feliz, mas quando a gente tenta falar, ela nega e se fecha. Aí para de comparecer às reuniões de família e se afasta.

— Você sabia disso? — pergunto ao Rafael.

— Eu não. — Sua expressão demonstra a confusão. — Pelo que parece eu conto tudo para a Vivi, mas ela me conta *mais ou menos* tudo.

— É um assunto particular da Fernanda, Rafa. Temos que respeitar.

— Tá tranquilo, amor. — Ele pega a carne moída e acrescenta à panela que Vivi mexia. — Eu sei que vocês Villa e Albuquerque têm as coisas de vocês.

— E eu ter beijado a Fernanda não deveria ser um assunto particular meu? Não devia ter um lance dos Ferraz? — Encaro o Rafa.

— Não, aí não. Aí é assunto da família toda. — Viviane ergue o queixo como se me desafiasse.

Ligo o liquidificador, preparando a massa das panquecas para ganhar tempo.

— Você está parecendo o seu avô — digo, por cima do som, e em

seguida desligo o liquidificador.

— Não estou nem perto. Mesmo sendo um assunto pelo qual eu me interesso muito, meu avô gentilmente me proibiu de ajudar no projeto porque achava que seria melhor vocês dois sozinhos.

— Aquele pilantra sempre tem um plano. Ainda me lembro do nervoso que ele me fez passar com aquela porra de plano B. — Rafa se intromete, agora assumindo o refogado da carne e acrescentando mais temperos.

— Trazer o Bernardo de Londres para atrapalhar o nosso namoro é um pouquinho menor do que um plano para acabar com o casamento da Fernanda, Rafa. — Vivi o provoca com um assunto que nunca deixará de ser polêmico, apesar dos anos passados.

— Você fala isso porque não foi você que quase morreu de ciúme no meio de uma crise de abstinência, amor. — Rafa agarra Vivi no meio da cozinha e a beija no pescoço. Ela ri, oferecendo os lábios.

— Eu ia fazer as panquecas, mas, se vocês quiserem, eu posso ir lá pra sala. — Ergo as mãos.

— Quero. — Rafa afirma.

— Fica aqui. — Vivi pede ao mesmo tempo.

— Vivi, sei que a gente curte umas coisas doidas, mas o Lucas assistir não vai ser uma delas. — Ele a beija outra vez.

— Não é isso, seu tonto. — Ela gargalha. — A carne vai queimar! — Ela o faz reassumir o controle da panela. — Precisamos falar sobre o Lucas e a Fernanda.

— Sabia que isso do Lucas e da Fernanda se pegarem ia sobrar pra mim. — Ele finge reclamar e ela se aproxima por trás, beijando seu pescoço.

— Sabe que eu te amo, né? Mais que o plano B do vovô. — Ela ainda o provoca.

— Tá faltando algo aí nesse amor, dona Viviane. — Ele pisca.

— Te amo, porra! — Ela se declara, e escapa antes que ele a abrace de novo.

— Vai ter volta mais tarde.

— Tô contando com isso. — Ela abre a geladeira e pega alguns ovos. — Agora, voltemos ao tópico pré-jantar: Lucas e Fernanda.

Nem tento resistir, e respondo as perguntas que me fazem. Eu sei que, por mais que a família goste de se envolver em assuntos que não sejam exatamente da conta dela, nenhum dos dois fará nada que possa prejudicar a mim ou a Fernanda.

Capítulo 33

Fernanda

All I have, all I need, he's the air I would kill to breathe
Holds my love in his hands, still I'm searching for something
Out of breath, I am left hoping someday I'll breathe again
I'll breathe again[15]
SARA BAREILLES – BREATHE AGAIN

A água do chuveiro cai quentinha sobre meu corpo. Coloco bastante sabão de erva-doce na bucha. Não pode sobrar nem um resquício do cheiro do Lucas em mim. Meu coração se aperta com o pensamento. Não dá para levar essa situação adiante.

Lucas é sincero e paciente. Não posso negar que tenho sentimentos fortes por ele. Talvez, se tivéssemos uma chance de ficar juntos, poderíamos ser muito felizes.

Também penso em meu filho. Por mais que eu queira o pai por perto, conforme Felipe cresce e desenvolve suas próprias opiniões, mais os dois se desentendem. Por quanto tempo terei que explicar escondido para o meu filho que ele não deve repetir os preconceitos do pai? Por quanto tempo

conseguirei seguir vivendo duas vidas?

E pensar que Lucas e eu ficamos apenas nos beijos. Ele respeita o medo que sinto de ir adiante antes de me resolver com o Augusto. Ele não me cobra, nem me pede nada, mas sei que não está em uma situação confortável. Em breve vamos nos encontrar em alguma reunião de família, e como será?

Fecho o chuveiro e puxo a toalha, enxugando-me devagar. Augusto foi a um bar com os amigos e disse que chegaria tarde. Quero aproveitar e dormir antes dele, pedindo a Deus para que ele chegue bêbado o suficiente para deitar e não me tocar.

Acordo sobressaltada, com o hálito quente e repleto de álcool do Augusto. Ele está sobre o meu corpo e, com o susto, eu o empurro.

— Sabe que adoro quando você reage. — Ele me penetra com mais força.

— Não!

— Isso! Me empurra mais.

Estou prestes a enfiar as unhas na sua pele, mas me contenho, os

olhos ardendo pelas lágrimas. Se eu o machucar, ele me machucará mais, então, aguardo inerte até que ele se derrame em mim.

Acordo cedo no dia seguinte e vou direto para o banho. Ligo o chuveiro e me sento no chão frio, enquanto a água se junta ao meu pranto. Aperto os lábios para que Augusto não possa me ouvir do lado de fora. Sinto nojo do meu corpo. Eu me arranho, querendo arrancar qualquer sinal da noite passada.

O choro aumenta até que um nó suba à minha garganta. Não consigo respirar. Não consigo. Não sei por quanto tempo poderei aguentar.

Quando saio do chuveiro, já parei de chorar. Passo a mão pelo vidro embaçado. Meu reflexo simboliza uma mulher derrotada, presa a um casamento sem amor, que sequer se lembra da última vez em que o marido a tratou com carinho.

Chega. Não posso mais aguentar.

Espero até que anoiteça para conversar com Augusto. Não é possível que ele goste de como as coisas estão. Durante o dia, ele mal me olhou. Pareceu envergonhado, até me pediu desculpa. Talvez ele esteja entendendo que não dá mais para vivermos assim.

Assim que coloco Felipe para dormir, vou para o quarto. Augusto está assistindo a um programa de humor na televisão.

Estou com medo, mas preciso ter coragem. Não posso ajudar a tantas mulheres a escaparem de uma vida como essa e aceitar o que ele faz comigo.

— Podemos conversar? — Eu me sento na beirada da cama.

— O que foi? —pergunta, sério.

— Eu pensei bem e... não dá mais para continuarmos assim.

— Do que está falando? — Ele se senta mais próximo a mim, parecendo realmente não entender.

Encho meu peito de ar e digo o mais rápido que posso:

— Eu quero me divorciar.

Em um instante estou na cama e no outro meu corpo é jogado no chão com a violência do tapa que ele me dá. Eu não emito nem um som. Não posso suportar que Felipe acorde e presencie seu pai sendo violento comigo.

Toco meu rosto. Há marcas dos dedos de Augusto em mim. Ele nunca havia me ferido assim.

Eu me encolho quando ele se aproxima, montando sobre mim enquanto analisa o estrago do tapa. Ele faz menção de se afastar, mas retorna me dando outra bofetada. Minha boca começa a sangrar. Não satisfeito, ele acaricia meu rosto e desce as mãos até o pescoço, apertando, apertando e apertando.

Uma enxurrada de pensamentos me preenche. Penso no meu filho, dormindo em seu quarto, em tudo o que perderei de sua vida, em seu mundo ruindo ao acordar e não me encontrar mais aqui.

O ar fica escasso. Quando estou prestes de desmaiar, ele me solta.

— Isso é pra que você saiba o que vai acontecer se vier com essa merda de conversa de novo.

Tusso e engasgo na busca desesperada por ar. Não consigo responder nada. Meu rosto queima e minha boca se enche de sangue.

Augusto me vira com força, me colocando de bruços. Tento me arrastar para longe, mas é tarde demais. Ele tampa meus lábios enquanto arremete violentamente por trás, me rasgando, me partindo outra vez.

Fui tola por pensar que ele poderia ser racional.

Não me movo. Estou morta outra vez.

Capítulo 34

Lucas

Volta esse filme, amor
Eu quero ver você
Fala que é de verdade, que a realidade
Poderia ser
Menos cruel
Comigo e com você
NINA FERNANDES – CRUEL

Rafael resolve fazer um churrasco no domingo e chama todo mundo. Não demora e Fernanda responde que está com dor de cabeça e não poderá ir.

— Você viu o que eu vi? — Mila me pergunta do outro lado do sofá.

— Sim, a Fernanda não vai. — Coloco o celular sobre a mesa, sem saber o que pensar.

— Eu me preocupo quando ela não aparece. Não faz sentido se isolar assim. Quer dizer, faz se ele a estiver obrigando, mas dessa vez ele nem em casa está. Ela disse que foi jogar bola e só volta no fim do dia. Acho que vou passar lá em vez de ir para o churras do Rafa.

— Vai, sim. Diga que mandei um beijo.

Eu me levanto para ir tomar banho antes de ir para a casa do Rafa. Tive uma noite péssima, cheia de pesadelos, e acordei me sentindo um lixo. Se soubesse que todos lidariam com minha ausência numa boa, nem sairia de casa hoje.

Quando saio do banho, Mila não está mais em casa. Vou para o meu quarto e me deito na cama, olhando para o teto. Antes de sair para o churrasco, não resisto e envio uma mensagem para Fernanda.

Você tá bem?

Ela responde logo em seguida.

Fernanda
Tô, sim. E você?

Lucas:
Mais ou menos.
Tô com o coração apertado.
Você tá mesmo bem?

Agora ela demora alguns segundos a mais.

Fernanda:
Tô bem. Não se preocupe.

Lucas:
Fê, se algo estiver errado, é só dizer.
Em minutos eu chego aí e trago você e o Felipe pra cá.

Fernanda:
Obrigada, mas tá tudo bem.

Lucas:
Ok.
Tô com saudade.

Fernanda:
Eu também.

Capítulo 35

Fernanda

Sand and stone, struggles to claim and own
(Take my burden, I can't bear the weight)
Wars lost won, promises come undone
(I've been fighting, trying not to break)
Nobody has to know[16]
KINA GRANNIS – THE KEEPER

Fê, tô aqui na porta.

Abre.

A notificação da mensagem da Mila me faz prender o ar. Não abrirei. Não posso abrir. Nem se eu quisesse. Augusto me deixou trancada. Ele saiu e levou Felipe junto. Não sei para onde foram. Não vi meu filho hoje cedo. Ele não podia ver meu rosto inchado e arroxeado. Ainda consegui esconder as marcas no pescoço com uma blusa de gola alta, mas não conseguirei disfarçar o rosto enquanto o inchaço não diminuir. O fato de eu chorar sem parar

também não ajuda.

Ei, eu sei que você está aí.

Fê, só posso ajudar se você se abrir

Se abrir a porta pra quem ama você

Mais uma mensagem. Leio pela barra de notificação.

Como responder a isso? Como dizer que nenhum deles pode me ajudar?

Conheço a Mila desde criança e sei que ela também é uma das melhores amigas do Lucas. Sei que sabe sobre nós, porque até isso ele me contou. Não conseguiria esconder que confessou o que sente para outra pessoa.

Lucas é doce, gentil, amoroso até com pessoas que ele não conhece. O modo como trata qualquer um que cruza o seu caminho é admirável. Augusto nem sonha que haja outro. Hoje de manhã ele ainda falou sobre isso, que se um dia houver outro, ele mataria a nós dois. O homem primeiro, para que eu sentisse a dor, e depois mataria a mim.

Preciso pensar em Felipe. Meu filho não pode ser criado sozinho por

esse monstro. Preciso ficar até que ele seja maior de idade e o pai não tenha mais controle. Preciso salvá-lo.

Sobre o Lucas, a maior prova de amor que posso lhe dar é ficar longe.

Capítulo 36

Lucas

Don't you know I'm no good for you?
I've learned to lose you, can't afford to
Tore my shirt to stop you bleedin'
But nothin' ever stops you leavin'
Quiet when I'm coming home and I'm on my own
I could lie, say I like it like that, like it like that
I could lie, say I like it like that, like it like that[17]
BILLIE EILISH – WHEN THE PARTY IS OVER

Desde domingo que não troco mensagens com Fernanda. Ainda tentei mandar algo à noite, quando Mila me disse que não a encontrou em casa, mas Fernanda não respondeu e optei por lhe dar um tempo.

É difícil não saber o que está acontecendo, mas não temos uma relação comum. Forçar a deixaria ainda mais assustada. Depois de tudo o que Viviane disse sobre o casamento da prima e o modo como ela se afasta da família, tenho medo por ela, por isso, espero.

Durante os meses em que trabalhamos juntos, nossa aproximação foi tão tranquila, e foi tão fácil conhecer suas nuances! Era como se ela

permitisse que eu a visse, mesmo sem se dar conta do que fazíamos.

Agora, olho para o projeto em minha mesa sem conseguir me concentrar. Como criar algo sabendo que Fernanda tem sido continuadamente podada?

Meu celular vibra e seu nome chama a minha atenção. Corro para ler a mensagem.

Fernanda:

Lucas, é muito difícil te escrever,

porque sei vou te machucar e você é a última pessoa a quem quero ferir.

Sinto muito por ser assim.

Decidi que quero ficar casada com meu marido.

Ele é o pai do meu filho e preciso tentar por mais tempo.

Peço que respeite meu espaço e evite ir à Villa Encantada.

Preciso seguir com minha vida e você merece ser feliz com alguém.

Saiba que foi tudo real.

Só não consigo continuar e arriscar minha família.

Me perdoa.

A mensagem me pega de surpresa. É a primeira vez na vida que sinto meu coração se contrair, quase como se pudesse se partir de verdade. E olha que já tomei muitos foras. Não sei o que está acontecendo. Não sinto verdade

em suas palavras, mas tudo o que posso fazer é aceitar sua decisão.

Lucas:
Se você está feliz, então, darei um jeito de ficar feliz também.
Vou respeitar seu tempo e me manter distante.

Envio rápido, sem pensar muito. Melhor arrancar de uma vez.

Mas saiba que estou aqui, se precisar de mim.
Sempre vou estar.

Não consigo evitar e acrescento as últimas frases.

Ela visualiza e não me responde, mas não me arrependo.

É a verdade. É amor, de um jeito que nunca senti.

Capítulo 37

Fernanda

Stai attenta
Ha avuto tutto inizio in questa stanza
Non perdere di vista neanche l'ombra
E fermati un momento a quel che sembra
A volte è tutto quello che è abbastanza[18]
NEGRAMARO – ATTENTA

Um ano e poucos meses depois

O tempo passa independentemente de estarmos ou não preparados para ele. Acredito que se estivermos preparados, pode ser ainda mais doloroso vê-lo passar, enquanto nos encolhemos diante do caminho que poderíamos ter seguido.

Depois de tudo, minha vida se resume ao meu filho e à Villa Encantada. Não há espaço para o que sinto em relação a mim mesma. Tudo de mim é dado a outro, a um ponto que minhas feridas pareçam estar fechadas. É ilusão. Sei que a dor não foi a lugar algum, mas cada noite de

choro é revertida a uma mulher a quem posso salvar.

Dedico meus dias para que elas tenham uma chance que talvez eu nunca vá ter. Isso não importa. Se eu der o melhor de mim, é possível tornar o mundo um lugar melhor.

Há seis meses, tivemos mais uma perda na Villa Encantada. Uma de nós – sim, eu me assumi como uma delas – voltou para o ex-marido e, dois dias depois, ele ateou fogo nela na frente dos filhos, que morreram queimados tentando ajudá-la. Vidas encerradas assim... como se não representassem nada. Uma dor imensa.

Nessas horas, a luta se torna sufocante. Ver uma mulher morrer por ser mulher é revoltante. Os séculos se passam e ainda não conseguimos nossa liberdade. A situação fica pior conforme a renda diminui. Há uma porção muito grande de mulheres que nunca sequer saberá que o que vive é uma prisão. Ela aceita, porque lhe dizem que isso é o certo. Ela sofre em silêncio. E, muitas vezes, ela morre sem dizer uma palavra.

Entro na sala de artes e Maria mistura a tinta para finalizar sua pintura. É um castelo bem bonito, daqueles que habitam nossos sonhos quando crianças.

— Está incrível, Maria.

— Obrigada. — Ela sorri, tímida, cobrindo o rosto com seus cachos.

Ela ainda tenta esconder o rosto. A pele negra ficou desfigurada após a facada que seu companheiro lhe deu. A cicatriz não está mais ali. Conseguimos que ela fizesse uma cirurgia reparadora. Mesmo assim, ela se esconde. Velhos hábitos são difíceis de esquecer, mesmo com ajuda psicológica.

Deixo-a pintando e me aproximo da janela. Venho aqui todos os dias ao pôr-do-sol. Lá está nosso belíssimo jardim encantado. Ele aquece memórias secretamente escondidas, de um tempo em que quase acreditei que seria possível me libertar.

Capítulo 38

Lucas

I thought that I've been hurt before
But no one's ever left me quite this sore
Your words cut deeper than a knife
Now I need someone to breathe me back to life
Got a feeling that I'm going under
But I know that I'll make it out alive
If I quit calling you my lover
And move on[19]
SHAW MENDES - STITCHES

É sexta à noite.

Amarro as luvas de boxe às mãos. Alongo o pescoço. Ainda estou quente do aquecimento. Fecho os olhos e dou alguns pulos. Reabro. Soco. Soco. Soco.

Um seguido do outro.

Um para cada sentimento contido.

Um para cada sonho perdido.

O suor escorre pelo meu peito e bato no saco de areia outra vez. Bato até me sentir exausto, bato até não restar nenhum pensamento, bato até deixar

tudo sair. Bato. Bato. Bato. A dor não vai embora.

Há mais de um ano que eu tento.

Há mais de um ano que eu falho.

Capítulo 39

Fernanda

Eu pensei que fosse fácil esquecer
Uma paixão
Descobri como é difícil dominar
O coração
BRUNO E MARRONE – JURAS DE AMOR

No último Natal, passamos com a família do Augusto, mas este ano será com minha família. Felipe está eufórico para esperar o Papai Noel (ninguém menos que vô Fernando) com os primos. Estou ansiosa. Lucas e eu nos encontramos pouquíssimas vezes nesse tempo. Em nenhuma ocasião trocamos mais do que duas palavras. Nem mesmo quando a Villa Encantada completou um ano, quando ele me mandou uma cesta de chocolate branco, meu preferido. Agradeci, mas não o deixei esticar a conversa. Isso só nos machucará ainda mais.

Chegamos à casa do vovô por volta das 21h. Não queria ter saído tão tarde, porque chegar por último me coloca em evidência, mas Augusto estava

assistindo a um filme e não quis sair até acabar.

A casa está linda. Toda decorada. No canto da sala, uma árvore de Natal brilha imensa, repleta de presentes. Felipe corre e se junta aos primos. Os Albuquerque estão passando conosco. Meu avô e tio Túlio também revezam.

Todos nos veem quando entramos na sala e nos cumprimentam. Em meio a tantas pessoas, meu olhar encontra com o dele. Lucas está parado em frente à porta do corredor, segurando uma taça de vinho. Segundos de conexão que dizem tanto. Um amor tão grande, impossível de se concretizar. Pisco algumas vezes para afastar as lágrimas. Ele balança a cabeça, dá um meio sorriso e depois desaparece pelo corredor.

Como todos os eventos da família, a noite de Natal é muito divertida. As crianças correm de um lado para o outro e é assim que acabo toda molhada de refrigerante, após uma trombada com Pedrinho, filho da Clara.

Por sorte, Branca ainda mantém um quarto na casa dos pais, que moram na casa ao lado, e me empresta um de seus vestidos. O vestido verde sem mangas é belíssimo, bem marcado no busto. Temo que isso possa ser um

problema com Augusto, mas Branca insiste que devemos voltar logo porque já vai dar meia noite.

Pois é... Crescemos e continuamos amando ver vô Fernando vestido de Papai Noel dizendo ho, ho, ho exatamente como fazia quando éramos crianças. Há algo belo nisso, saber que não importa como tenha sido o ano, nós ainda temos a nossa família.

Bem, estou na casa dos meus avôs, e daqui a uma hora mais ou menos devemos ir embora. Não é possível que meu marido vá implicar tanto assim.

Eu não poderia estar mais enganada. Assim que me vê, Augusto fecha a cara.

— Se esse bosta falar merda, vou dar na cara dele. Tô avisando. Que ciúme de merda. — Branca xinga perto de mim, chamando a atenção do meu primo Rodrigo, que se aproxima, em silêncio.

A esse ponto, eu não tenho mais controle de quem sabe o que nessa família. Eu espero que eles se controlem o suficiente, porque, por mais que queiram me proteger, Augusto vai descontar em mim depois.

Aproveito a euforia das crianças com a chegada do Papai Noel e fico perto da minha avó, que elogia o vestido e diz que é uma pena minha mãe não ter vindo. É realmente uma pena, mas ela é assim. Sequer conheceu a Villa Encantada ainda. Não sei como meus avós, sendo as pessoas incríveis que são, podem ter como filha a mulher mais desligada da família possível.

Depois de abrir o presente que ganhou, Felipe me pede um copo de água. Sigo em direção à cozinha para buscá-lo. Mal tenho tempo de me dar conta do que está acontecendo quando Augusto me puxa com força pelo braço até banheiro, trancando-o em seguida.

— O que você...

— Quem mandou se vestir de vadia? — ele sussurra, me empurrando contra a parede, desabotoando o cinto.

— Augusto, me solta. Você está bêbado — suplico. — Minha família está toda do lado de fora.

— É por isso que você vai ficar quietinha. Se quer se vestir como vadia, vai ser tratada como vadia.

— Me solta!

Tento me debater e ele joga minha cabeça com força contra a parede. Fico tonta com o impacto e começo a me render quando escuto fortes pancadas na porta.

— Preciso usar o banheiro. — É a voz do Lucas.

— Vai procurar outro. — Augusto fala alto, tentando levantar meu vestido.

— Sai logo daí. — Lucas esmurra a porta sem parar.

— O que está acontecendo? — A voz do meu avô soa atrás da porta.

Augusto me solta, ajeitando nossas roupas e destrancando a porta.

— A Fernanda caiu e eu estava analisando o estrago quando esse imbecil aí não conseguiu arrumar outro banheiro pra mijar.

Estou com a cabeça abaixada. Não sei se Lucas estava do outro lado da porta há tempo o suficiente para ouvir o barulho. Minha cabeça está doendo demais.

— Como eu disse, a Fernanda caiu. — Augusto repete. — Eu estava tentando ajudar.

Meu avô levanta meu rosto e toca o galo gigante, que começa a se arroxear.

— Filho da puta — Lucas parte para cima de Augusto, jogando-o contra a parede.

— Que porra é essa? — Rafael aparece em instantes para separá-los, empurrando cada um para um canto do corredor.

— Solta o Lucas, Rafael. — A voz do meu avô é baixa, contida, mas todos ali reconhecem que ele está prestes a matar o Augusto.

Rafael obedece sem hesitar e Lucas acerta um murro tão forte em meu marido, que ele cambaleia. Pelo estalo, ele quebrou o nariz do Augusto.

Quando Lucas fecha a mão para um segundo murro, meu avô o impede:

— Chega. As crianças estão vindo.

Atraído pelo barulho, Felipe é um dos primeiros a aparecer.

— O que aconteceu com o papai? —pergunta, assustado, ao ver o sangue escorrendo pela camisa.

— Não foi nada. Ele caiu no banheiro. O Lucas só estava tentando ajudar. — Meu avô responde, enquanto todos nos olhamos em silêncio. — Não foi isso, Augusto?

— Sim. — Seu olhar é repleto de ódio.

Estremeço. Minha avó me abraça. Nem tinha visto que ela estava aqui. Olho ao redor e percebo que o corredor está lotado. Estão todos aqui. Cada Villa. Cada Albuquerque. Eu sei que se eu pedir, qualquer um deles se colocaria à minha frente para me proteger, mas o ódio transborda em Augusto, e sei que se eu hesitar, não seria apenas a minha vida que estaria em

risco.

Capítulo 40

Lucas

Eu sou maior que as montanhas
Voo bem mais que o avião
Sou uma pessoa estranha
Dou valor ao que há no coração
VITOR KLEY – A BOLHA

Há duas semanas os VillAlbuquerques (a junção é coisa do Rafa) estavam focados em onde passaríamos o Ano Novo. Agora, estamos aqui, reunidos à mesa de reuniões da agência de publicidade dos Villa, um olhando para a cara do outro, em silêncio. O sr. Fernando nos reuniu sem dizer o motivo, mas sabemos que é relacionado à Fernanda. Depois da noite de Natal, há três dias, ninguém mais pôde seguir em paz. A culpa por não ter percebido antes que algo tão grave assim ocorria marca a expressão de cada um. Conversamos bastante sobre como ela se camuflava entre nós sem mostrar sua dor. Viviane está arrasada. As duas são primas e cresceram juntas. É surreal perceber o quanto alguém pode fingir que está bem, quando realmente não está.

Na noite de Natal, o sr. Fernando decretou que Augusto fosse a um hospital e que Fernanda e Felipe passassem a noite com a família. Na verdade, ele não se importava para onde Augusto iria, desde que os outros dois permanecessem em sua casa.

Acredite ou não, Augusto não discordou, afinal até ele sabe das consequências de questionar um decreto do patriarca dos Villa. Viviane e Rodrigo tentaram várias vezes, mas isso envolve estar ciente de que o avô cortará o dinheiro. Apesar de Vivi não ter se importado com isso na época em que enfrentou o avô para ficar com o Rafa, duvido que Augusto queira arriscar os privilégios que tem sendo da família.

Além de dizer a Fernanda que ela pode contar comigo para o que precisar, não conversei com ela nos últimos dias. Não achei certo forçar uma aproximação em um momento em que ela está tão fragilizada. A Vivi e a Mila me atualizam, dizem que ela está ainda mais quieta, mas parece bem.

O sr. Fernando entra na sala e se senta perante a mim, Viviane, Rodrigo, Rafael, Branca, Bernardo, Clara e Mila. Ninguém sabe bem como começar essa conversa e ele permanece em silêncio, olhando para o relógio.

— Vô... — Rodrigo abre a boca, mas o sr. Fernando o impede, erguendo o dedo, ainda encarando o relógio de pulso.

— Por tudo o que é mais sagrado, o senhor me mandou uma

mensagem dizendo que estava morrendo! — Vicente Villa entra esbravejando na sala, acompanhado de seu irmão mais novo, Thiago, que nos olha, confuso. — Qual foi a minha surpresa ao encontrar o tio Túlio no elevador e ele me dizer que não era bem assim, mas havia uma boa explicação. — Ao perceber que estamos todos reunidos ali, Vicente abranda e se agacha ao lado do avô. — O senhor está morrendo? — sussurra, preocupado.

— Todos nós estamos — diz o sr. Fernando, sério.

A reação de todos os presentes é variada: alguns apertam os lábios para não rir; outros, olham para baixo. A verdade é que qualquer um presente nessa sala já teve que sair correndo de onde quer que estivesse para atender a um chamado de Fernando Villa. É claro que nenhum de nós estava na Espanha, como Thiago, ou em algum país da África Oriental, onde Vicente atua com os Médicos Sem Fronteiras.

— Então o senhor está bem... — Vicente se joga em uma cadeira, passando as mãos pelos cabelos loiro-escuros, respirando aliviado. Seus olhos claros como os do avô refletem alívio e incredulidade.

Os irmãos são bem diferentes entre si. Vicente é bem alto, pele bem morena, queimada de sol; mantém os cabelos em um corte curto e a barba crescida de alguns dias. Thiago herdou os olhos claros da família, mas é mais

magro e mais baixo que o irmão. Usa os cabelos um pouco compridos, como o Rodrigo usava há alguns anos. Há uma dureza no rosto de Vicente muito semelhante ao avô. Talvez seja por isso que os dois tenham tantos embates. Já Thiago tem traços mais delicados, e nas raras vezes em que nos vimos se mostrou mais extrovertido que o irmão.

— *Abuelito*, está bem mesmo? — Thiago pergunta, sentando-se na cadeira ao lado do avô. — E *abuelita*?

— Na medida do possível — responde o sr. Fernando, apertando a mão do neto.

— O que está havendo? — Vicente se vira para nós, estalando o pescoço. Ele parece bem cansado. — Vocês estão bem?

Não temos tempo de responder, porque o sr. Fernando retoma a palavra.

— Qual é minha regra mais preciosa?

— Quando a família precisa, você vem — respondem os netos, como um mantra.

— Vocês dois já se mantiveram distantes por tempo demais. Tive que apelar para trazê-los de volta. Quando precisei do Bernardo, ele veio de Londres na hora. E ele nem tem meu sangue.

Vicente abre a boca, mas seja lá o que ele ia dizer, mudou no meio do caminho, porque ele encara a todos nós e pergunta:

— Onde está minha irmã?

Capítulo 41

Fernanda

Bagunçou a minha vida, mudou todos os meus planos
Eu dependo desse amor que até hoje não me deu
E eu fico na saudade de alguém que não é meu
MATHEUS E KAUAN – INCERTEZA

Me dá mais uma chance?

Nós temos um filho, sua egoísta!

Sabe que não vou te deixar ser de outro!

Você é minha!

Vamos conversar, por favor.
Você sabe que não sou assim.
Foi só um momento.

As mensagens de Augusto não param de chegar ao meu celular. Estou

na Villa Encantada. Vó Ângela está na área de recreação com o Felipe e as outras crianças. Desde o Natal os dois, que sempre foram muito chegados, então ainda mais próximos.

Como vou tirar uns dias de folga no final do ano, preciso deixar tudo organizado para que não sintam a minha falta.

Coço a cabeça e sinto o galo. Ainda dói e está bem arroxeado. Um lembrete do que Augusto é capaz de fazer. Tentei disfarçar com maquiagem, mas a toda hora olho no espelho, como se eu tivesse uma marca da vergonha.

Sei que a culpa não é minha, assim como sei que não mereci nada daquilo de nenhuma forma. O que não sei é o que fazer. Parece bem simples: pedir o divórcio. Mas ele me deixará livre se eu o fizer?

Como se lesse meus pensamentos, novas mensagens chegam:

Me perdoa?

Eu me descontrolo porque te amo.

Não sei viver sem você.

Vou dar o tempo que você precisa.

A gente passa o Ano Novo junto, depois eu viajo com a minha família

por uns dias.

Duas batidas discretas à minha porta chamam a atenção.

— É só entrar.

Maria entra, receosa, olhando à sua volta. O único momento em que ela se sente segura é enquanto pinta. Fora isso, olha para tudo desconfiada, como se estivesse em risco.

— Trouxe bolo. — Ela me entrega um pratinho com bolo de banana com cobertura de doce de leite.

— Muito obrigada. — Eu me levanto para pegar. — Você já comeu?

— Duas vezes. — Ela dá um sorriso tímido.

— Sinal de está muito bom. — Dou uma garfada e comprovo, murmurando. — Uma delícia!

Maria segue olhando tudo ao redor, mas depois fixa os olhos em mim, mais precisamente na área marcada por Augusto.

— Há quanto tempo? — ela pergunta em voz baixa, quase inaudível.

Coloco o pratinho sobre a mesa e engulo o pedaço de bolo com dificuldade. Não preciso perguntar como ela sabe que meu marido me bateu. É simples: uma mulher ferida reconhece outra.

— Muito. — Sinto meus olhos arderem.

— Vai se divorciar?

— Não sei. Estou com muito medo do que ele pode fazer. — A sinceridade em minhas palavras é o que basta para que as lágrimas se derramem. — Eu sou uma fraude, não é?

O soluço chacoalha meu corpo para frente e Maria me abraça. Ela é uma mulher franzina, mas me abraça com toda a força que pode.

— Você não é uma fraude — ela diz em meu ouvido. — Você é minha heroína e a de todas as mulheres aqui. Mesmo passando pelo mesmo que nós, você ainda cuida da gente.

— Não conte às outras, por favor.

— Não contarei. Cada uma de nós tem seu tempo. Você precisa do seu. Mas se lembra daquilo que você sempre nos diz. Você não está sozinha.

— Eu não estou sozinha — repito.

Balanço a cabeça e enxugo meu rosto. Ainda não sei que caminho tomar, mas estou aliviada por saber que tenho apoio de várias formas. Nós somos vítimas, mas não permitiremos que nenhum homem nos reduza a isso. Nós resistiremos, ainda que sobreviver não seja possível para todas nós. Seguiremos resistindo. Seguiremos juntas.

Ouço vozes altas no corredor. Maria se sobressalta, assustada. Seguro sua mão, com o coração aos solavancos. Em instantes reconheço as vozes e levo a mão ao peito, aliviada.

— São meus irmãos.

Capítulo 42

Lucas

I’ve been loving you so long
And now that I got the chance
I see you need to dance on your own
So I'll wait another day
Maybe another year
I’m gonna be right here, oh oh
I take you anywhere
I put you on a throne
I lay down my heart I swear
And I’ll make sure that you’ll never be alone[°F]
AUSTIN MAHONE – SHADOW

— Eu acho que o Augusto passar a virada de ano com a gente é uma oportunidade da Fê ver que não tem mais lugar pra ele na vida dela — Mila comenta, assim que a pego no plantão para que possamos viajar para a praia, onde os outros estão.

— Eu pensei nisso, mesmo achando difícil ficar perto dele sem reagir.

— Imagino. Os irmãos dela estão putos. Pra mim, isso é um pouco de culpa. Eles foram embora sem olhar pra trás. Nem tenho irmãos, mas se você precisasse, por exemplo, eu voltaria de qualquer lugar em que estivesse.

— Eu também. Família é mais que sangue. Mas, sei lá, não vamos julgar os caras. A mãe da Fê é bem ausente, né? Nem parece uma Villa. É estranho.

— Bom, não quero julgá-los, mas acho que tô julgando, sim, Lu. E condenando. — Ela balança a cabeça, brava. Tudo o que tem acontecido é gatilho para o relacionamento abusivo que ela viveu com um dos médicos do hospital em que trabalha.

Seguimos falando sobre a família da Fernanda e do quanto deve ter sido difícil crescer em uma casa em que todos iam embora enquanto ela crescia. Eu perdi minha família aos dezoito anos e ainda lido com essa dor, mas, em casa, não havia nada mais sagrado do que uns aos outros.

Minha mãe tinha duas regras:

- não se sai de casa ou dorme brigado;

- não se sai de casa ou dorme sem dizer “eu te amo”.

Ela dizia que nenhum de nós sabia o que poderia acontecer ao sair ou durante aquela noite, então, cada despedida tinha que ser repleta de amor. Ela estava certa. Mantivemos esse costume até o fim. Na verdade, antes de dormir, ainda digo que os amo, e espero de coração que possam ouvir onde quer que estejam.

Mila e eu somos os últimos a chegar. Rafael suspira de alívio assim que me vê. Ele sabe que é difícil estar no mesmo ambiente que Fernanda sem que nos falemos, mas tenho medo de demonstrar o que sinto e causar ainda mais problemas a ela. Por isso, tenho ficado calado quando a família toda se reúne.

Quando estamos todos reunidos à mesa, posso jurar que não sou o único a lembrar da conversa com o sr. Fernando, na qual ele nos orientou a não nos meter na vida da Fernanda – logo ele, quem diria? – a não ser que ela precise. Suas palavras específicas foram: *Vocês devem saber e estar alerta para o fato de que Augusto é agressivo e abusivo, mas é Fernanda quem deve escolher romper o laço. Ela tem nosso apoio e iremos protegê-la.* — Ele encarou o Rafa tão sério nessa hora que sei que os dois têm algum plano B, do qual não faço ideia. — *Mas ela decide o que fazer. Augusto já tirou demais da minha neta. Nós não diminuiremos sua força, mas a honraremos estando a seu lado durante todo o processo.*

Volto dos meus devaneios ao ver Rafael erguer sua taça, e brindamos. A casa está cheia e barulhenta. Todos rimos e brincamos. Observo Fernanda de longe: ela sorri para uma brincadeira de Thiago com Vicente. É visível que ela se sente segura com eles por perto.

Meu primo tenta segurar os palavrões e nem sempre consegue, o que acaba nos fazendo rir mais. Há amor aqui. Amor que salta à vista. Amor com suas complicações e imperfeições, mas há amor. Tirando, é claro, Augusto.

Ele não se encaixa. O que ele sente é qualquer coisa, menos amor. O jeito que ele olha e toca Fernanda é possessivo, perigoso. Antes eu achava que o ciúme me fazia ver coisas, depois entendi que não. Por mais que não seja nada confortável vê-los juntos, o que sinto por Fernanda é tão forte que tudo o que posso querer é sua felicidade. Se ela fosse feliz com ele, eu me manteria distante como fiz ao longo desse tempo todo. Agora, sabendo que ela vive um pesadelo, sinto-me triste. Ela merece a felicidade.

Depois de comermos, Rodrigo liga o karaokê na sala e começa a cantar High School Musical. Ele me dá uma olhada. Sei que percebeu que estou ficando melancólico. As crianças enlouquecem com a música e resolvo me juntar a ele. Bernardo e Rafael se abraçam e, para o choque de todos, meu primo se junta a nós. Rodrigo o provoca, colocando o *Show das Poderosas* em seguida.

— Não vamos ver os fogos na praia não? — Branca pergunta, apontando para o relógio.

Todo mundo se empolga, inclusive Fernanda e Felipe, mas Augusto diz:

— Estamos cansados e vamos ficar com as crianças.

Eu olho para o teto, porque se eu olhar para ele, não vou responder por mim.

As filhas de Rafael (sim, ele teve outra bebê, e a Vivi está grávida de novo!) e o filho de Bernardo e Clara estão dormindo, e esse miserável quer usá-los de desculpa. Qualquer um de nós pode ficar. Estou prestes a me oferecer para que ela possa ir, quando Vicente contesta:

— Se você não se importa de ficar com os bebês, tudo bem. Obrigado. Mas minha irmã e o Felipe vão com a gente para a praia, se eles quiserem. Os bebês estão dormindo. Você não terá trabalho. Há anos que não passo uma virada com minha irmã. É muito importante para mim. — Vicente pega Fernanda pela mão, que se emociona. Meu coração até aquece.

— Eu fico também. — Lex avisa, sentando-se no sofá. — Eles são três. É bom que tenha dois de nós, pelo menos.

— Tudo bem, então. Por mim, tranquilo. — Augusto sorri, mas estreita os olhos. — É melhor vocês irem ou não vão chegar a tempo.

Não demora e a areia gelada da noite refresca nossos pés descalços. É quase meia-noite. Caminhamos até perto da água. As crianças estão alguns passos à frente. Fernanda passa devagar por nós sem tirar os olhos do filho. Meu movimento é rápido e viro a mão, fazendo com que a ponta de nossos dedos se toque. Um pequeno instante de calor em meio ao longo inverno no qual nos obrigamos a viver. Nós sequer nos olhamos, mas a faísca acelera

meu coração.

Vicente começa a conversar com ela e me afasto um pouco. Viro para o lado e dou de cara com Rafael. Por sua expressão, tenho a certeza de que estava me encarando o tempo todo.

— Eu não vou mais te forçar a vir, Lucas. — Sua voz é baixa. Está com medo de me perder porque sabe que é difícil lidar com uma distância que não sei se vai terminar. — Eu te amo, cara. Te amo pra caralho. Não quero que vá embora. Não quero que se afaste. Mas também não quero que sinta seu coração se partindo toda vez ela está por perto.

— Ele se parte quando ela não está também.

— Eu não sei o que faria se estivesse em seu lugar. Porra, se a Vivi estivesse casada com outro cara. Nem sei... Ainda mais com esse babaca. — Coloco a mão em seu ombro. — Você lembra o que o seu pai dizia todos os anos por volta desse horário?

— Sobre o que acontece entre o último e o primeiro dia do ano? — Minha voz embarga. Lá vai o Rafa me fazer chorar.

— Sim. É o momento de tomar aquela decisão que vai mudar tudo. Nem vou te dizer para tomar uma decisão hoje, mas uma vez, quando eu estava na merda, você esteve lá e não deixou que eu me rendesse. Agora sou eu que não vou deixar que você se renda. Tome uma decisão e a assuma. Foda-se qual seja, foda-se o que vão pensar. Se é o que o seu coração quer,

vai atrás disso, porra!

Não tenho tempo de responder, as pessoas na praia começam a gritar a contagem regressiva.

10...

9...

8...

7...

6...

5...

4...

3...

2...

1...

Os fogos estouram no céu e as crianças gritam, alegres. Minha garganta se fecha e inspiro profundamente tentando conter as lágrimas.

— Feliz Ano Novo... — digo baixinho para o céu, em memória de todos aqueles que a vida me tirou.

Rafael me abraça. Ele é mais duro, mas está emocionado. Difícil não estar. Ele sabe o que estou sentindo.

— Você merece tudo o que seu coração quiser e, se eu pudesse, faria tudo para te ver feliz. Aliás, se o seu coração te dizer pra matar o Augusto,

juro que te ajudo a esconder o corpo. — Ele brinca, tentando me fazer rir. — Aquele babaca filho duma puta. Pode ser essa madrugada mesmo. — E dá uma risadinha.

Eu sei que o Rafa está brincando, mas também sei que se eu precisasse, era exatamente isso que ele faria por mim. Ele sai abraçando todo mundo mais uma vez e, no meio de todos aqueles abraços, Fernanda e eu nos olhamos.

É o momento de tomar aquela decisão que vai mudar tudo. A frase do meu pai ecoa em meus ouvidos. Não penso em mais nada. Em três passos, rompo a distância que há entre nós e a abraço, tirando-a do chão. Fernanda me abraça forte e, mais uma vez, o contato dura breves segundos de intensidade pura.

— Que você possa ser livre e descobrir que o amor é incapaz de ferir — murmuro em seu ouvido. Em seguida beijo seu rosto e me afasto devagar. — Eu daria a minha vida para que você pudesse viver a sua.

Capítulo 43

Fernanda

This is my fight song
Take back my life song
Prove I'm alright song
My power's turned on
Starting right now I'll be strong
I'll play my fight song
And I don't really care
If nobody else believes
'Cause I've still got
A lot of fight left in me[20]
RACHEL PLATTEN – FIGHT SONG

Meus olhos se enchem de lágrimas. Aperto o tecido do meu vestido, como se pudesse tirar dali alguma força mágica que me faça resistir a Lucas.

O amor é incapaz de ferir. A frase se repete em meu coração.

Estou a um passo de puxá-lo de volta para o abraço, quando um arrepio me gela da cabeça aos pés. A apenas dois metros de nós, em meio a várias pessoas que se cumprimentam à meia-noite, Augusto olha de Lucas para mim como se uma ligação sinistra se formasse em sua mente. Prendo a respiração, o pânico percorrendo meu corpo.

Percebendo que algo está errado, Lucas se vira e dá dois passos para trás ao ver Augusto. Ele não recua porque se assusta, pelo contrário: ele recua para ficar entre nós dois e me proteger.

Como um animal feroz, Augusto avança sobre Lucas com a intenção de nos atingir, mas ele não tem chance de chegar perto porque Rafael o intercepta, jogando-o no chão.

— Fica quietinho. Se as crianças perceberem que isso é uma briga, eu te mato aqui mesmo, ô filho da puta — Rafael fala baixo, antes das crianças pararem de brincar e nos olhar. — Peguei você! — Ele finge uma risada.

— Mamãe — Felipe segura minha mão, tremendo.

Branca reúne as crianças, ligeira como só ela é capaz de ser, e as tira de perto com a ajuda de Clara e Viviane.

— Vai pra casa com a tia Branca. A mamãe já vai. — Eu me abaixo para falar com meu filho.

— Mas o papai tá muito bravo. — Penso em dizer que Rafa e Augusto estão brincando, mas meu filho se enrosca nos meus braços, ciente de segredos que achei que escondia tão bem.

— Ei, meninão. — Thiago toca o ombro de Felipe, abaixando-se. — Vamos fazer assim: o tio Vicente fica com a mamãe e eu vou com você.

Felipe ainda hesita, assim como Thiago, que visivelmente não quer ir, mas entende que essa pode ser a única chance de poupar meu filho.

— Tá bom. — Estufando o peito, ele me surpreende ao dizer ao pai. — Você não vai mais machucar a mamãe. Eles são grandes.

A frase é tão forte que Augusto fica sem palavras. Meu coração aperta. Tanto tempo me mantendo casada por julgar que o protegia e ele certamente sabe mais do que me conta.

— Quem chegar primeiro em casa ganha o dobro de sorvete. — Ainda consigo ouvir meu irmão dizer, antes que se afastem.

Rodrigo tenta dispersar os curiosos e Rafael apoia o braço no pescoço de Augusto, apenas por uns segundos.

— Bom, né? — Ele se levanta antes que Augusto possa sufocar.

Meu marido tosse, recuperando o ar, como já me viu fazendo tantas vezes antes, e seu olhar irradia ódio.

— Vamos para casa. — Ele se senta na areia e acena para mim.

Meu irmão está ao meu lado e Lucas ainda protege meu corpo. Todos esperam uma resposta minha. Todos tentam me proteger do homem que me machuca há anos. Por mais que eles sejam fortes o suficiente para impedir que Augusto me toque, é Mila quem me transmite força ao entrelaçar os dedos aos meus. Devagar, ela se coloca entre mim e Lucas, tirando-o da minha frente. Nós duas nos olhamos e ela assente. Entendo a mensagem.

Durante todo esse tempo, eu me fechei para as minhas amigas por medo do que elas pudessem ver, mas elas nunca se fecharam para mim. Mila

e suas incansáveis mensagens nunca desistiram de mim. E eu sei que, de todos aqui, só ela entende o que é temer um homem. Só ela sabe o medo que sentimos por reconhecer que se um homem quiser, ele nos subjugará, simplesmente por ser biologicamente mais forte.

Ao segurar e apertar minha mão, Mila me reconectou com a força que uso para ajudar a salvar outras mulheres. Ela está no lugar em que eu normalmente ocupo. Ser a força de outra mulher para que ela possa enxergar seu poder sozinha.

Uma pela outra.

E sempre juntas.

Apenas uma mulher sabe a dor que um homem é capaz de nos fazer sentir física e emocionalmente.

— Vamos embora agora. — Augusto determina, ao ficar em pé e tirar areia da roupa.

Dou um passo adiante, mesmo sendo difícil com tantos homens à volta. Às vezes, até tentando nos proteger, eles são capazes de nos calar. É algo que precisam reaprender, a como nos olhar e a enxergar a força por trás da fragilidade. É assim que Felipe será e, para garantir isso, tenho apenas um caminho:

— Eu quero o divórcio. — Ergo o queixo, que treme.

— Jamais.

— Quero o divórcio. — Minha voz sai ainda mais firme.

— Não vai acontecer. — Ele tenta dar um passo em minha direção, mas Rafael o empurra para o chão.

— Eu posso fazer isso a noite toda. É melhor ouvir a Fernanda.

— Vocês não têm que se meter. Minha mulher e eu vamos nos resolver. Em briga de marido e mulher não se mete a colher. Nunca ouviram não?

— Eu vou meter a colher e o pé na porra da sua bunda se você não se levantar para me acompanhar até a casa, pegar suas coisas e ir pra puta que te pariu — Rafael avisa, cruzando os braços.

Augusto me encara, frio.

— Isso ainda não acabou.

— Se ameaçar minha irmã outra vez — Vicente fica a centímetros de Augusto —, será a última.

Augusto se levanta, sem tirar os olhos de mim ou dizer uma palavra sequer. Tento me sentir aliviada, mas em meu coração eu sei que isso não acabou.

Capítulo 44

Lucas

Tanto amor guardado tanto tempo
A gente se prendendo à toa
Por conta de outra pessoa
Só dá pra saber se acontecer
É, e na hora que eu te beijei
Foi melhor do que eu imaginei
Se eu soubesse eu tinha feito antes
MAIARA E MARAISA (VERSÃO RUBEL) – MEDO BOBO

Por mais que as crianças não tenham entendido bem o que estava acontecendo, Felipe teve uma crise de choro enquanto ainda estávamos na praia com Augusto, o que deixou todas elas em alerta.

Rafael, Rodrigo e Bernardo escoltaram Augusto até a casa e nos pediram para esperar quinze minutos antes de voltar. Fernanda ficou quieta o tempo todo, com Mila a seu lado. Não conversou nem ao mesmo com Vicente. Eu me mantive a seu lado, mas em silêncio, sei como ela funciona. Precisa de tempo.

Quando retornamos a casa, ela abraçou o filho com uma força sobre-humana sem derramar uma única lágrima. Prometeu que tudo ficaria bem e

ele parou de chorar. Assim, desse jeito. Bem rápido. A ligação e confiança que há entre os dois é mais estreita do que nós entenderíamos. Fruto de quem passou por eventos que apenas os dois sabem.

Agora, as crianças ainda estão elétricas, querendo assistir desenho. Viviane prepara pipoca enquanto Rafael e Rodrigo desaparecem de vista. Fernanda está sentada no sofá e todas as crianças estão ao seu redor. É curioso observar. Eles a cercam e enchem de amor a ela e a seu filho, como se fossem um pequeno exército particular. Uma nova geração de Villa e Albuquerque que promete ser tão leal quanto seus pais são entre si.

Ajeitamos alguns colchões pela sala, porque sabemos que elas vão adormecer no meio da maratona de desenhos. A pipoca fica pronta e nos sentamos para assistir Frozen com as crianças.

— Rafa! — Vivi chama da sala. — Rô, tá na hora.

Não demora muito e meu primo reaparece com Rodrigo. Olha, se havia qualquer clima estranho, ele termina na hora em que Rafael entra na sala vestido de Elsa e Rodrigo, de Anna.

A gargalhada que damos é tão revigorante que afasta qualquer fantasma ruim que habitava entre nós.

As crianças não aguentam chegar nem ao final do filme. Todas apagam jogadas nos colchões. É madrugada e a noite está quente. Fernanda sai para a área externa da casa e se senta à beira da piscina, colocando os pés na água.

Observo-a de longe até que ela me nota. Não sei dizer por quanto tempo ficamos assim, parados, repletos de pensamentos conflitantes. O resto da casa desaparece. Nenhum deles ousa sair, respeitando nosso espaço.

Caminho devagar e paro perto dela.

— Posso?

Fernanda assente e me junto a ela, afundando os pés na água.

— Obrigada — ela diz depois de um tempo.

— Por quê?

— Por tentar me proteger, mesmo sabendo que eu precisava encontrar minha força primeiro.

— Você sempre foi forte, Fê. Tem que ser muito forte para passar por tudo o que passou em silêncio. Ainda mais nessa família. Seu avô poderia ter dado um jeito no Augusto há muito tempo. Qualquer um de nós teria feito isso por você.

— Não sei se é tão simples assim. — Suspira, melancólica. — Eu acho que ainda não acabou, Lucas. Ele não vai aceitar.

— Nós vamos cuidar de você.

— Eu sei que vão, assim como eu cuido das mulheres da Villa Encantada, mas é triste que precisem existir pessoas que nos protejam de outros homens porque eles não aceitam que não somos sua propriedade. Por que eles não aceitam que somos livres?

— Não sei. Não sei mesmo. É incompreensível para mim. Se a mulher quer ir, pode ir. Não tem lógica forçar alguém a ficar do seu lado.

— Não tem, né? Mesmo o meu avô, que é de outra época, não trata minha avó assim.

— Pelo contrário. — Minha fala faz um sorriso brotar em seus lábios.

— Ah, é... A vó Ângela é linha dura, mas muito mais discreta.

— Sim. Ela sabe dos planos malucos de controle dele e o deixa ir, mas sempre nos limites dela. Às vezes acho que é até ideia dela, que prefere ficar nas sombras. Aí ela acaba sabendo de coisas que vocês optam por não contar a ele.

— Vô Fernando não foi controlador assim a vida toda, sabe? Começou depois da morte do tio Pedro. Minha mãe era mais afastada. Não

entendo bem o que acontece. Mas com tudo isso, meu avô se viu sem filhos, e cuidar dos netos se tornou quase uma obsessão. Quando a Vivi se envolveu com o Rafa e depois o Rodrigo quase morreu no processo, alguma coisa mudou no vovô.

— Medo. Ele tem medo de perder vocês. Ele os ama tanto que fica apavorado com a menor chance de perdê-los. E, como é teimoso, acha que suas escolhas são melhores. Mas ele tem tentado, tem dado mais espaço a vocês.

— Por sua causa. Meu avô te adora e você sabe lidar com ele como ninguém. Até o Vicente reparou. E olha que ele é “o neto mais difícil” — Ela imita o tom de voz do avô.

Conversamos mais um pouco sobre a família até que ficamos em silêncio mais uma vez. É confortável estar em silêncio com a Fernanda, quase como se não precisássemos de palavras para expressar o que sentimos.

— Eu senti sua falta. — Fernanda confessa, sem me olhar.

— Eu também. — Seguro sua mão, com carinho. — Olha, Fê, eu sei que tudo isso é imenso e você vai precisar de um tempo para processar. Quero te ajudar, se você achar que posso, mas se achar que preciso ficar longe, farei isso também.

— Não quero que fique longe. — Ela volta a me olhar.

Um pequeno sorriso surge. É discreto, mas diz muito. Eu me aproximo devagar e a beijo com delicadeza. Breves segundos que passam uma mensagem.

— Eu te amo, e não é de hoje — digo, com os lábios ainda próximos. — E nunca vou te forçar a nada. Jamais. Será tudo quando, onde e se você quiser. Esperarei até que esteja pronta.

Sem esperar por uma resposta, eu me levanto. Fernanda entendeu bem o recado. Quando estiver pronta, saberá onde me encontrar.

Capítulo 45

Fernanda

I don't know why
But every time I look into your eyes
I see a thousand fallin' shooting stars, and yes, I love you
I can't believe that every night you're by my side
Promise I'll stay here till the morning
And pick you up when you're falling
When the rain gets rough, when you've had enough
I'll just sweep you off your feet and fix you with my love
My only one[21]
SEBASTIÁN YATRA (PART. ISABELA MERCED) – MY ONLY ONE

Abro os olhos e me espreguiço. Nem sei por quanto tempo dormi. A casa está tão silenciosa que faz com que eu me sente na cama, alerta. O alarme do meu celular está tocando. Eu o programei? Pego o aparelho para ver as horas. Duas da tarde. Não me lembro de quando foi a última vez em que acordei tão tarde.

Há uma mensagem de Viviane.

Fê, resolvemos levar as crianças para passar o dia no parque aquático. Voltaremos lá pelas 23h.

A casa é toda sua.

Coloquei seu celular para despertar às 14h.

Ideia do Rafa, pra vocês não perderem o dia todo, já que ele viu vocês entrando quando já estava amanhecendo.

Ops... é... vocês.

Ah, o que posso fazer?

Sou neta de Fernando Villa, afinal.

Às vezes, a gente precisa dar uma forcinha, né?

Vai ficar tudo bem.

Tem comida na geladeira.

É só esquentar. Aí não perdem tempo (Rafa pediu pra reforçar isso rs)

Fica tranquila.

Se você só quiser conversar o dia inteiro, é isso o que ele fará.

Ou seja, você está no controle, como tem que ser.

Você é uma Villa também.

É como o vovô diz: a vida bate na gente e nós reagimos.

Te amo.

Meu coração está disparado ao terminar de ler a mensagem. Lucas e eu estamos sozinhos na casa até a noite. Isso não me assusta, porque como Vivi disse, ele fará o que eu pedir.

Tomo um banho demorado. Lavo os cabelos. Escovo os dentes. Passo hidratante. Tudo na velocidade mais lenta que consigo. Visto um vestido vermelho de alcinhas e saio descalça do quarto. São 15h da tarde e meu

estômago está roncando.

Há barulho na cozinha. Da porta, vejo Lucas no fogão. Ele está de costas. Seus cabelos também estão molhados. Tento chamar sua atenção ao mesmo tempo em que minhas bochechas coram. A sensação é boa, mas parece que sou adolescente outra vez.

— Eu fiz panquecas — Lucas diz antes mesmo de se virar com um prato de panquecas. — Odeio acordar e almoçar, então, vamos ao café da manhã. O que acha? Se quiser, posso esquentar algo pra você.

— Panqueca está ótimo — respondo, me sentando no banquinho que ele puxou para mim, perto do balcão.

Comemos e conversamos sobre Rafael e Rodrigo vestidos de Elsa e Anna na noite anterior. Lucas me faz rir até eu quase ter falta de ar. Em nenhum momento ele insinua nada. Ele nem me deixa lavar os pratos.

— Quer ir para a piscina ou o sol tá muito forte e é melhor assistir um filme? — pergunta depois de lavar a louça que usamos.

Estamos bem perto, a uns cinquenta centímetros de distância. Ele seca as mãos no pano de prato e aguarda tão pacientemente, que me enternece.

— Eu estou pronta, Lucas.

— O quê? — A falta de compreensão em seu rosto dura apenas um

segundo. — Tem certeza? — Dá um passo e se aproxima mais de mim. — Não precisa se sentir pressionada pelo fato de cada membro da sua família achar que pode controlar a vida do outro. — ele sorri, fazendo um carinho no meu rosto.

Fecho os olhos, apreciando a textura de seus dedos em minha pele.

— Estou pronta — murmuro.

Seus lábios cobrem os meus com uma doçura que só poderia vir dele. Toco seu abdômen sobre a camiseta e ele pressiona o corpo contra o meu, erguendo-me para colocar sobre o balcão. Meu coração bate tão forte como se pudesse rasgar meu peito e ir ao encontro do dele.

— Eu poderia te beijar pra sempre — ele diz com a voz rouca, entre os beijos.

— Espero que faça isso — respondo recuperando o ar.

— Vou fazer. Se é isso o que quer, passarei o resto da vida te beijando. Amanhã mesmo mando minha carta de demissão ao seu avô, porque não terei tempo para mais nada.

Ele me faz gargalhar, jogando a cabeça para trás. Assusto-me com minhas próprias sensações. Estou feliz. Genuinamente feliz. A emoção enche meus olhos de lágrimas. Lucas os beija, ciente de tudo o que me faz sentir.

— Está vendo como bate rápido? — Lucas coloca minha mão aberta sobre seu coração. — Eu me senti exatamente assim quando te vi pela primeira vez, quando tínhamos dezoito anos.

— Sério?

— Muito sério.

— Eu não sabia.

— Nunca contei a ninguém. Nem mesmo admiti quando sua avó me pegou admirando uma foto sua, no ano em que morei com eles, quando Rafael ficou internado.

— Minha avó sabia?

— Bom, eu me envolvi com uma menina logo depois e fui buscando o amor em todos os cantos possíveis, mas só dei cabeçada.

— Será que foi por isso que meu avô nos colocou para trabalhar juntos? Uns dias antes, quando minha avó me ligou, ela perguntou se eu estava bem de um jeito diferente, sabe? Como se ela soubesse que não.

— Ah, eu não tenho dúvida de que sua vó sabe de tudo. Enquanto vocês estão preocupados em esconder as coisas do seu avô, ela está sempre lá, de olho, cuidando, protegendo, mas é como Rodrigo diz: ela tem a delicadeza de uma borboleta e seu avô tem a sutileza de um rinoceronte.

— Pilantras! — rio, agradecida por meus avós terem arquitetado um plano que acabou com meu casamento.

— Sim, pilantras, mas finalmente um plano B do seu avô deu certo. — Ele pisca e volta a me beijar, puxando meu quadril para mais perto do seu abdômen.

O toque se intensifica e envolvo minhas pernas em sua cintura. Lucas me ergue com facilidade, sem parar de me beijar. Em seguida me vira, literalmente me carregando no colo até seu quarto, me acomodando gentilmente na cama.

Nós voltamos a nos beijar por um longo tempo. Ele se contém mesmo com sua ereção pressionando nossas roupas. Entendo que seguirá cada permissão que eu der e isso faz com que eu sinta segura para me entregar. Isso é tão diferente do que vivi...

Desço minha mão até a barra de sua camiseta e a ergo devagar, tocando cada músculo de seu abdômen rígido. Ele ofega e não desvia os olhos dos meus ao tirar a camiseta e voltar a se deitar.

Acaricio seu peito e espalmo a mão sobre seu coração, que bate enlouquecidamente. Observo o contraste de nossas peles enquanto não paro de tocá-lo. Tão diferente do adolescente que conheci há quase oito anos. Tão forte, grande, intenso e ainda assim com a alma mais bonita que já conheci.

— Eu te amo, e não é de hoje — repito as palavras que ele me disse na madrugada, com tanta verdade e sentimento de quando as que ouvi. — Você tem o coração mais bonito que já vi.

Seu sorriso lindo brilha por seu rosto e seus olhos resplandecem com a emoção.

— Você vê meu coração?

— Todos veem seu coração, Lucas. Ele é como um farol que nos guia de volta para casa.

— Você é minha luz também. Há sombras aqui. — Puxa a mão para o seu coração. — Dores que o tempo não é capaz de curar.

— Aqui também. — Puxo a mão dele para o meu peito.

— Eu vou cuidar das suas feridas.

— E eu das suas.

Capítulo 46

Lucas

Quero te amar sem medo
Sorrir sem saber por quê
O amor é o segredo
Que falta a gente entender
VITOR KLEY – O AMOR É O SEGREDO

Se eu tivesse que explicar em palavras a sensação de beijar Fernanda, não conseguiria. Se eu tivesse que explicar meu sentimento ao ouvi-la confessar seu amor em uma palavra, seria êxtase.

A conexão é forte e se intensifica a cada segundo. Fernanda puxa o vestido e o tira, desabotoando o sutiã devagar e se deitando na cama outra vez. Volto a beijá-la enquanto termino de despi-la e me afasto apenas para tirar a bermuda e minha cueca.

Nosso corpo se procura e se atrai um para o outro. Acaricio seus seios, sugando um mamilo. Fernanda geme baixinho e aprofundo o toque, descendo a mão até o meio de suas pernas, fazendo-a arquear o corpo.

Mais uma vez, procuro seus lábios e sou surpreendido quando sinto seu toque no meu pau. Enrijeço ainda mais, querendo-a, mas tenho calma. Quero honrá-la, montar um altar para o seu corpo nessa cama, quero reverenciá-la.

Fico sobre seu corpo e meu pau resvala em seu centro, latejando de desejo. Beijo seu corpo todo e vou deslizando até tocar seu clitóris com a língua. Fernanda geme mais alto e enfia os dedos entre meus cabelos, murmurando meu nome baixinho.

Não demora e ela se contorce sob minha língua. Percorro seu corpo com a boca, fazendo o caminho inverso até nossos lábios se reencontrarem. Nós nos beijamos até seu corpo parar de tremer. Quero que ela se recupere apenas para fazê-la explodir mais uma vez.

— Lucas, por favor.

— O quê?

— Preciso saber como é.

— Como é o que, Fê?

— Estar em casa.

Sorrio em seus lábios, preparando-me para atendê-la. Não é segredo para ninguém que passarei a vida atendendo cada desejo dessa mulher.

A cabeça do meu pau pressiona seu centro devagar, penetrando-a em meio a nossos gemidos. Fecho os olhos, apreciando sua carne apertando meu membro. Tento ir o mais lento que consigo, mantendo as estocadas em um ritmo calmo. A última coisa que quero é machucá-la. Mas quando Fernanda arqueia o corpo repetindo meu nome, intensifico o ritmo, dando-lhe o que ambos queremos.

Minha respiração se acelera e arremeto várias e várias vezes até tê-la se contorcendo contra mim enquanto seu interior se contraí sobre meu pau, fazendo-me atingir um prazer tão intenso que só pode ser fruto do amor que sentimos.

Procuro Fernanda com os olhos e ela me surpreende ao sorrir, muito feliz.

— Então é assim...

— O quê? — pergunto, mais uma vez.

— Que se sente uma mulher que é amada como ela merece.

47

Fernanda

I'm falling
In all the good times
I find myself longing for change
And in the bad times I fear myself
I'm off the deep end, watch as I dive in
I'll never meet the ground
Crash through the surface
Where they can't hurt us
We're far from the shallow now[22]
LADY GAGA (PART. BRADLEY COOPER) – SHALLOW

Lucas e eu passamos o máximo de horas que podemos nos alternando entre o chuveiro e a cama. Saímos apenas quando nosso tempo a sós está acabando e a fome aperta. Ele fica no quarto, terminando de se vestir, e vou até a cozinha esquentar algo para comermos. Os outros devem chegar a qualquer momento.

Termino de colocar a comida no fogo e encho um copo de água, quando escuto Lucas entrando na cozinha. Eu me viro, sorrindo, muito satisfeita com o que estamos vivendo, mas congelo ao ver Augusto.

Sobressalto e o copo escorrega, espatifando-se no chão.

Antes que eu possa me dar conta do que está acontecendo, Augusto está do meu lado.

— Fê! — Lucas chega correndo e para na porta ao ver Augusto me segurando com a arma apontada para a minha cabeça.

— Eu sabia. Sabia que no minuto que eu virasse às costas você iria para os braços do seu amante. — O ódio marca cada palavra de Augusto. — Fui muito burro por não ter percebido antes. Obedeci a sua família idiota apenas para conseguir isso. — Ele pressiona o revólver contra a minha nuca, fazendo-me estremecer de pavor. — Cheguei aqui disposto a matar o máximo de vocês que eu conseguisse, mas descobri que os outros saíram, deixando o casalzinho a sós.

— Augusto, você precisa soltar a Fernanda — Lucas fala devagar, tentando fazer com que Augusto recupere alguma sanidade. — Você não quer machucá-la.

— Cala essa boca! — Ele aponta a arma para Lucas.

— Você tem um filho. Pensa no Felipe.

— Será que é meu filho mesmo? Isso não importa mais! — Augusto grita.

As lágrimas começam a escorrer. O pavor no rosto de Lucas reflete o meu. Seus olhos se movem com intensa rapidez e sei que ele está pensando no que fazer, mas não há como escaparmos, a menos que Augusto escolha nos deixar livres. E ele não vai deixar.

— O que foi que eu te disse quando você me pediu o divórcio? — Ele engatilha a arma. Estou tão apavorada, que não consigo falar. — O que eu te disse que faria, Fernanda?

— Que eu nunca seria de outro — Minha voz sai tremida.

— E o que mais? — A frieza de Augusto me apavora.

— Que você o mataria na minha frente e depois me mataria.

— Isso! — Ele me puxa pelos cabelos. — Agora é hora de cumprir com o que prometi.

Lucas e eu nos encaramos sem dizer nenhuma palavra, cientes de que a vida dos dois chegará ao fim. Numa tentativa inútil de proteger um ao outro, tento me soltar de Augusto, enquanto Lucas se aproxima como um raio.

O tiro explode. Não sei onde encontro forças, mas empurro Augusto, que escorrega, desequilibra-se e cai, batendo a nuca na quina do balcão.

Outro tiro.

Congelo.

Não sei onde estou.

Não consigo respirar.

Não consigo me mover.

Meu braço queima.

Meu braço sangra.

Toco meu braço e minha mão fica vermelha.

Um segundo em câmera lenta.

Um segundo.

O tiro.

O empurrão.

Augusto cai.

Outro tiro.

Augusto não se mexe.

Sangue, sangue, muito sangue.

A camisa branca cheia de sangue.

Mas minha roupa não é branca.

— Lucas! — grito, tentando sair do estado de choque e correndo até ele.

Escorrego no sangue.

Meu Deus, quanto sangue.

O coração.

Minha casa.

Eu me debruço contra Lucas, caído no chão, e coloco as mãos contra seu peito.

Quase não há branco na camiseta.

— Lucas! — Balanço seu corpo devagar.

— Fê — ele murmura, fechando os olhos.

— Lucas, fica comigo. — Tento enxugar minhas lágrimas e mancho meu rosto com nosso sangue.

— Fê — ele repete, tossindo.

— Vou chamar ajuda. — Tento me levantar, mas Lucas segura minha mão.

— Fica. Sozinho não. Fica. Não me deixa.

Meu corpo todo treme e passo as mãos em seus cabelos. Meu Deus,

tem sangue por todo o Lucas.

— Preciso ir. Meu irmão. Preciso do meu irmão.

— Ei, vai ficar tudo bem. — Lucas toca meu rosto, me acariciando com o polegar e se esforçando para manter os olhos abertos.

— Não vai não — soluço.

— Não esquece, tá? — Ele volta a tossir e sua boca se enche de sangue. — Você é livre. Valeu a pena.

O brilho em seus olhos vai se tornando opaco e grito por ajuda.

— Eu te amo, eu te amo, eu te amo — repito, baixinho. — Por favor, Deus, por favor.

O desespero faz com que o ar me falte e sinto que não consigo respirar.

Lucas para de se mexer.

Eu grito.

Grito.

Grito.

Grito.

Grito.

Até não ter mais voz.

— Mas que porra! — Rafael aparece correndo na porta da cozinha. Ele olha a situação e leva alguns segundos para compreender. — Não! Não! Mila! — ele grita, ajoelhando-se e chacoalhando o corpo inerte de Lucas. — Se mexe, porra! Fala comigo! Você não! Você não, porra. Acorda, seu filho da puta. — Rafael começa a chorar e isso me assusta ainda mais.

Vicente e Mila são os próximos a aparecer. Eles são práticos, objetivos e eu não os entendo. Meus ouvidos começam a apitar e minha vista vai se escurecendo.

— Não vai dar tempo de esperar, Mila. — Vicente chama Rodrigo e eles erguem o corpo inerte de Lucas.

Mila toca meu braço e tenta me ajudar a me erguer. Não me movo. Estou presa ao chão. Nunca mais serei capaz de me levantar. Augusto conseguiu, ele nos matou.

Capítulo 48

Fernanda

I see the shadows low beneath the mountain top
I'm not afraid when the rain won't stop
'Cause you light the way, you light the way
You light the way
I got all I need when I got you and I
I look around me, and see a sweet life
I'm stuck in the dark but you're my flashlight
You're getting me, getting me through the night[23]
JESSIE J – FLASHLIGHT

Oito meses depois

O vento gelado machuca meu rosto, enquanto limpo a lápide fria. Tantos sonhos interrompidos. Tanto a ser vivido. Como sempre que visito seu túmulo, lágrimas escorrem por meu rosto. Memórias de uma vida interrompida.

Estamos todos aqui, mais uma vez. Viviane, Rodrigo, meus avós e, desta vez, meus irmãos. Como prometeram, eles não deram mais as costas à

família.

Há dias em que não é fácil ser grato por estarmos vivos enquanto aqueles que amamos não estão mais entre nós. Tentamos ser fortes, agradecer pelo milagre de existir, mas o frio nos preenche.

Como um lembrete silencioso da maior antítese de nossa existência, o bebê em meu ventre protuberante se movimenta. Como Villa, aprendemos desde cedo que a morte levará a quem amamos e a vida se encarregará de nos preencher outra vez. Um ciclo que nunca se encerra.

A garoa aumenta e meu avô toca meu ombro.

— Hora de ir, *cariño*. — Ele me abraça, enxugando o rosto. — Não é bom que se resfrie.

A grama molhada faz com que eu escorregue e, antes que eu caia, ele me segura.

— Cuidado, amor. — Lucas estende o braço para que eu me apoie.

— Você está bem? — pergunto, ao notar que seus olhos também estão vermelhos.

— Sim. É difícil. — Ele balança a cabeça.

— Eu sei — Beijo seu rosto, desejando curar cada ferida do seu coração.

Rafael puxa o primo devagar e o abraça.

— Mas você ainda está aqui. Nós estamos aqui. — O olhar de cumplicidade dos dois tem mais peso do que qualquer um de nós compreenderia.

Há oito meses, houve um momento em que Rafael e eu perdemos a fé. Parecia mesmo que Lucas seria levado de nós. Meu avô desabou ao chegar ao hospital.

Viro-me para trás a tempo de vê-lo beijar a palma da mão e pousá-la sobre a lápide de tio Pedro. Hoje seria seu aniversário. Depois, o vô Fernando se aproxima de nós e beija a cabeça do Lucas. Sei que de alguma forma ele o conecta a meu tio.

Vô Fernando chorou como criança quando recebemos a notícia de que a chance de Lucas sobreviver era ínfima. Foi meu irmão quem fez a cirurgia que salvou seu coração. E o vovô quase colocou o hospital abaixo para que permitissem isso. Ele urrava que Vicente Villa era o melhor cardiologista que esse mundo já viu e que seria o único a tocar no coração do Lucas.

Meu irmão o reanimou quando seu coração parou de bater. Meu irmão, que só estava presente por causa de mais um plano maluco de nosso avô, que colocou cada Villa onde deveria estar.

Augusto morreu naquele dia. Ali mesmo, na cozinha. Meu avô

vendeu aquela casa, como se isso pudesse afastar cada lembrança terrível que tivemos. Não pode. Ele sabe e, por isso, continua se mantendo por perto.

Graças aos meus avós, ao Lucas e a tudo o que aprendi com cada mulher da Villa Encantada, eu não me tornei uma estatística. Foi por pouco, por muito pouco. Naquele dia, achei que ia morrer. Naquele dia tive a certeza de que as promessas de Augusto durante os anos em que ele me manteve cativa seriam cumpridas e que meu filho me encontraria morta na cozinha.

Hoje, ainda luto com meus fantasmas. Tenho ajuda, sou grata. E intensifico meu apoio a outras mulheres, esperando que eu possa guiá-las para uma vida longe do terror de um homem que nos vê como propriedade.

Depois de todos os anos em que vivi sob o domínio de Augusto, recomeço a vida devagar. Às vezes, assustada por lembranças. Às vezes, mergulhada em esperança.

Quando uma mulher é subjugada como fui, acordar em liberdade a cada manhã é uma dádiva.

Capítulo 49

Lucas

Se for preciso, eu pego um barco, eu remo
Por seis meses, como peixe pra te ver
Tão pra inventar um mar grande o bastante
Que me assuste, e que eu desista de você
Se for preciso, eu crio alguma máquina
Mais rápida que a dúvida, mais súbita que a lágrima
Viajo a toda força, e num instante de saudade e dor
Eu chego pra dizer que eu vim te ver
RUBEL (PART ANAVITÓRIA) - PARTILHAR

RÁDIO FOFOCA DOS VILLALBUQUERQUES E CIA

Rafa:

São 3h da madrugada e é hora de acordar, cambada de filho da puta!

Vivi:

Pra que isso, Rafa? haha

Rafa:

Como que eles dormem nesse dia tão especial?

Mila:
Ninguém podia prever que adiantaria.

Rafa:
Ah! Ainda bem que você tá acordada.
Já ia meter a mão na buzina na porta da sua casa.

Mila:
Eu preciso estar acordada para acompanhar o parto, Rafael.

Rafa:
Por isso mesmo que eu ia buzinar, cacete.
Já vi que os outros estão dormindo.

Vicente:
Eu tô acordado.

Rafa:
É o mínimo, né, rapaz?

Vicente:
Não estou te vendo aqui no hospital.

Rafa:
Porque eu não trabalho aí.

Mas já tô indo.

Vivi:

Só vamos passar na minha mãe pra deixar as crianças.

Vicente:

O quase time de basquete.

Rafa:

Vai procurar uma vida pra salvar aí, camarada.

Depois que deixar as meninas na sogra, vou passar na casa de cada filho da puta desse grupo e buzinar até acordar.

Meu sobrinho vai nascer, porra!

— Força, Fê. Só mais um empurrão. — A obstetra orienta e Fernanda obedece, com sinais evidentes de cansaço.

Usando toda força que lhe resta, Fernanda guia nosso filho para esse mundo. O bebê é passado para os braços de Mila, que aspira sua boca e logo seu choro preenche o ambiente. O som mais lindo que já ouvi em toda a minha vida.

Após alguns minutos, que se parecem horas, nosso filho é colocado

nos braços de Fernanda. Toco seus dedinhos com o meu indicador e ele o segura com sua mãozinha cor de caramelo. Meu coração parece que vai voar para fora do peito.

Dou um beijo em Fernanda e choramos, felizes.

Meu peito se enche de calor, como se estivesse derretendo.

Meu filho.

Família, mais uma vez.

Mostro o bebê através do vidro do berçário e a família toda se espreme contra o vidro. Chego mais perto, olho para o vô Fernando e mostro o nome escrito no bercinho.

João Pedro Villa Ferraz

O nome do meu pai e o nome do filho que Fernando Villa perdeu. Vidas perdidas que o destino se encarregou de religar na forma desse bebê. As lágrimas escorrem pelo rosto do homem que me adotou em seu coração.

Ele não sabia da surpresa que estávamos preparando. Vó Ângela também chora, nos olhando, cheia de orgulho.

Uma enfermeira vem pegar João Pedro para que Fernanda possa alimentá-lo. Saio do berçário e Felipe está parado, me esperando.

— Eu vi meu irmão pelo vidro. — Aponta para o vidro em que parte da família ainda está olhando os outros bebês e vô Fernando se gaba de que João Pedro é o mais forte porque é um Villa.

— Logo você vai ver ele bem de perto. — Eu me abaixo, sentindo que ele precisa me dizer algo.

— Ele é seu primeiro filho? — pergunta, incerto.

Sorrio, compreendendo.

— Não. O João Pedro é meu segundo filho. O primeiro se chama Felipe. — Toco a ponta de seu nariz e ele me abraça, bem forte.

— Eu gosto de ser seu filho.

— Eu gosto de ser seu pai.

— O João Pedro vai gostar de ser seu filho também.

Felipe está tão feliz, que dá pulinhos. Viviane aparece e o convida para tomar um lanche. Eu me levanto e percebo que Mila está parada, encostada à parede. Ela me acompanha de volta ao quarto de Fernanda. No

caminho, ela entrelaça nossos braços e diz:

— Tá feliz, né, Lu?

— Quase explodindo.

— Ótimo! É exatamente assim que tem que ser.

No fim do corredor, vemos Vicente saindo do quarto da Fernanda. O homem que me trouxe de volta à vida. Jamais esquecerei aquela experiência: o dia em que revi minha família, o dia em que achei que a hora de partir havia chegado, o dia em que a Pri me disse que ainda não era minha hora e eu precisava acordar.

— O destino é uma coisa doida, né? — Mila volta a falar, trazendo-me de volta dos meus pensamentos.

Estou grato pela vida, apesar do tanto que ela já tirou de mim. Como posso não ser grato, depois de pegar mais um filho nos braços?

Sorrio e respondo:

— Se ele é doido eu não sei, mas com certeza seu sobrenome é Villa.

FIM

Um recado a cada mulher que se identificou com

O Desejo Secreto do Coração

A cada 60 segundos, nove mulheres são agredidas no Brasil. E dentro desses 60 segundos nem todas sobreviverão.

Se você se identificou com a Fernanda, por viver uma história assim, é importante que você fale.

Se você identificou alguma mulher da sua família ou círculo de amizades com a Fernanda, é importante que você fale.

Eu sei, com todo meu coração já tão partido, o quanto dói ser vítima da violência que um relacionamento abusivo nos impõe.

Sei que é difícil falar, sei que há vergonha, sei que há medo, sei que há desesperança, mas o que eu quero que você saiba é que só conseguiremos quebrar essa corrente pesada com que muitos homens nos prendem, se falarmos.

Se precisar de ajuda, ligue 180. É o serviço especializado em atender

casos de violência contra a mulher.

Se precisar de ajuda e ainda tiver medo, minhas redes sociais estão abertas para que venha conversar comigo. Farei o que puder para ajudá-la.

A Fernanda teve sorte. Talvez se ela fosse alguém real, seu destino não teria sido tão feliz.

Proteja quem você ama.

Denuncie.

Fale.

E, principalmente, tenha paciência com cada mulher que passa por isso. Elas precisam de apoio e não de julgamento.

AGRADECIMENTOS

Não tenho palavras para expressar o quanto estou feliz por finalmente contar a história de Fernanda e Lucas. Quem me acompanha sabe que foi um longo e difícil período até chegarmos aqui.

Em primeiro lugar, eu sei que vocês gostariam que este fosse um livro de mil páginas, mas, meus amores, eu conto a história que os personagens me contam e nada mais.

Por causa do que vivi, foi muito difícil escrever as cenas da Fernanda. Eu pedi perdão a ela, muitas vezes, enquanto deixava que toda essa dor saísse pela ponta dos meus dedos.

Esta é uma história forte, intensa e real.

Há muitas Fernandas entre nós. Que saibamos acolhê-las e cuidar delas.

Se você chegou até aqui, saiba que ainda há um bônus nas próximas páginas. Um conto de Ano Novo que lancei em e-book no final de 2016. Nele, vocês poderão matar a saudade da narrativa do Rafael e da Viviane e saber como foi o Ano Novo decisivo narrado em **O Desejo Secreto do Coração**, mas sob outra perspectiva.

Quando vocês terminarem de ler, espero que venham me contar através das redes sociais.

Para quem não sabe, meu instagram é @brionesbianca

Se você escrever algo sobre livro ou quiser conversar em particular comigo, é só marcar ou chamar.

Será um prazer.

Obrigada por me acompanhar até aqui.

O próximo lançamento será o livro **Em seu Caminho** – terceiro livro da série Em suas Mãos -, que é uma série irmã da **série Batidas Perdidas**. Nele contarei a história da Manuela, irmã do paisagista André, e do Paulo, assistente social que trabalha na Villa Encantada. Ou seja, vocês ainda verão muuuuito os personagens que amamos.

Sobre **a série Batidas Perdidas**, o próximo livro é a história do Lex e da Flávia, e será lançado em 2021.

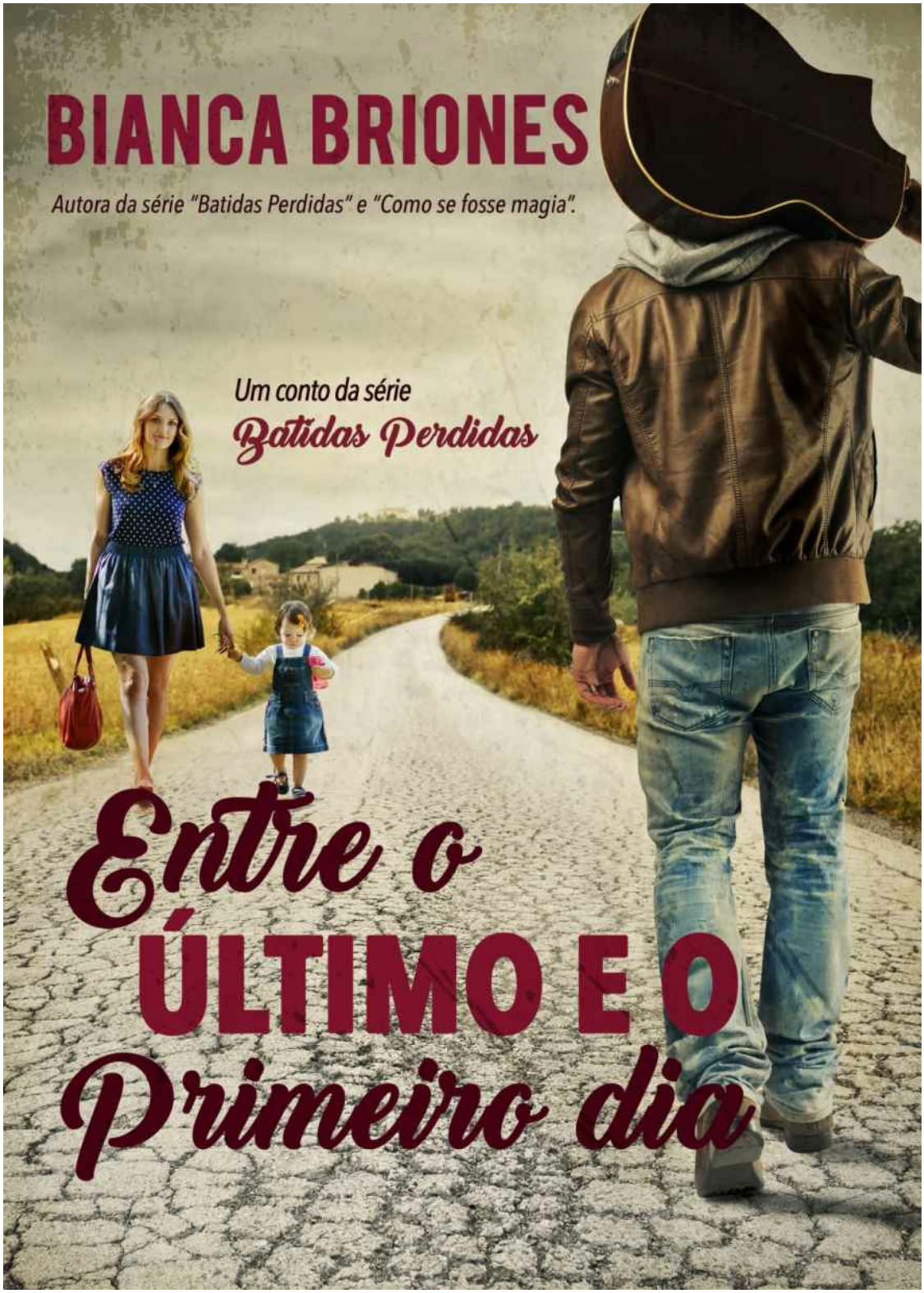
Como vocês podem ver há muito mais vindo por aí.

Mais uma vez, agradeço por tudo.

Amo vocês!

Beijo,

Bianca Briones


BIANCA BRIONES
Autora da série "Batidas Perdidas" e "Como se fosse magia".
Um conto da série
Batidas Perdidas
Entre o
ÚLTIMO E O
Primeiro dia

Capítulo 1

GRUPO DOS VILLALBUQUERQUES NO WHATSAPP

Esta família é muito unida
E também muito ouriçada
Brigam por qualquer razão
Mas acabam pedindo perdão
"A Grande Família" – Dudu Nobre

Você alterou o nome do grupo para
Rádio Fofoca dos VillAlbuquerques e Cia

Vivi Villa

Rafa!
O grupo é pra decidir a noite de ano novo e não pra fofoca.

Branca Albuquerque

Afe, assim você vai perder o título que eu te dei.

Primeiramente... uma vez mestre, sempre mestre.
E se o grupo é pra falar da noite de fim de ano, por que vocês estão falando da Fernanda?

Clara Albuquerque

O Rafa tem razão.

Branca Albuquerque

Agora pronto.
Se for pra concordar com o Rafa, fica quieta, Clara, ou vou te excluir do grupo.

Rodrigo Villa

Eu sou o administrador.
Só avisando.
Ninguém vai excluir a Clarinha. ❤
Agora vou tirar a pipoca do micro-ondas pra acompanhar esse papo.
Falem mais.

Branca Albuquerque

Aproveita e coloca o seu celular lá dentro, ô moleque!

Rodrigo Villa

Não tô bêbado.

Maurício Andrade

Quem começou o assunto da Fernanda foi você, Rafa.

Ih, chegou o advogado do diabo.

Mila Vizibelli

Caramba, 289 mensagens!
Tô de plantão, gente.
Como vou ler tudo?
Vocês não trabalham não?

Lucas Ferraz

Eu tenho mesmo que ir?

SIM!

Vivi Villa

SIM!

Clara Albuquerque

SIM!

Branca Albuquerque

Se começar com esse cacete de conversa de novo, vou te arrebentar, Lucas.

Mila Vizibelli

Já conversamos, Lu.
Eu vou estar de plantão (Sim, de novo, parem de me encher!) e, se formos viajar, você dirige e eu durmo.
Chegou um paciente. Adeus.

Lucas Ferraz

Ok
Só me falem então.
Vou entrar numa reunião.

...

Bernardo Albuquerque

... o quê?

Alguém mais acha que esses dois estão transando?

Bernardo Albuquerque

Olha o mestre da fofoca aí.

Branca Albuquerque

HAHAHHAHAHAHHAHAHHAHAHA

Vai se foder, Bernardo!

Rodrigo Villa

Oxi, eu coloquei o Vicente no grupo?

Fernanda Villa

Já falei que não sei se vou ainda. Parem de ficar conspirando sobre isso.

E, pronto, outra revolução se inicia no grupo.

Dois dias e 1458 mensagens depois...

Lex Rocha

Vocês pelo menos decidiram onde vamos passar o ano novo?

O que que você acha?

Lex Rocha

Não

Então por que pergunta, porra?

Like a fever
Burning faster
You spark the fire in me
Crazy feelings
Got me reeling
They got me raising steam[24]
"Let Me Put My Love Into You" – AC/DC

E depois de dias e mais dias de sugestões, discussões, reclamações e conversas que não tinham nada a ver com onde passaríamos o Ano Novo, nós nos decidimos pela casa de praia dos Villa.

Passamos o Natal na casa dos Villa com os mais velhos, mas eles resolveram fazer um cruzeiro no Ano Novo. E como aqui ninguém é doido de levar tantas crianças para um navio por dias, ficamos com a casa da praia.

Obviamente tivemos um Natal comum, o que significa o pacote completo:

Confraternização

Amor pra porra

Choro desnecessário

Secadas do caralho

Discussões sem sentido

Torta de climão

Choro de felicidade

Mais choro sem explicação

Gente caindo e sendo empurrada na piscina

Risadas loucas

E, é claro, alguém jogou alguém na parede, mas isto fica para uma outra história, porque diferente do que dizem, eu não sou a porra de um fofoqueiro!

Agora é hora de falar do Ano Novo, então vamos a ele.

Viviane, as meninas e eu chegamos há quatro dias. Clara, Bernardo e os meninos também. Nossos amigos foram à praia com as crianças e Vivi e eu ficamos com os bebês. Estou terminando de limpar a piscina e vou entrar para saber se ela precisa de mim.

Estávamos merecendo uns dias de descanso, ainda mais depois deste ano da porra. Nossa caçula, Giulia, nasceu quase três meses prematura. Quando ela saiu do hospital, depois de todo o medo que sentimos, a gente procurou conforto um no outro. E, bem, normalmente isso acaba em sexo. Eu

sei que ainda era cedo, mas, porra, não planejamos mesmo e tampouco nos prevenimos.

Aí pra não perguntar pra Mila, dei uma olhada no Instagram dela. Ela tem um perfil bombado que dá umas dicas bem legais sobre pediatria e essas coisas de pais e filhos. Como não achei nada lá, recorri ao Dr. Google, que nos disse que era muito raro engravidar no puerpério (nome feio pra caralho). Ficamos tranquilos por exatos sete dias. E por tranquilo, leia-se transando. Só que aí a gente se protegia. O problema foi que no sétimo dia, a Vivi sonhou que estava grávida.

Foi quando começamos uma contagem regressiva. O doutor (Google, não a Mila) disse que a partir do décimo segundo dia da ovulação já dá para saber se há gravidez ou não. E como não dava pra pedir um exame de sangue pela internet, tivemos que contar a nossa amiga doutora, que depois de revirar os olhos e nos xingar por não conseguirmos nos controlar, pediu o exame e, veja só, temos mais um bebê a caminho.

— O que a gente vai fazer, Rafa? — Vivi disse, naquele dia ao chegarmos em casa.

— O que estamos fazendo: vamos criar as meninas e o outro monstrinho ou monstrinha que virá.

— E os planos de voltar para a faculdade daqui a um ano? — Seus olhos se encheram de culpa.

Fiz as contas mentalmente antes de responder:

— Bom, o bebê vai ter três meses, porque vai nascer no tempo certo, ouviu? — Apontei o dedo para o ventre dela e depois o acariciei. — Dá para você voltar, como pretendia. São mais quatro semestres para terminar. A gente dá conta.

— Não sei. — Ela evitou meu olhar, passando a mão na testa.

— O que te preocupa, amor? — Coloquei seu rosto entre minhas mãos e a fiz olhar para mim. — O que quer fazer?

Seus lábios tremeram. Sabia que estava prestes a chorar. Os hormônios mal se tinham se ajustado e já íamos bagunçá-los de novo. Nem precisava falar. Reconheci o que sentia, porque era o que eu sentia em relação a ela: culpa. Devia ter me segurado.

— Não foi sua culpa, Rafa.

Essa é a vantagem de estarmos juntos há tanto tempo: sabemos ler o outro como ninguém.

— Nem sua.

— Não é errado eu querer estudar? Eu sou mãe delas.

— E por um acaso você as fez com o dedo? — Cruzei os braços e fingi uma expressão zangada.

— Idiota. — Ela riu e ganhei o dia.

Vivo por este sorriso.

— Eu fico com elas, Vivi. — Puxei-a para um abraço. — Já falamos sobre isso, amor. Somos uma equipe. Converso com Lex e Rodrigo. Nós nos ajeitamos e você termina a faculdade.

— Não acha errado eu querer terminar? Não acha egoísta? — Afundou a cabeça, inspirando profundamente.

— O quê? Querer que o pai delas fique com elas e com esse pestinha, enquanto a mãe deles vai estudar para salvar o mundo?

— Eu não vou para escola para jovens superdotados do Professor Xavier, Rafa. É só a faculdade. — Desceu os braços pela minha cintura e comecei a dar graças aos céus pela mãe dela ter saído com as meninas. Deus, não tem como eu me cansar desta mulher.

— Não precisa ser dos X-Men para salvar pessoas, linda. — Acariciei suas costas, devagar.

— Acha mesmo que vou salvar vidas? — Ergueu o rosto.

— Você era só uma menina quando salvou a minha.

— Você também me salvou. — Ficou na ponta dos pés e beijou meus lábios devagar.

Não demorou muito para que o beijo doce se tornasse combustão pura e me fizesse querê-la ainda mais. Quando senti os dedos de Viviane brincando com o cós da minha calça, sorri entre seus lábios.

— Quanto tempo temos até sua mãe chegar com a meninas? —

Perguntei, guiando-a de costas para o quarto.

— Uma hora. — Respondeu, tirando minha camiseta e deixando-a cair no corredor.

— Que seja a melhor hora. — Peguei-a no colo, fazendo-a dar um gritinho de alegria e excitação.

A lembrança daquele dia é o suficiente para me deixar maluco.

Eu sei, eu sei. Mas o que posso dizer? É amor pra caralho.

Love is a shelter
In a raging storm
Love is peace
In the middle of a war
If we try to leave
May God send angels to guard the door
No, love is not a fight
But its something worth fighting for[25]
“Love Is Not a Fight” - Warren Barfield

Rafael entra no quarto, pé ante pé. Um costume que se adquire quando tem um bebê em casa e não quer acordá-lo. Giulia dorme confortavelmente em meus braços.

Ele está descalço, usando apenas uma bermuda. O dorso e braços tatuados chamam minha atenção, como toda vez que o vejo.

— Missão cumprida com a piscina. — Ele acaricia os cabelos claros da bebê e a pega dos meus braços, cantarolando baixinho.

Eu me levanto e me espreguiço, dando uma olhada em Athos, bebê de

cinco meses de Bernardo e Clara, que dorme no berço. Clara é apaixonada pelos Três Mosqueteiros e Bernardo falou que combina com lema “Um por todos. Todos por um.” que eles usam nos treinos. Não importa o tempo que passe, Bernardo continua apaixonado por exercícios físicos.

Aproximo-me da janela e fecho os olhos, permitindo que a canção de Rafael inunde meu coração. Gosto desta calmaria. Amo saber que, apesar dos meses turbulentos, mais uma vez estamos inteiros.

Viro-me para ele, perdendo-me em seus olhos azuis. Meu mar particular. Intenso, revolto, tranquilo, tempestuoso. Tantas emoções em um só olhar.

Seu sorriso precede o beijo na testa de Giulia. Que contraste incrível. Meu marido forte, musculoso, tatuado segurando nossa frágil pequena. Daríamos tudo por nossas meninas e por este que virá. Ainda não se vê nada, mas o sinto dentro de mim. Acaricio minha barriga. Mais uma vida que esse amor nos deu.

Rafael coloca Giulia no berço e caminha lentamente até mim. Não é preciso dizer nada. Sei o que pretende e não desejo impedi-lo. Ele puxa minha cintura e agarro-o pelos ombros.

Três segundos é o tempo que ele leva para tirar o meu vestido. Mais dois para me colocar sobre a cama. Mais três para tirar a bermuda e a cueca. E, finalmente, mais dois para me deixar completamente nua. Dez segundos

no total. Ágil para deixar nossos corpos livres para depois mergulhar em mim lentamente, me fazendo arquear o corpo, quando seus lábios percorrem meu pescoço. A barba bem aparada me arrepia.

Arranho suas costas e ele finalmente toma meus lábios, a suavidade rapidamente sendo substituída pela intensidade que necessitamos. Morde meu queixo, agarra um seio enquanto suga o outro. Contenho um gemido, tentando não fazer barulho.

Ele ri baixinho contra meu seio e desce a mão entre minhas pernas, me provocando. A cada segundo ficar em silêncio é mais difícil. Conhecendo meu corpo como a palma de sua mão, Rafael sabe que meu orgasmo está próximo e me provoca até quase atingir o limite.

Nossos olhos se encontram e ele se ajeita sobre mim, me penetrando de uma vez. Sem trégua, ele arremete e arqueio o corpo de encontro a ele, querendo mais e mais. Continuamos nesse ritmo por um momento de prazer que parece interminável, quando estamos prestes a explodir, as bocas se juntam contendo os gemidos de pleno contentamento.

Umedeço o lábio inferior e Rafael encosta a testa na minha. Feliz. Tão feliz que meu coração transborda com ele.

Seus olhos se estreitam, cheios de alegria, antes que ele deixe sair as palavras mais lindas deste mundo:

— Te amo, porra.

I'm gonna stay right here by your side
Do my best to keep you satisfied
Nothin' in the world can drive me away
'Cause every day, you'll hear me say
Baby, I'm yours (baby, I'm yours)
And I'll be yours (yours) until two and two is three
Yours (yours) until the mountain crumbles to the sea
In other words, until eternity[26]

"Baby, I'm Yours" – Artic Monkeys

Estou segurando Athos no colo e fazendo caretas que lhe arrancam uma gargalhada. Viviane está na espreguiçadeira ao lado com Giulia acomodada em suas pernas, relaxada. A sombra da varanda nos protege e uma brisa gostosa nos ajuda a aguentar esse verão do caralho.

O portão da casa se abre e Pedrinho e David, filhos do primeiro casamento da Clara, entram brincando um com o outro. É bom ver os gêmeos bem e felizes. Estão com nove anos.

— Papai! Mamãe! — Priscila, nossa filha mais velha, agora com três

anos e meio vem correndo com os braços abertos. — A Gigi se comportou? — Beija sua mãe e acaricia a barriguinha da irmã.

— Se comportou, sim, pequena.

— Muito bem. — Priscila balança a cabeça e corre para me abraçar, também acariciando Athos, que dá uma risada gostosa para ela. — Quando a gente pode ter um destes? — Pergunta, referindo-se ao fato do primo ser um menino.

Vivi e eu nos entreolhamos e rimos.

— Talvez muito antes do que você imagina. — Aperto a ponta do seu nariz e ela corre, chamando as crianças para ir para a piscina.

— Tudo bem por aqui? — Bernardo se aproxima. Athos o nota e estica os braços, querendo o colo do pai, que o atende prontamente.

— Maravilha. — Respondo ao ver Clara dar um beijo nos cabelos de seu caçula.

— Passamos no mercado. — Ela mostra as sacolas.

— Opa! Já acendi a churrasqueira. — Eu me levanto e pego a sacola dela.

Clara sorri e permito olhá-la por mais um instante. Feliz por vê-la bem. Ao longo dos últimos anos ela conseguiu se entender consigo mesma e com sua autoestima. Bernardo é completamente fissurado pelo mundo fitness, apesar de comer como um touro. Ela gosta de treinar com ele, mas pelo bem-

estar. Não liga muito para o controle de peso e finalmente aprendeu a se amar como é. E, olha, ela é linda. Nunca precisou se encaixar na porra de padrão nenhum e agora sabe disso.

Quando Bernardo olha para ela e a puxa para lhe roubar um beijo rápido, troco um olhar com Viviane. É assim que tem ser.

— Vou lá adiantando as coisas. — Espio dentro da sacola.

— Não exagera no churrasco, Rafa, que hoje tem ceia de Ano Novo. — Viviane me avisa.

— Relaxa, linda. Tô com uma fome do caralho. — Abaixo o tom de voz para que nenhuma das crianças escutem. — Vamos comer agora. Vamos comer depois. Vamos comer até amanhecer e aí repetir. Vamos comer tanto que o Bernardo vai ter que correr muito mais que os dez quilômetros diários pra queimar a porra toda. — Isso me lembra que preciso olhar o pernil no forno.

Deixo-os rindo e passo na cozinha, antes de ir para a área da churrasqueira, no mesmo instante que meu celular toca. É o Lucas, meu primo.

— Se você não estiver a caminho, juro que te mato.

— A Mila está no plantão ainda e você sabe que prometi esperar.

— Sei. — Coloco a sacola no balcão de mármore da área da churrasqueira e prendo o celular entre o ombro e a orelha, para que possa

lavar as mãos. — Tô vendo o seu ânimo.

— Vou estar aí, ok? Agora me diga o que precisa que eu leve do mercado.

Conversamos por mais alguns segundos e desligo o celular.

Começo a temperar a carne, pensando que se realmente tivesse escolha, Lucas não viria. De certa forma, eu me sinto um pouco mal por forçá-lo. A verdade é que estou com medo. Se ele se afastar por causa daquele problema filho da puta, a tendência é que nunca mais volte. E Lucas já perdeu demais para ter que se afastar da única família que restou. A conversa que tivemos há dois dias, quando nos vimos antes que eu viajasse, vem aos meus pensamentos.

Lucas estava parado, abaixado, segurando um ramalhete de flores em frente ao jazigo daqueles que perdemos.

Nossa família sempre amou a virada do ano. É uma época de recomeços. Minha mãe e o pai do Lucas eram irmãos. Cresceram acreditando que um novo ano é significado de oportunidades.

Quem iria prever que, há oito anos, meu tio, voltando para casa com sua mulher, filho caçula e minha irmã, teria o carro jogado da pista por um filho da puta bêbado.

A única sobrevivente foi minha irmã e ainda assim, por apenas dois dias. Meu pai já havia morrido, vítima de um assalto e minha mãe morreria

meses depois. Acho que, depois de tudo, ela nunca superou enterrar minha irmã. Hoje, tendo as meninas e sabendo tudo o que passei, eu a entendo. Como um pai pode enterrar um filho e sobreviver?

No fim, tudo o que nos restou foi um ao outro: Lucas e eu. Confesso que meu primo, na época com dezoito anos e cinco mais novo que eu, foi muito mais forte. Talvez por saber que alguém tinha que ser.

Não importa quantos anos passe, a dor de perdê-los sempre será a mesma. Nós só aprendemos a conviver com ela.

Na nossa última conversa, dias atrás, eu me aproximei dele, devagar. Coloquei minhas próprias flores, beijei a palma da minha mão e toquei a lápide fria.

Enxugando o rosto, meu primo se levantou, em silêncio.

Observei-o, sem falar nada durante um longo tempo. Parecia que suas forças estavam chegando ao fim. Eu sabia que tinha muito mais escondido ali, além do luto.

— O que está havendo, Lucas? É um inferno tudo isso e você sabe o quanto me dói que eles tenham partido, mas não aguento te ver assim.

— Não é isso. É que fico pensando em como estariam as coisas, se eles estivessem aqui. — Seu suspiro é tão melancólico me machuca — Há mais de nós abaixo da terra do que acima, Rafa.

— Eu sei. Mas eles não estão aí, estão aqui. — Toco o peito do meu

primo e depois o meu. — E aqui. Não vai por esse caminho. Não adianta pensar em como teria sido. Acredita em mim, eu me afundei, quase morri com eles por pensar como você está pensando agora. A vida é o que é, a gente querendo ou não.

Lucas não disse mais nada e fomos embora.

Agora estou aqui, oito anos depois do acidente, já com trinta e um anos e querendo pegar a dor do meu primo e transferir pra mim. Porra, como é difícil manter todos felizes.

Parece ironia que o melhor cara receba o pior da vida. Ah, se estivesse em minhas mãos o poder de dar a ele o que merece.

Mas não. Tinha que estar na mão desse destino filho da puta.

Sei que está chegando no momento do Lucas tomar uma decisão. Ele não consegue mais lidar com esse caralho de situação sem demonstrar o que sente.

E falando no caralho da situação... Fernanda, Augusto e Felipe, filho deles, cruzam o portão.

Que a sorte esteja entre nós.

Capítulo 5

VIVIANE

Só sei dançar com você
Isso é o que o amor faz
Só sei dançar com você
Isso é o que o amor faz
“Só sei dançar com você” - Tiê

Rô

Ei, Vi, tô chegando.

Aperto o celular contra o peito após ler a mensagem do meu irmão, Rodrigo. É quase como se ele soubesse que uma sombra de tristeza me pegou. Estou na sacada do quarto principal, observando as crianças na piscina e Rafael tentando empurrar o Augusto, que o segura, levando-o junto na queda. Bernardo ri dos dois e mergulha também, para a alegria dos pequenos. Fernanda está lendo um livro, na espreguiçadeira.

— Não tem como não pensar nele, né? — Ouço a voz doce da Clara, atrás de mim.

— Essa época é difícil.

— Pra mim, o Natal é pior. — Ela apoia o queixo em meu ombro, me abraçando por um instante antes de se afastar para observar os outros.

Não precisamos falar abertamente. Sofro pela morte do meu pai há oito anos. Exatamente no mesmo dia em que a irmã de Rafael não resistiu aos ferimentos. Nós nos conhecemos assim, no luto, na dor.

Clara perdeu a mãe ainda criança e ela foi ferida de muitas formas, que não teriam acontecido se a mãe estivesse presente.

Quando perdemos alguém que amamos para a morte, a vida passa a ter alguns momentos estranhos. É claro que ainda seremos felizes, mas é aí que mora a melancolia. A felicidade é boa e a vontade de partilhá-la com quem se foi persiste.

— Olha se não são as mulheres da minha vida. — Bernardo se aproxima de nós, nos abraçando por trás. Nem me dei conta de que ele havia saído da piscina.

Ele molha completamente nossos vestidos de verão e lhe dou um tapa por isso, mas não me afasto. Somos melhores amigos há muito tempo. Seu pai é meu padrinho e nos conhecemos desde criança. Clara nunca teve ciúme de nossa amizade, já o Rafa... bom, ele precisou de alguns anos para aprender a lidar com isso.

— Há motivos para essa sunga branca, cara? — Rafael pergunta atrás

de nós, referindo-se a sunga de Bernardo.

— É tradição de festas, Rafa. — Bernardo ergue a mão, fingindo que é inocente. — Se controla. — Meu amigo beija os lábios de sua mulher e depois minha bochecha. — Nada de tristeza hoje.

Rafael estreita os olhos, preocupado. Sei que ele tem suas próprias dores. Eu me afasto delicadamente do Bernardo e me afundo nos braços do meu marido. Ele termina de encharcar o meu vestido.

— Vocês dois vão secar a molhadeira que fizeram pela casa, viu? — Aviso, enlaçando-o pela cintura.

— Ah, essa vida... Eu troco fraldas, cozinho, cuido das crianças e ainda vou ter que secar o chão?

— Vai! — Clara e eu respondemos, rindo.

— Afe, porra. — Rafael franze a testa, fingindo estar bravo, mas sorri, puxando meu vestido, enquanto sua boca procura a minha.

Tão natural quanto a luz do dia
Mas que preguiça boa,
Me deixa aqui à toa,
Hoje ninguém vai estragar meu dia,
Só vou gastar energia pra beijar sua boca
Fica comigo então, não me abandona não
Alguém te perguntou como é que foi seu dia
Uma palavra amiga, uma noticia boa
Isso faz falta no dia a dia
A gente nunca sabe quem são essas pessoas
"Céu Azul" – Charlie Brown Jr.

Estamos de volta à área da piscina. Não demora muito e o portão da frente se abre outra vez. Quando o carro entra, Branca, Maurício, Lex e Rodrigo descem dele.

— Eita, Maurício veio de vela da eterna Dona Flor e seus Dois Maridos. — Provoco e os três me respondem ao mesmo tempo com um dedo do meio. Como se essa porra fosse alguma coisa.

Pedrinho e David correm para abraçar o pai. Nessa família louca em

que quase todo mundo é ex de outro, parece natural que o ex-marido da Clara passe a virada do ano conosco. Ele me entrega a Anninha, que agora está com quase dois anos, e se abaixa para abraçar e beijar os filhos.

— Tio Bô! — Priscila vem correndo e se joga nos braços do Rodrigo, que a rodopia no ar. — Vamos brincar! Vamos pra piscina! Vamos jogar videogame depois e cantar e brincar na casinha de bonecas e depois a gente vai pra praia, jogar bola, pro riozinho, tomar sorvete, tocar violão. — Meu Deus! A pequena nem respira.

Rodrigo começa a responder a tudo na mesma velocidade que ela, enquanto entrega o celular e documentos à Viviane, pega Pri no colo e se joga na piscina de roupa e tudo, deixando a criançada maluca. O moleque é o rei dos pirralhos, não tem jeito.

— Não sabia que vocês vinham juntos. — Comento com Maurício.

— Não tinha pra que vir com um carro vazio, ué.

— Achei que você vinha com o Paulo. — Refiro-me ao seu namorado.

— Ele viajou com a família. — Seu tom é meio triste, mas não tenho tempo de fazer mais perguntas porque os outros se aproximam e eu sou discreto, porra.

♪ ♪ ♫ ♫ ♪

Bom, todo mundo chegou, menos o Lucas e a Mila. E, pela

mensagem do André, eles nem saíram de São Paulo ainda.

André é um grande amigo e já foi cunhado do Lex, quando a gente era mais novo. É, eu já falei que nossas relações são intrincadas e complexas. Inclusive, a Manu, ex do Lex, teve bebê há poucos dias e é por isso que eu sei que a Mila ainda está no hospital. Mila é a pediatra da bebê.

E não quer mesmo vir e trazer a Srta. Tropeção da Porra?

Escrevo para o André, que responde, em seguida:

André

Não posso. Não com a Manu e a Diana no hospital ainda.

Não está fácil pra nenhuma delas.

Tô aqui, cara. Pro que precisar.

É o que respondo. Queria dizer que vai dar tudo certo e essas coisas, mas isso não ajuda porra nenhuma quando estamos passando pela situação ruim. Já tive uma bebê prematura, mas o que a Giulia passou não se compara às complicações que a pequena Diana vem enfrentando. Ainda é cedo para dizer se ela vai sobreviver.

Entendo que André fique ao lado da irmã. É exatamente o que eu faria.

— Como ela está? — Lex me pergunta, se aproximando com uma cerveja na mão. Ele sabia que eu estava falando com o André.

— Não dá para saber como nenhuma das duas está, Lex. Manu estável, mas para alguém naquela situação, o que é considerado estável? Diana está com complicações.

— Que barra, meu. — A tristeza surge no semblante do meu amigo. — Ela começou a namorar aquele babaca, que se dizia melhor amigo do André, logo depois que terminamos. Às vezes me pergunto o que teria acontecido se nós nunca tivéssemos terminado.

— Acho que é esse caralho de época. Fica trazendo essas reflexões pra gente, mas tudo é o que tem que ser. — Baixo a voz e olho para a Viviane, que oferece uma toalha para Priscila. — Eu tô preocupado, cara.

Lex segue meu olhar, dá um longo gole na cerveja e pergunta:

— O que o médico disse?

— Que está tudo bem. A Giulia está bem. A Vivi está bem. É claro que vamos ter que acompanhar tudo com ainda mais atenção, mas ele acredita que não devemos nos preocupar. É que bate um medo da porra.

— Sem medo, Rafa. — Me dá dois tapinhas no ombro. — Vamos cuidar delas. Ficar atentos. Vou passar mais tempo no bar para que você passe mais tempo em casa e levamos um dia de cada vez.

Direto, como sempre. Gosto de como ele não tenta me confortar com o que não pode prever.

Abro a boca para dizer algo, mas Rodrigo aparece me interrompendo, balançando o celular.

— Ei, adivinha só quem tá vindo?

Lucas. Ele nem precisa dizer.

Seu sorriso é gigantesco e sua alegria é característica da amizade intensa que ele sente pelo meu primo. Os dois se tornaram irmãos.

Saber que o Lucas está vindo me deixa feliz também. A família permanecerá unida. É assim que tem que ser.

Da piscina, Viviane sorri para mim. Porra, como eu amo essa mulher.

Broken pieces of
A barely breathing story
Where there once was love
Now there's only me
And the lonely[27]
“The Lonely” – Christina Perri

O pessoal começa a tomar banho e se arrumar para a ceia. Lucas e Mila já deveriam ter chegado, mas é natural que se atrasem. É um dia de muito trânsito.

Rafa está dando banho na Giulia enquanto convenço Priscila a ir para o chuveiro. Fico um tempão tentando tirá-la da piscina.

— Se não for tomar banho, não vai ter esconde-esconde depois. — Rodrigo passa atrás de mim.

E um segundo é o tempo que a minha filha leva para sair correndo.

— Não tô acreditando. — Coloco as mãos na cintura e observo a porta por onde ela entrou na casa pronta para o banho.

— Não se culpe, Vi. Mulheres e eu. Você sabe... Elas nunca resistem. — Rodrigo me dá uma piscada, exagerando na pose de galã e bato nele com a toalha.

— Como você é idiota!

— Sou. Confesso. Mas que elas me amam, isso amam mesmo. — Fica rindo atrás de mim e corro para encontrar meu furacãozinho em forma de filha.

Priscila está sentada na cama, balançando as pernas, e termino de pentear seus cabelos negros. Muito mais escuros que os meus e os do Rafael. Tem muito do Rodrigo nela, inclusive os olhos verdes brilhantes. Essa garota será um perigo tão grande para a sociedade quanto seu tio.

Quando termino, ela me dá um abraço apertado e sai correndo pela casa à procura dos primos.

Separo minha roupa para ir para o banho e vejo Fernanda passar rapidamente pelo corredor.

— Fê — Em um instante, estou com o braço em seu ombro. Ela se vira, contrariada, com os olhos cor de mel, avermelhados pelo choro. — Ai, droga. Vem cá. — Levo-a para o meu quarto e tranco a porta. — O que houve?

— Nada, Vivi. — Responde, sem conseguir conter as lágrimas.

— Como nada? Me conta. Você e o Augusto brigaram? — Seguro o “de novo”. Ela não precisa disso agora.

Minha prima se casou bem novinha. Ela estava grávida de Augusto. Os dois se amavam de um jeito tão encantador que parecia que era para ser. Mas há um tempo é visível que ela não está mais feliz. Só que ela nega. A Fernanda sempre nega. E depois do Natal, sabemos que há violência envolvida.

— Foi uma bobeira, Vivi.

— Ok, então me conta a bobeira.

— Já passou.

— Fernanda. — Meu tom é sério.

— Foi uma bobeira, Vivi. — Repete. — Comprei um vestido para o fim do ano e não percebi que era muito decotado. Acabamos brigando. Acontece. Casais brigam. É normal.

— Não pela roupa que o outro veste ou deixa de vestir, Fê. — Digo as palavras devagar, segurando sua mão.

Fernanda evita meu olhar, aperta minha mão e se levanta, enxugando o rosto.

— Pronto. Já passou. Obrigada, prima. — E sem que eu possa dizer qualquer coisa, ela sai do quarto.

Fico perdida em pensamentos por um longo tempo. O quão longe

podemos ir quando percebemos que alguém que amamos não está bem, mas a pessoa se nega a encarar?

Hope is just a ray of what everyone should see
Alone is the street where you found me
Scared of what's behind you
And scared of what's in front
Live whit what you have now
And make the best of what's to come[28]
“Tell Me a Story” – Phillip Phillips

Anoiteceu. A ceia está prestes a ser servida e nada do Lucas e da Mila.

Ouço a risada da Fernanda e olho para trás. Augusto a puxa pela cintura e beija seu pescoço. Acho que ninguém aqui gosta muito do Augusto, mas amamos a Fernanda, então... Estamos todos fingindo que não queremos dar um murro na cara dele.

Coço minha barba, pensativo. Eu era super na minha antes de cruzar o caminho desta família. O problema é que se você é um Albuquerque, um Villa ou se você se relaciona com um, o lema “Um por todos. Todos por um.”

nunca fez tanto sentido, sabe? E para completar agora temos um Athos. Com certeza um mosqueteiro cai como uma luva.

Nós nem tentamos mais disfarçar, quando vemos já estamos cuidando da vida um do outro. Olho no celular outra vez. Nada do Lucas.

— Ele vai chegar. — Vivi me abraça pela cintura e beija minhas costas.

Eu me viro e admiro seus cabelos compridos. Ela voltou a usar um tom de loiro mais claro. O vestido de alcinha cai com perfeição sobre seu corpo. Puxo-a para um abraço e desço a mão até tocar seu ventre.

— Tudo bem com os dois?

Ela assente, feliz.

— E se for uma menina?

— Aí eu vou estar perdido numa casa com quatro mulheres. Quanto mais melhor, amor.

Priscila corre até nós e abraça nossas pernas. Eu a pego no colo e ela se aconchega no meu peito, fazendo carinho no cabelo de sua mãe.

— Só falta a Giulia! — Pri ergue os bracinhos, rindo quando sopro em seu pescoço.

— Ah, nem vem. A Giulia é minha. — Lex se aproxima com a bebê no colo, provocando Priscila.

— Não! Não! — Priscila aponta o dedo. — Devolve minha

bebezinha.

— E se ela for de todos nós? — Lex dá um beijo nos cabelos da Pri e entrega Giulia a Viviane.

— Hum... — Pri bate o dedinho no queixo. — Sou de todos também?

— Com certeza é. — Meu amigo bagunça seus cabelos.

— Então, tá bom, né, papai?

Sorrio pronto para responder, mas a porta da frente começa a se abrir.

— Viu? — Viviane sussurra em meu ouvido. — Eu disse.

— Tio Lu! — Priscila se agita até que eu a coloque no chão e possa correr para os braços do meu primo.

Ela pula no seu colo, abraçando-o com força. Mila sai do carro e Pri dá um gritinho, já que também a adora.

— Acha mesmo que Mila e Lucas não estão transando? — Pergunto, em voz baixa, para Viviane com a sobrancelha erguida.

— Não estão.

— Tem certeza?

A verdade é que eu queria que estivessem. Mila é ótima e Lucas precisa desencanar.

— Sim.

Antes que o portão automático feche, Vicente entra com sua Harley Davidson. Ele tira o capacete e acena para nós. Capto o rápido olhar de

Viviane na direção dele e da Mila.

— Ah, safada! Tá escondendo informações! — Acuso, brincando e ela se afasta, depois de dar de ombros, fazendo uma careta.

Deixo-a ir. Vai me contar mais cedo ou mais tarde. Aperto as mãos na grade da sacada. Priscila corre de um lado para o outro entre os recém-chegados.

Lucas me olha e balança a cabeça de forma afirmativa, me dando um sorriso discreto.

Agora posso respirar.

Em lugar de mil palavras
Deixo o instinto se exercer
Deixa o íntimo silêncio
Percorrer só
Apesar de ser tão claro
Eu não consigo entender
E apesar de ser tão imenso
Cabe em mim
O mundo que você me deu
Não há sensação melhor, não há
Sinto estar
Perdida e salva
“Perdida e Salva” - Sandy

— Obrigada. — Mila diz de dentro do box, quando eu lhe passo a toalha, que ela esqueceu sobre a pia. — Não vou nem secar os cabelos. — Balança os cabelos escuros molhados. — Não dá. Está tão quente que parece que abriram as portas do inferno.

O pessoal está terminando de arrumar a mesa para a ceia e, como precisei trocar a fralda da Giulia, estou conversando com Mila, que tomou

banho no banheiro do meu quarto. Já que Vicente e Lucas usavam os banheiros dos quartos de hóspedes.

Volto com a bebê e a deito na cama. Mila aparece na porta do banheiro, enrolada na toalha e sorri.

— Como a Gigi cresceu. — Seus olhos se enchem de lágrimas. — E pensar que eu não queria que você ficasse com o pai dela, hein? Eu tinha um baita medo que você se machucasse.

— O mesmo medo que sinto em relação a você. Mas, veja só, o que esse amor louco nos deu. — Eu me abaixo para inspirar o perfume dos cabelos da minha caçula.

— Sou uma péssima madrinha. — Suspira e acaricia a barriga da Giulia. — Trabalho tanto que mal a vejo.

— Para de bobeira.

— Às vezes, eu queria isso, sabe? — Ela se senta na beirada na cama. — Uma família.

— Você tem.

— Você me entendeu. — Brinca com os dedinhos da Giulia.

— Se isso o que você quer, tenho certeza de que vai encontrar. Quem diria que eu teria três filhos aos vinte e seis anos?

— Olha, quando eu completar vinte e seis, se estiver treinando para fazer filho, vou achar maravilhoso. Nossa, eu morreria por muito treinamento

nesse quesito agora mesmo. Cara, como transei pouco esse ano. — Ela ri e dá de ombros. — Ah, minha carreira toma demais do meu tempo e, antes do Lucas ir morar lá em casa, nem sabia mais o que era uma refeição quente, quanto mais sexo... Tá difícil

— Como está isso?

— Sexo? Continuo não tendo tempo nem disso. E o Lucas? — Ela se levanta e pega um vestido vermelho fresquinho, na sua mala, no canto do quarto. — Continua maravilhoso na cozinha, com o coração mais gigantesco que já vi e com um baita azar para relacionamentos amorosos. Nunca vi igual. — Tento evitar, mas a questiono com o olhar. — Não, continuamos só amigos e é assim que deve ser. Depois de namorar o Rodrigo e todo o enrosco com o Lex, acho que é melhor manter distância dos caras dessa família, né?

— Ah, é? — Estreito os olhos. — Você sabe que o Vicente pode ter ido embora há anos, mas ele ainda é um Villa, não sabe?

Mila se faz de ofendida, joga a peça de roupa na minha cara e veste sua lingerie.

— Como se eu quisesse algo com aquele imbecil arrogante.

— Uhum. Sei.

— Deixa de ser ridícula, Viviane. — Seu tom é zangado, mas sei que ela não liga para as provocações.

Não demora e ela fica pronta. Quero retocar minha maquiagem e ela desce para a sala com a Giulia.

Alguns minutos depois, quando saio do quarto, Vicente fecha uma porta do outro lado do corredor. Ele veste uma camiseta justa azul e uma bermuda. Seu cabelo loiro escuro está molhado. Observo-o passar a mão por ele e percebo alguns fios grisalhos, que também se espalham por sua barba. E é claro que eles o deixam ainda mais bonito.

— Ainda não tive tempo de te agradecer pelo convite, prima. — Diz com seu forte sotaque espanhol. Ele morou na Espanha com nossa tia avó Carmen por mais de dez anos. E os últimos três passou vivendo na África, atuando como um dos Médicos Sem Fronteiras. Chegou ao Brasil há uns dias.

— Não precisa. Essa é sua família também.

Ele assente, pensativo. Vicente é o mais velho dos meus primos e o que menos conheço. Provavelmente por ter partido tão cedo, quando eu ainda era uma criança. Sempre achei que ele não gostasse de nós. Foi embora e quase não nos visitava. Aí cresci e passei enxergar algo a mais dentro daqueles olhos azuis, iguais aos do vó Fernando. Ele foge. Só não entendi do que ainda.

— Está me analisando? — Ele cruza os braços, e dá um sorriso charmoso.

— Estou. — Confesso, sorrindo.

— Posso perguntar por quê? — Ergue uma sobrancelha.

— Até pode, mas eu não pretendo responder até descobrir algumas coisas.

Sei que há uma atração meio doida entre ele e a Mila. Queria ter uma bola de cristal para saber se ele vai magoá-la ou não. Acho que prever o futuro funcionaria melhor que análise.

Vicente sustenta meu olhar, tentando me analisar também.

— Ei, as crianças estão desesperadas de fome. — Mila aparece no topo da escada atrás de mim. Vicente a olha interessado por um segundo e depois volta a me olhar.

— Por crianças, você se refere ao meu irmão e ao meu marido, certo? — Mila ri em resposta e estreito os olhos para o meu primo, que balança a cabeça, sorrindo, me acompanhando até a escada.

— Por quanto tempo vai ficar desta vez, Vicente? — Pergunto, seguindo seu olhar, que acompanha Mila até que ela suma de vista, indo para a cozinha.

— Está aí uma pergunta que não sei responder...

Resgate suas forças e se sinta bem,
rompendo a sombra da própria loucura.
Cuide de quem corre do seu lado e de quem te quer bem
Essa é a coisa mais pura
“Pontes Inquebráveis” – Charlie Brown Jr.

— A mais um ano com vocês. — Ergo a taça para brindarmos. Ainda estamos a duas horas da meia-noite, mas a fome apertou e não vamos comer sem brindar.

Todos repetem minhas palavras e, finalmente, podemos cair de boca em toda aquela comida.

E, graças aos céus, tudo corre bem. Comemos, bebemos, rimos, revezamos os cuidados com os bebês, tentamos não falar porra na frente das crianças. Ok, eu falei, confesso. Duas vezes. Três, se contar a que só o Pedrinho ouviu.

Ainda assim o jantar foi incrível.

Depois de comermos, Rodrigo liga o karaokê na sala e começa a cantar High School Musical com o Lucas, fazendo as crianças enlouquecerem. Encaro Bernardo, estreitando os olhos. Além da Vivi, ele é o único que já me pegou cantando esta música para a Pri, quando ela ainda era um bebezinho.

Bernardo ri, dando de ombros e me puxa pelo braço. Ah, foda-se. Lá vou eu, o roqueiro tatuado, o bad boy da porra toda, cantar High School Musical com os outros. É claro que aquele moleque do caralho abusa da minha boa vontade e coloca o Show das Poderosas depois. Em seguida, sertanejo atrás de sertanejo. Quase dou um tapão nele, mas deixo, porque é Ano Novo, afinal de contas.

Quando faltam vinte minutos para a meia-noite, alguém fala de ir ver os fogos na praia. Como Anna, Athos e Giulia estão dormindo, ficamos alguns segundos sem saber o que fazer, até que Augusto diz que está cansado e ficará com os bebês e a Fernanda.

— A gente não liga muito pra virada em si.

É automático: todos trocamos olhares. Menos Lucas, que parece ter adquirido um estranho fascínio pelo branco do teto.

— Se você não se importa de ficar com os bebês, tudo bem. Obrigado. — Vicente responde antes que qualquer um de nós possa se recuperar. — Mas minha irmã e o Felipe vão com a gente para a praia, se eles

quiserem. Os bebês estão dormindo. Você não terá trabalho. E há anos que não passo uma virada com minha irmã. É muito importante para mim. — Vicente pega Fernanda pela mão, que se emociona. Isso já era esperado. Ela é doçura pura.

— Eu fico também. — Lex avisou, sentando-se confortavelmente no sofá. — Eles são três. É bom que tenha dois de nós, pelo menos.

— Tudo bem, então. Por mim, tranquilo. — Augusto dá um sorriso, olhando no relógio. — É melhor vocês irem ou não vão chegar a tempo.

No caminho para a praia, as ruas estão movimentadas. Todo mundo quer ver os fogos do melhor lugar. Priscila segue de cavalinho com Lucas, que não olha para trás.

Viviane e eu caminhamos abraçados.

— Você se lembra do fim do ano passado?

— É claro. Tínhamos só a Pri. Ela ganhou aquela garrafinha cor-de-rosa do seu avô e não largava por nada.

— Sim, e no mês seguinte foi a vez do copo azul. — Sua risada preenche meus ouvidos. — Você se lembra quando saiu para caminhar um pouco e levou o violão, porque algo te deixou com vontade de tocar?

— Lembro. Senti meu pai perto de mim. Precisei de um pouco de espaço.

— Eu sei. Aí horas depois, Pri e eu estávamos caminhando e lá veio você ao nosso encontro. Você sorriu e parecia tão feliz, apesar de todas as suas dores. Eu achava que nunca tinha te amado tanto como naquele momento.

— Ah, é? — Beijo seu cabelo.

— Aí você fez qualquer coisa no dia seguinte e senti a mesma coisa.

— É o mesmo comigo. Clichê pra porra, mas a cada dia te amo mais.

Chegamos à praia e Lucas coloca Priscila no chão, que sai em disparada pela areia. Ele corre para alcançá-la e faço o mesmo porque sei que ela é danada.

Seguro-a pela mão e a faço ficar onde posso vê-la, mas me aproximo do mar ou ela não vai parar de falar que quer molhar os pezinhos.

Os outros se aproximam. Pedrinho, David e Felipe pulam na beira do mar, espalhando água para todo lado. É quase meia-noite. Fernanda passa devagar por nós para ficar de olho no filho. O movimento de Lucas é bem rápido e discreto, mas vejo a ponta dos dedos dos dois se tocando por breves segundos. Eles não se olham. Não se olham há muito tempo.

Vicente diz algo à irmã sobre o lugar em que atuou como médico na África. Ele não parece ter percebido nada diferente.

— Eu não vou mais te forçar a vir, Lucas. — Começo a falar, em voz baixa, e ele me olha, em silêncio. — Eu te amo, cara. Te amo pra caralho.

Não quero que vá embora. Não quero que se afaste. Mas também não quero que sinta seu coração se partindo toda vez ela está por perto.

— Ele se parte quando ela não está também. — Sua sinceridade é repleta de tristeza.

— Eu não sei o que faria se estivesse em seu lugar. Porra, se a Vivi estivesse casada com outro cara. Nem sei... — Coloco a mão em ombro. — Você lembra o que o seu pai dizia todos os anos por volta desse horário?

— Sobre o que acontece entre o último e o primeiro dia do ano? — Pergunta com a voz embargada.

— Sim. É o momento de tomar aquela decisão que vai mudar tudo. — Sei o quanto tudo o consome. Nosso luto. Nossa luta. A vida tem a capacidade de ser muito filha da puta, quando quer. — Nem vou te dizer para tomar uma decisão hoje, mas uma vez, quando eu estava na merda, você esteve lá e não deixou que eu me rendesse. Agora sou eu que não vou deixar que você se renda. Tome uma decisão e a assuma. Foda-se qual seja, foda-se o que vão pensar. Se é o que o seu coração quer, vai atrás disso, porra!

Lucas não tem tempo de responder, as pessoas na praia começam a gritar a contagem regressiva.

10...

9...

8...

7...

6...

5...

4...

3...

2...

1...

Os fogos deixam o céu multicolorido. As pessoas se abraçam, choram, se emocionam, se beijam. Quando Viviane me abraça, eu a tiro do chão. Faço o mesmo com Priscila, depois olho para o céu, enviando meu amor àqueles que se foram.

Abraço a todos outra vez e puxo Vivi para mim a tempo de ver Lucas abraçando Fernanda. Para todas as outras pessoas, este é só um abraço de confraternização pela virada. Tolos, tem tantas palavras escondidas em poucos segundos de contato que, se fossem escritas, dariam um livro.

Bernardo e Rodrigo estouram garrafas de champanhe, espirrando em todos nós.

Sobrevivemos a mais um ano e, não importa o que aconteça, sobreviveremos ao próximo também. Não sabemos o que ele trará. Problemas, é claro. Perdas, infelizmente. Alegrias, tristezas. O ano é um pacote completo e nunca é só bom ou ruim.

A nossa certeza é que não importa o quanto a vida nos machuque, sempre teremos um ao outro e isso é suficiente.

Então, com o coração disparando, tomado pela emoção do momento, eu grito:

— Feliz Ano Novo, porra!

Sobre a autora

Bianca Briones cria histórias desde antes de saber escrever. Foi uma menina sonhadora e manteve essa qualidade, o que a faz se perder em pensamentos com frequência. O romantismo explodiu em sua vida na adolescência, quando decidiu que seus filhos teriam nome de heróis. E tiveram — Athos e Arthur são dois garotos encantadores que a salvam todos os dias. Desde 2010, Bianca tem como prioridade a escrita e está sempre trabalhando em um novo projeto, enquanto outros personagens esperam pacientemente (ou nem tanto) que ela também escreva suas histórias.

É autora da série Batidas Perdidas, de “As Fases da Lua” e de “Como se fosse magia”. Atualmente está trabalhando em um novo projeto, enquanto outros personagens esperam pacientemente (nem tanto) que ela também escreva suas histórias. Nas horas vagas, está sempre acompanhada de um bom livro, seus filhos Athos e Arthur; Max, o Husky Siberiano, e seus dois coelhinhos, Morgana e Lancelot.

► Acompanhe suas redes sociais:

https://www.facebook.com/brionesbianca/

https://www.instagram.com/brionesbianca/

► Seus livros estão disponíveis na Amazon.com.br

---

[1] Você me diz que isso vai passar, vai passar, com o tempo/ Você diz que vou me recompor/ Se recomponha, você vai ficar bem! / Diga-me, o que diabos você sabe? O que você sabe?

[2] Onde eu errei, eu perdi um amigo/ Em um momento de amargura/ Eu ficaria acordado com você a noite toda/ Se eu soubesse como salvar uma vida

[3] Não quero ser o último de pé/ Não quero ser o solitário/ Recolhendo pétalas quando a festa acaba/ Não, não é nem um pouco divertido/ Porque eu sou frágil/ E você sabe disso.

[4] Há algumas coisas sobre as quais não falamos/ Melhor continuarmos assim/ E simplesmente segurar o sorriso/ Apaixonado e desapaixonando/ Envergonhado e orgulhoso/ Juntos todo o tempo.

[5] Talvez eu saiba, em algum lugar/ Bem lá no fundo da minha alma, que o amor nunca dura/ E temos que achar outras maneiras/ De permanecermos sozinhos, mas nos manter firmes/ E eu sempre vivi assim/ Mantendo uma distância confortável/ E até agora eu tinha jurado a mim mesma/ Que eu estava satisfeita com a solidão/ Porque nada disso algum dia valeu o risco.

[6] Toda vez que as luzes se apagam e a cidade dorme, eu estou esperando por/ qualquer coisa que seja boa, algo pelo qual valha a pena lutar/ Eu não quero ficar me lamentando, pensando que eu poderia ter sido mais/ Porque eu me importo.

[7] Eu fui idiota por te amar?/ Fui descuidada em ajudar?/ Estava óbvio para todos os outros?/ Que eu caí na mentira/ Você nunca esteve ao meu lado.

[8] Entre os sons da batida, posso ouvir sua respiração/ Destroços estão no chão e apontam como setas para você/ Eu vou rastejar entre os destroços e salvar você antes de mim/ Tragédia bonita/ Nós tínhamos que nos encontrar assim/ Não consigo acreditar que foi assim que você foi enviada a mim.

[9] Oh, metade do meu coração tem o controle da situação/ Metade do meu coração precisa de tempo.

[10] Eu sei que você foi ferido, eu sei que você está quebrado/ Tinha que andar sozinho e não tinha uma mão para segurar/ Mas esses dias solitários acabaram porque estou ao seu lado/ Em cada estrada longa e escura.

[11] Eu atiro para o céu/ Eu estou preso no chão/ Então por que eu tento?/ Eu sei que vou

cair/ Eu pensei que podia voar/ Então, por que me afoguei?/ Eu nunca saberei por que/ Está caindo, caindo, caindo.

[12] Oh, espero que algum dia eu consiga sair daqui/ Mesmo que demore a noite toda ou cem anos/ Preciso de um lugar para me esconder, mas não consigo encontrar nenhum por perto/ Quero me sentir vivo, lá fora não consigo enfrentar meu medo.

[13] Pare de chorar/ Aproveite muito sua vida/ Atravessando pela atmosfera/ E as coisas estão bem legais daqui/ Lembre-se que tudo ficará bem/ Podemos nos encontrar de novo em algum lugar/ Em algum lugar longe daqui.

[14] Apenas um beijo em seus lábios ao luar/ Apenas um toque do fogo ardente/ Não, eu não quero confundir as coisas/ Eu não quero forçar demais/ Apenas um tiro no escuro e você poderá/ Ser o único que eu estive esperando por toda minha vida.

[15] Tudo que tenho, tudo de que preciso, ele é o ar que eu mataria para respirar/ Mantém meu amor em suas mãos, ainda estou procurando por algo/ Sem fôlego, fico esperando que algum dia eu vá respirar novamente/ Vá respirar novamente.

[16] Areia e pedra, luta para reivindicar e possuir/ (Leve meu fardo, eu não posso suportar o peso)/ Guerras foram perdidas, promessas desfeitas/ (Venho lutando, tentando não quebrar)/ Ninguém tem que saber.

[17] Você não sabe que não sou boa pra você?/ Eu aprendi a perder você, não posso me dar o luxo de/ Rasgar minha blusa para estancar seu sangramento/ Mas nada te impede de ir embora/ No silêncio, quando estou voltando pra casa e estou sozinha/ Eu poderia mentir, dizer que eu gosto assim, gosto assim/ Eu poderia mentir, dizer que eu gosto assim, gosto assim.

[18] Ser cuidadoso/ Tudo se iniciou nesta sala/ Não perder de vista até mesmo a sombra/ E fazer uma pausa e parece/ Às vezes, é tudo o que é suficiente.

[19] Eu achei que já havia me machucado antes/ Mas nunca ninguém me deixou tão ferido/ Suas palavras cortam mais do que faca/ Agora preciso de alguém para me trazer à vida/ Sinto que estou afundando/
Mas eu sei que conseguirei sair vivo/ Se eu parar de te chamar de meu amor/ E seguir em frente

[°F] Eu tenho te amado por tanto tempo/ E agora que tenho a chance/ Eu vejo que você precisa dançar sozinha/ Então espero mais um dia/ Talvez mais um ano/ Eu vou estar bem aqui, oh/ Eu vou te levar para qualquer lugar/ Eu vou te colocar em um trono/ Vou sossegar meu coração, eu juro/ E vou ter certeza de que você nunca vai estar sozinha

[20] Esta é a minha música de luta/ Música de recuperar a minha vida/ Música de provar que estou bem/
Meus poderes ligaram/ A partir de agora eu vou ser forte/ Eu vou tocar a minha música de luta/ E eu realmente não me importo/ Se ninguém mais acredita/ Porque eu ainda tenho/ Muita força sobrando em mim

[21] Eu não sei por que/ Mas toda vez que eu olho nos seus olhos/ Eu vejo milhares de estrelas cadentes, e sim, eu te amo/ Mal posso acreditar que toda noite você está ao meu lado/ Prometo que ficarei aqui até a manhã/ E te pegarei quando você estiver caindo/

Quando a chuva engrossar, quando você se cansar/ Eu vou te tirar do chão e te consertar com meu amor/ Meu único amor/ Meu único amor.

[22] Estou caindo/ Em todos os bons momentos/ Eu me vejo almejando uma mudança/ E nos momentos ruins, eu tenho medo de mim mesma/ Eu estou à beira do precipício, assista enquanto mergulho/ Eu nunca vou tocar o chão/ Caio através da água/ Onde eles não podem nos machucar/ Estamos longe da superfície agora.

[23] Eu vejo sombras lá em baixo das montanhas/ Eu não tenho medo mesmo se a chuva não parar/ Porque você ilumina o caminho, você ilumina o caminho/ Você ilumina o caminho/ Eu tenho tudo que eu preciso quando tenho você e eu/ Eu olho ao meu redor e vejo uma vida boa/ Estou presa no escuro, mas você é a minha lanterna/ Você me guia, me guia no meio da noite.

[24] Como uma febre/ Ardendo rapidamente/ Você reluz o fogo em mim/ Loucos sentimentos/ Me deixam rodopiando/ Eles me deixam a todo vapor

[25] O amor é abrigo/ Em uma feroz tempestade/ O amor é paz/ No meio de uma guerra/ E se a gente tentar sair/ Que Deus mande anjos para guardar a porta/ Não, o amor não é uma luta/ Mas vale a pena lutar por ele

[26] Eu vou ficar aqui ao seu lado/ Fazer o meu melhor para te manter satisfeita/ Nada no mundo pode me afastar/ Porque todo dia, você vai me escutar dizer/ Querida, eu sou seu (Querida, eu sou seu)/ E eu serei seu (seu) ate quando dois e dois for igual a três/ Seu (seu) até que a montanha desmoronem no mar/ Em outras palavras, até a eternidade

[27] Broken pieces of/ A barely breathing story/ Where there once was love/ Now there's only me/ And the lonely

[28] A esperança é um raio que todos deveriam ver/ Você me encontrou sozinho na rua/ Assustado com o que veio antes de você/ E com medo do que vinha pela frente/ Viva com o que você tem agora/ E faça o melhor com o que está por vir